

INÊS VALÉRIA ANTOCZECEN

**O RETORNO DA HISTÓRIA: A FESTA DAS NAÇÕES (MALLET/PR) – UM
ESTUDO EM TORNO DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS ENTRE POLONESES E
UCRANIANOS.**

**IRATI
2015**

INÊS VALÉRIA ANTOCZECEN

O RETORNO DA HISTÓRIA: A FESTA DAS NAÇÕES (MALLET/PR) – UM ESTUDO EM TORNO DAS FRONTEIRAS ÉTNICAS ENTRE POLONESES E UCRANIANOS.

Dissertação apresentada à linha de pesquisa *Regiões: práticas socioculturais e relações de poder* do Programa de Pós-Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro – Oeste / UNICENTRO, Campus de Irati / PR, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner

**IRATI
2015**

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

ANTOCZECEN, Inês Valéria.

A634 O retorno da história: a festa das nações (Mallet/PR) – um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos. -- Irati, PR : [s.n], 2015.

157f.

Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa Regiões: práticas socioculturais e relações de poder

1.História - Paraná. 2. Dissertação. 3. Migração. 4. Emigração.
I. Schörner, Ancelmo. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 20 ed. 981.62



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

Inês Valéria Antoczeczen

“O Retorno da História: a festa das nações (Mallet/PR) – um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos”

Dissertação aprovada em 27/02/2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr. Robson Laverdi
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Titular

Dr. José Adilson Campigoto
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. Ancelmo Schörner
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2015

AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa pesquisa, agradeço a todas as pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente para que ela pudesse ser realizada.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me dar forças, na luta incansável para a resolução de todas as dificuldades enfrentadas no decorrer da Pós-Graduação.

Ao prof. Dr. Ancelmo Schörner que me aceitou como orientanda e me apoiou durante o percurso da pesquisa, contribuindo através do seu conhecimento para a escrita da dissertação.

Ao professor Emerson Rigoni, o qual foi um amigo que me incentivou a fazer a seleção de mestrado e a prosseguir com os estudos.

As professoras e a diretora da Escola Divino Espírito Santo que me apoiaram nos dias que eu precisava me ausentar do trabalho para cursar as disciplinas de Pós- Graduação, especialmente a professora Diva.

A querida amiga e secretária Cibele Helena Zwar Farago, que além de auxiliar de maneira brilhante em seu trabalho de secretária, foi uma adorável amiga, a qual sempre me apoiou na resolução de todas as dificuldades através de suas carinhosas palavras, não medindo esforços quando a ela recorria.

Ao prof. Dr. Hélio Sochodolak, Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, que me auxiliou com o apoio e com a documentação necessária quando a ele recorri.

A todos os professores que ministraram as Disciplinas de Pós-Graduação: Claércio Ivan Schneider, Fernando Franco Netto, Liliane Freitag, Ancelmo Schörner, José Adilson Campigoto e Hélio Sochodolak, os quais contribuíram de maneira significativa para a conclusão do Mestrado em História.

Aos meus amigos Rodrigo dos Santos, Mari Lins, Jaciele, Neide, Eduardo, Rogério, Lourenço, Eliane, Ivan, Gustavo, Valdir, Adriana e Regiane que foram uma segunda família no andamento das aulas.

Em especial ao amigo Rodrigo dos Santos, que mesmo após o término das disciplinas continuamos trocando ideias e preocupações no decorrer da escrita da dissertação.

As pessoas que contribuíram com essa pesquisa por meio de seus depoimentos: Andreiv Choma, Paulo Choma, Irene Matoski, César Loyola Flenik,

Roseli Harmatiuk, Maria Anízia Koslinski, Gleise Lopacinski, Tereza Prsybyszewski, Lucas Antunes dos Santos, Maria Margarete Grden, Waldinéia Vandrovieski e Guisélia Wronski.

Aos membros da Banca examinadora, prof. Dr. José Adilson Campigoto e prof. Dr. Robson Laverdi pela leitura e pelas contribuições durante a banca de qualificação e defesa.

A meu pai Valdomiro e a minha mãe Verônica pelo carinho e pelo apoio durante a trajetória da Pós-Graduação.

A minha irmã Ana Maria que se fez presente em todos os momentos, me apoiando durante o percurso da Pós - Graduação e da escrita da dissertação.

A todos que contribuíram diretamente ou indiretamente, os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

As fronteiras étnicas surgem entre diferentes grupos étnicos quando entre eles há o intuito de se diferenciar. O objetivo desta dissertação é fazer um estudo sobre as fronteiras étnicas entre as etnias polonesa e ucraniana entre 1993, ano da realização da Festa das Nações, até os dias atuais. No decorrer do trabalho são apresentados aspectos da convivência dos poloneses e ucranianos em terras europeias e a formação de fronteiras étnicas que surgiram entre ambas as etnias ainda em terras europeias devido às disputas territoriais e no Brasil conforme os depoentes, elas foram retomadas baseadas no passado histórico. Perseguiu-se ainda sobre a maneira como as divergências em relação ao território europeu influenciaram na reafirmação e manutenção das fronteiras étnicas no município de Mallet. O organizador da Festa das Nações ressaltou que como possibilidades de aproximação das etnias polonesa e ucraniana houve o interesse em organizar a Festa das Nações em 1993, para a qual foram formados os grupos folclóricos Mazury (polonês) e Spomen (ucraniano) que apresentaram suas danças típicas no decorrer do evento e atualmente são vistos como os principais preservadores da cultura polonesa e ucraniana no município. Porém, a Festa das Nações foi realizada somente uma vez. Sendo assim buscou-se analisar os motivos pelos quais não foram organizadas Festas das Nações nos anos posteriores. Para fundamentar a pesquisa foram consultadas bibliografias referentes ao tema, assim como fontes orais, através das quais foi possível realizar argumentações que nortearam o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras Chave: Festa das Nações; fronteiras étnicas; poloneses; ucranianos.

ABSTRACT

The Ethnic boundaries arise between different ethnic groups when among them there in order to differentiate. The objective of this dissertation is to make a study on ethnic lines between the Polish and Ukrainian ethnic groups between 1993, the year the day of Festival of Nations, to the present day. Throughout the paper we describe the coexistence of Poles and Ukrainians in European lands and the formation of ethnic boundaries have emerged between the two ethnic groups still in European lands due to territorial disputes and Brazil according to statements, they were taken based on past history. It peered still on the way deviations from the European territory influenced the reaffirmation and maintenance of ethnic boundaries in the city of Mallet. The organizer of the Festival of Nations stressed that as possibilities of approximation of Polish and Ukrainian ethnic groups there was great interest in organizing the Festival of Nations in 1993, for which they were formed the folk groups Mazury (Polish) and Spomen (Ukrainian) who presented their dances typical during the event and are currently seen as the main preservers of Polish and Ukrainian culture in the city. However, the Festival of Nations was performed only once. So we tried to analyze the reasons they were not organized Festival of Nations in later years. In support of research bibliographies were consulted on the subject, as well as oral sources, through which it was possible to make arguments that guided the development of the research.

Keywords: Festival of Nations; ethnic boundaries; Polish; Ukrainians

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: MAPA DA POLÔNIA NO PERÍODO DA DIVISÃO ENTRE AS TRÊS POTÊNCIAS: RÚSSIA, PRÚSSIA E ÁUSTRIA	24
MAPA 02: MAPA DO MUNICÍPIO DE MALLETT	46

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: INFLUÊNCIA DOS COLONOS POLONESES AO PARANÁ ENTRE 1890 – 1894.....	36
TABELA 02: INFLUÊNCIA DE POLONESES E UCRANIANOS AO BRASIL ENTRE 1895 – 1900.....	37
TABELA 03: NÚMERO DE COLONOS POLONESES QUE SE ESTABELEcerAM NO PARANÁ ENTRE OS ANOS 1900 – 1914.....	38
TABELA 04: DEMONSTRATIVO DA IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL - PERÍODO 1871 – 1914.....	39
TABELA 05: DEMONSTRATIVO DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O BRASIL - PERÍODO 1895 – 1914.....	39

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: INTEGRANTES DO GRUPO FOLCLÓRICO POLONÊS NA ABERTURA DA FESTA DAS NAÇÕES	89
IMAGEM 02: GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO NA APRESENTAÇÃO DA FESTA DAS NAÇÕES	91
IMAGEM 03: DESCENDENTES CANTANDO O HINO DURANTE A FESTA DAS NAÇÕES	97
IMAGEM 04: PESSOAS QUE TRABALHARAM NO PREPARO DE ALIMENTOS DURANTE A FESTA DAS NAÇÕES.	103

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	05
RESUMO	07
ABSTRACT	08
LISTA DE MAPAS	09
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE IMAGENS	11
INTRODUÇÃO	14
1 BREVE HISTÓRICO DA POLÔNIA E DA UCRÂNIA	22
1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA OCUPAÇÃO DA POLÔNIA	22
1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO TERRITÓRIO UCRANIANO	26
1.3 EMIGRAÇÃO DOS POLONESES E UCRANIANOS PARA O BRASIL	31
1.4 O IMAGINÁRIO EM TORNO DO PARAÍSO IDEALIZADO	40
1.5 TRAJETÓRIAS E INSTALAÇÃO DOS ESLAVOS EM TERRAS BRASILEIRAS	43
1.6 OS GRUPOS ÉTNICOS E A BUSCA POR UMA IDENTIDADE ÉTNICA	49
2 FESTAS E UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS SIGNIFICADOS	68
2.1 A HISTÓRIA ESCRITA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UM LEVANTAMENTO DA CONVIVÊNCIA DOS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NAS FESTAS ANTERIORES A FESTA DAS NAÇÕES	73
2.2 ALGUNS ASPECTOS DA FESTA DAS NAÇÕES	80
2.3 ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS MAZURY E SPOMEN	88
2.4 AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE AS CULTURAS POLONESA E UCRANIANA	92
2.5 HINO DAS ETNIAS PARTICIPANTES: UM MOMENTO DE EMOÇÃO ENTRE OS DESCENDENTES	97
2.6 SOCIALIZAÇÃO DAS ETNIAS DURANTE A FESTA DAS NAÇÕES	104
3 O ENIGMA DA FESTA DAS NAÇÕES: QUAL FOI O MOTIVO DE SER ORGANIZADA ISOMENTE UMA VEZ?	111
3.1 RELACIONAMENTO DOS INTEGRANTES DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS MAZURY E SPOMEN APÓS A FESTA DAS NAÇÕES	116

3.2 GRUPOS FOLCLÓRICOS E A BUSCA PELA IDENTIDADE ÉTNICA.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
GLOSSÁRIO	141
FONTES ORAIS.....	141
INFORMAÇÕES DOS ENTREVISTADOS	143
REFERÊNCIAS	148
ANEXOS.....	153

INTRODUÇÃO

Após realizar análises bibliográficas acerca dos processos imigratórios de poloneses e ucranianos para o Brasil, identificou-se que durante um longo período os poloneses e ucranianos conviveram com problemas territoriais em seus países de origem. Foram diversas invasões de países como a Rússia, Prússia e Áustria, inclusive da Polônia em território ucraniano, os quais buscavam aglomerar terras a fim de ampliar seus territórios. Essas invasões assolaram o território polonês e ucraniano, fato que modificou as fronteiras territoriais e identitárias dos eslavos (poloneses e ucranianos); influenciando a hostilidade étnica que iniciou em terras europeias e resistiu após a travessia do oceano, aportando em terras brasileiras, inclusive na região de Rio Claro do Sul, atual distrito do município de Mallet, local onde se iniciou o núcleo imigratório e posteriormente se expandindo para o resto do município.

As fronteiras étnicas e identitárias entre poloneses e ucranianos tiveram início durante o século XVI, devido ao casamento dinástico que aconteceu entre as famílias reinantes da Polônia e da Lituânia. Nesse período, a Lituânia já estabelecia poderes no território ucraniano. Após o casamento os ucranianos passaram a ser dominados pelo rei da Polônia, o qual influenciou os ucranianos a aderir à cultura polonesa, fato que gerou uma relação de hostilidade entre as etnias. Os poloneses perderam seus domínios sobre as terras ucranianas com a expansão territorial da Rússia e da Prússia, os quais além de dominar o território ucraniano, estabeleceram seus domínios sobre o território polonês, deixando-os em situação semelhante a que viviam os ucranianos: pois, eram obrigados a assimilar a cultura dos países invasores e forçados à servidão, não tendo direito sobre as terras de seus países.

Durante o século XIX, período que tanto poloneses quanto ucranianos se encontravam sob o jugo da Rússia, Prússia e Áustria, na Polônia e na Ucrânia a população mais carente enfrentava problemas com a falta de terras para o plantio, setor industrial precário, dificuldades sociais e culturais. No mesmo período acontecia no Brasil à substituição da mão de obra escrava por trabalhadores livres e também pela política de povoamento da Região Sul. Neste contexto, o objetivo do governo paranaense foi promover a vinda de imigrantes europeus, a fim de desenvolver o Estado Paranaense a partir de práticas de povoamento.

Como havia problemas com a falta de terra nos países: Polônia e Ucrânia, o governo brasileiro investiu na campanha imigratória, incentivando a vinda de poloneses e ucranianos, os quais foram influenciados pelas promessas de facilidade que encontrariam no Brasil. Foi nesse contexto que um número expressivo dessas duas etnias decidiu deixar seus países e atravessar o mar, tomados por um imaginário construído a partir das facilidades que seriam encontradas, como lhes havia afirmado os agentes de colonização.

A campanha imigratória do século XIX foi responsável pela chegada de milhares de europeus ao Sul do país. Foi nesse contexto que os poloneses e ucranianos vieram para o Brasil e se estabeleceram em diversas localidades, sendo uma delas a colônia Rio Claro do Sul, atual distrito de Mallet, região Centro-Sul do Paraná, que no final do século XIX recebeu uma grande leva de imigrantes.

O município de Mallet desenvolveu-se devido ao trabalho dos poloneses e ucranianos que transformaram as florestas em colônias e posteriormente contribuíram para a fundação da cidade. Em 1903, teve início à construção da estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo e passava pela região. Em seguida foi construída a Estação Ferroviária denominada Marechal Mallet, assim através dela muitas famílias estabeleceram-se nas redondezas, formando um pequeno povoado.

Com o crescimento proporcionado pela estrada de ferro, o povoado recebeu nos anos seguintes novos imigrantes poloneses e ucranianos. A emancipação política administrativa ocorreu no ano de 1912, quando a região foi desmembrada do município de São Mateus do Sul, recebendo o nome de São Pedro de Mallet, posteriormente Marechal Mallet e, através do Projeto de Lei nº 2645 de 10/04/1929, passou a denominar-se apenas Mallet.

A presente pesquisa visa analisar o município de Mallet como uma região onde conforme narrativas e segundo os depoentes aconteceu à reafirmação das fronteiras étnicas entre os imigrantes e posteriormente entre os descendentes de poloneses e ucranianos, os quais fundamentados no passado histórico de invasões territoriais tinham como um dos principais objetivos manter a sua identidade cultural e étnica buscando se distanciar da etnia com cultura semelhante.

Em relação aos estudos voltados a região, já foram apresentadas diversas definições, porém definir região não é uma tarefa simples, a significação pode mudar constantemente. Do ponto de vista prático é possível definir região como um espaço

territorial físico, marcado e delimitado geograficamente por fronteiras políticas e administrativas dentro de um território. Mas, a divisão regional pode ser definida através de diversos aspectos e dessa maneira aumentar ou diminuir no decorrer do tempo, em função de diversas razões, sendo elas políticas, econômicas, sociais, culturais ou simbólicas. Conforme Bourdieu (2010, p. 114):

A etimologia da palavra região (régio), tal como descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da divisão [...]. A régio e suas fronteiras não passavam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz fines), impor a definição (outro sentido de fines) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma o princípio da divisão legítima do mundo social.

As regiões são unidades básicas de saberes geográficos e históricos, resultantes de um trabalho humano em determinados espaços, onde o ser humano pode modificar através de suas ações e estabelecer fronteiras implantando outras regiões, criando diversas possibilidades, dando formas diferentes e particulares. Para compreender essa dinâmica é fundamental que o pesquisador se aproxime de seu objeto de estudo, observando, descrevendo e interpretando a individualidade de cada região. Bezzi (2003, p. 69) ressalta que:

A região é uma apropriação simbólica de uma porção de espaço, por um determinado grupo, o qual é também um elemento constitutivo da identidade regional. A região, sob o enfoque da identidade cultural, passa a ser entendida com um produto real, é concreto, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social. Estudar a região sob a perspectiva da identidade cultural é manipular o código de significações nela representado.

A classificação do conceito de região não provém somente de estudos científicos, sendo que região não pode ser compreendida como algo objetivo, mas sim através dos acontecimentos que fazem com que uma extensão territorial adquira certo significado, atribuindo-lhe um valor histórico. Como relata Bourdieu (2004), região pode ser compreendida como resultado de uma construção simbólica, sendo, portanto um produto de disputas entre as diferentes áreas do saber, cujo poder é definir os sentidos e os limites que podem ser atribuídos a ela.

Para Bourdieu (2004), a noção de região estabelece um vínculo com a cultura, portanto as diferentes classes estão envolvidas em uma luta “propriamente

simbólica”. Para impor uma definição ao mundo social de acordo com seus interesses, o poder simbólico pode tanto exercer função dentro dos conflitos diretos da vida cotidiana, social, quanto ocasionar a luta entre os especialistas da produção simbólica. Essa situação pode ser identificada entre descendentes de poloneses e ucranianos em Mallet, entre os quais subentende que pode ter estabelecido entre si lutas simbólicas para diferenciar e sobressair uns frentes os outros, guiados pelo imaginário criado ainda em território europeu e que se deduz estar presente entre grande parte da população malletense, transformando a região em um campo de lutas simbólicas.

Como ressalta Bourdieu (2010), um campo pode ser estruturado através das relações objetivas, entre as posições ocupadas entre as instituições e seus agentes, os quais são responsáveis por determinar as formas das interações, sendo que um campo pode ser configurado através das posições, das lutas, ou a partir de interesses de diferentes grupos. Ainda pode ser estruturado através das relações de poder, as quais se traduzem numa relação de forças, segundo o capital simbólico, cultural dos agentes e instituições. Os sistemas simbólicos podem atuar como instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento e asseguram a dominação de uma classe sobre outra a partir de instrumentos de imposição da legitimação. Como aponta Bourdieu (1989, p. 12) “o campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção, que os produtores servem aos interesses dos grupos exteriores do campo de produção”. Deste modo, a luta de classes passa a ser uma luta pelo domínio do poder simbólico e pode ser travada nos conflitos simbólicos cotidianos.

Contudo, dessa forma é possível reconhecer que a região não é somente um espaço, mas sim o tempo, a história. O espaço geográfico pode ser definido como polo de intensas lutas que ocorrem entre povos para a implantação das fronteiras territoriais, étnicas ou culturais. Essas fronteiras são estabelecidas quando sobre um espaço são impostas relações de poder de um determinado ou determinados grupos.

É importante salientar que a noção de região dentro da história e da sociedade vai além das fronteiras e dos limites. Os poderes simbólicos conseguem impor significações e legitimá-las, afirmando-se como instrumentos de integração social. Por consequência, as lutas simbólicas através da legitimação estão presentes

no cotidiano de uma região ou sociedade. Como discute Bourdieu (2004), trazer a noção de região para um debate local, significa em parte, assumir uma posição em relação aos poderes simbólicos na tentativa de lhes dar sentido dentro de um espaço, tempo e local presumido.

Optou-se como recorte temporal para a presente pesquisa o ano de 1993, em que aconteceu a Festa das Nações, no município de Mallet, a qual foi vista como um marco para a retomada dos aspectos culturais dos descendentes de poloneses e ucranianos. Esse estudo buscou dados da data citada até os dias atuais, cujo objetivo é analisar como a cultura das descendências polonesa e ucraniana estão sendo preservadas no município e como elas contribuem para a própria afirmação dessas etnias.

Quando os ucranianos chegaram até a região de Rio Claro do Sul, encontraram os poloneses (povos que em seus imaginários haviam estabelecido domínio em seu território) já estabelecidos na região, deste modo viam-se novamente nas mãos dos seus antigos inimigos. Com o objetivo de reafirmar a sua própria identidade, buscaram um meio de se diferenciar diante da etnia contrária, impulsionados pelo imaginário criado ainda em terras europeias. Deste modo criaram a fronteira étnica, a qual se perpetuou entre os mesmos, de modo que tanto polônês como ucranianos não conseguiram se libertar dos esquemas de pensamento, mantendo-se afastados uns dos outros, inclusive nos aspectos culturais (HORBATIUK, 1989).

Diante disso, se almeja fazer uma análise das fronteiras étnicas entre imigrantes poloneses e ucranianos e posteriormente entre seus descendentes com o objetivo de compreender como se dá à convivência de ambas as etnias no município. Na presente pesquisa também será feita uma abordagem sobre a Festa das Nações realizada em 1993, a qual conforme o organizador foi realizada com o intuito de promover a aproximação dos descendentes de poloneses e ucranianos, como será ressaltado no decorrer da dissertação. Porém, mesmo tendo uma participação maciça da população, a festa não teve continuidade, para tanto se fará uma análise sobre o referido acontecimento procurando responder a problemática da pesquisa, que consiste em analisar o porquê não aconteceram novas edições da Festa das Nações, e identificar se as fronteiras identitárias entre os descendentes de poloneses e ucranianos influenciaram para o término do evento.

Para embasar a problemática da pesquisa foram analisadas fontes bibliográficas referentes ao tema relacionado à imigração, e também foi possível discorrer a cerca dos escritos regionais e de fontes orais, que possibilitaram o desenvolvimento da dissertação.

Em relação às fontes históricas, Veyne diz que “elas se constituem como a matéria prima da história, sendo que a primeira tarefa do historiador seria a pesquisa tão sistemática quando possível das fontes históricas” (Veyne, 1998, p. 81). A teoria permite perguntar cabendo às fontes respondê-las. Durante muito tempo os historiadores se limitaram as fontes propriamente ditas, aos documentos escritos, aos textos. A Escola dos Annales como um movimento de *La nouvelle histoire*, passa a considerar e entender como fonte todo o produto específico da atividade humana. Tendo em vista a projeção dessa pesquisa, que pretende um estudo de caso, procurando abordar a Festa das Nações e a cultura dos descendentes de poloneses e ucranianos no município de Mallet, será realizado um levantamento de fontes orais, considerando que as fontes orais são um meio de recuperar os aspectos do passado, visto que não há registros escritos sobre a Festa das Nações. As entrevistas realizadas com os descendentes de poloneses e ucranianos, assim como as pessoas que participaram da Festa das Nações serão fundamentais para fazer uma análise sobre a realização da mesma. Em relação à concepção de fontes orais Thompson (1992, p. 137) enfatiza que

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a História. Enquanto os historiadores estudam os atores da História à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações, sempre estariam sujeito a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral transforma os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

Devido à escassez de registros escritos sobre a Festa das Nações, a história oral será a principal aliada, da qual será feito uso para analisar a Festa das Nações por considerar que a história oral é um procedimento metodológico que usa fontes, documentos, registros, uso de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em várias dimensões (DELGADO, 2006).

Veyne (1998) enuncia que embora as fontes orais sejam menos seguras, pois se ausenta delas o suporte material, expondo-as mais do que em relação às outras tipologias de fontes, o recurso alternativo que está sendo adotado pelos pesquisadores hoje em dia, é a fixação delas através de gravações e registros passados por escrito. Entende-se que os aportes referentes a fontes orais, permanecem com relevante importância, particularmente em pesquisas que fazem menção às sociedades rurais, herdeiras de uma longa e lenta história, como seria a história dos imigrantes e descendentes de imigrantes eslavos no município de Mallet.

Por conseguinte, para realizar o estudo sobre os poloneses e ucranianos em Mallet, pretende-se teorizar através de fontes bibliográficas e principalmente através de relatos de descendentes dos imigrantes, enfatizando suas histórias através da cultura. Deste modo, é priorizada a fonte oral como instrumento de análise do trabalho. Além disso, a aproximação da história dos imigrantes e descendentes poloneses e ucranianos em Mallet com as teorias ajudará a produzir um trabalho que esclareça os vínculos da comunidade com a história.

Salienta-se que na História Nova tudo é passível de uma história, onde se percebe o alargamento do campo histórico, onde todas as relações sociais podem ser tematizadas. O conteúdo histórico do passado se estabelece como investigável constituído de relações inumeráveis, tematizadas e constantemente refeitas. Acredita-se que essa revisão historiográfica constante forneça o subsídio para a afirmação do caráter aberto da história, quando não existem respostas definitivas e perfeitamente aceitáveis no âmbito historiográfico.

Há inúmeros escritos voltados a imigração polonesa e ucraniana que abordam o período em que aconteceu a imigração. No entanto, a ausência de registros posteriores e pesquisas voltadas a história local, levou a propor este trabalho. Na graduação foi realizada uma pesquisa voltada as divergências entre poloneses e ucranianos em Mallet, a qual trouxe algumas dificuldades em relação às fontes escritas, porém as fontes orais ainda presentes na época auxiliaram na efetivação do trabalho.

Deste modo, uma das justificativas apresentadas vem tecer algumas considerações em torno de uma história, que embora seja parte constituinte da história sócio-cultural do Brasil, possui determinadas particularidades que merecem ser contextualizadas na perspectiva de buscar uma história regional e local.

O primeiro capítulo desse trabalho dissertativo abordará uma síntese histórica sobre a Polônia e a Ucrânia, cujo objetivo foi buscar os motivos que levaram esses povos a deixar sua terra natal, abordando as invasões históricas que aconteceram nos dois países e a crise econômica que ambos estavam enfrentando no período que aconteceu a emigração em massa. Também são abordados os fatores que contribuíram para a formação das fronteiras étnicas entre os poloneses e os ucranianos em território europeu. Como identificado nas fontes orais essa situação contribuiu para a reafirmação em território brasileiro e o imaginário criado em torno das terras brasileiras que influenciou no deslocamento de grande número de pessoas rumo às terras brasileiras. Busca-se contextualizar os processos imigratórios que ocorreram entre o fim do século XIX e o início do século XX, fazendo uma análise acerca dos motivos que levaram o governo brasileiro a investir na propaganda imigratória, a instalação dos imigrantes no território brasileiro.

No decorrer do segundo capítulo foi realizada uma análise acerca da Festa das Nações, para identificar o objetivo da realização da mesma, os aspectos culturais abordados durante o evento, assim como analisar a convivência dos descendentes de poloneses e ucranianos durante a sua realização.

No terceiro capítulo foi feita uma reflexão dos possíveis motivos pelos quais a Festa das Nações não foi organizada nos anos posteriores, assim como uma análise das fontes orais para verificar de que maneira aconteceu a socialização dos descendentes de poloneses e ucranianos, principalmente entre os grupos folclóricos após a Festa das Nações. E ainda, de que forma eles se relacionam na atualidade, com o intuito de compreender os motivos pelos quais a Festa das Nações foi organizada somente uma vez sem ter continuidade.

Através desta pesquisa espera-se contribuir para a história do município de Mallet, registrando os aspectos culturais, construindo algumas considerações em torno da história dos poloneses e ucranianos no município fazendo o registro de momentos importantes da história de Mallet, os quais jamais serão lembrados no futuro se não registrados no período em que ainda existem informações junto às entrevistas realizadas com os descendentes.

1 BREVE HISTÓRICO DA POLÔNIA E DA UCRÂNIA

Durante muitos anos os poloneses e ucranianos, viviam sob dominação de outros países, cujas invasões assolaram territórios e interferiram na política, cultura e economia da Polônia e da Ucrânia, modificando as fronteiras territoriais, e identitárias dos poloneses e ucranianos.

Diante das invasões que ocorriam os mesmos viviam em situações precárias em seus países de origem, fato que fez com que muitos optassem em buscar novos meios de sobrevivência em países distantes, inclusive no Brasil com será abordado no decorrer do trabalho.

1.1 - ASPECTOS HISTÓRICOS DA OCUPAÇÃO DA POLÔNIA

A Polônia está localizada no centro geográfico, do continente europeu, é um país marcado por várias invasões, causa da modificação de suas fronteiras territoriais. A história das invasões do território polonês teve início ainda durante o século X, com o reinado de Muszko I, que era soberano da estirpe do Piast, o qual após o seu casamento com a princesa Dobrava da Bohêmia, se aliou ao reino. O casamento com a princesa fez com que o mesmo se convertesse ao cristianismo¹ e se firmasse um importante governante. A conversão ao cristianismo facilitou a concretização de seu objetivo em unir a Pomerânia ao seu reino, que era uma região de poloneses pagãos, e já dominados pelo império germânico, liderada por Otto II (IARUCHINSKI, 2000).

No entanto o imperador alemão, não cedeu facilmente às terras que havia usurpado, porém com a morte de Otto II, no início dos anos 1000, deu-se início a primeira grande guerra entre poloneses e germânicos, e se prolongou por cerca de 18 anos, fato que assolou as principais cidades polonesas (IARUCHINSKI, 2002).

Assim se deram várias invasões e destruições ao longo dos anos, o governo alemão, usava de diversos mecanismos para enfraquecer a nacionalidade polonesa, expulsando do território os poloneses que resistiam à servidão e os que não aceitavam tornarem-se súditos dos países invasores (BUCHMANN, 1995).

¹O cristianismo adotado pela Polônia foi uma das principais características que auxiliaram na construção de uma identidade étnica diferente da de seus vizinhos, como os ucranianos por exemplo. A Polônia adotou o ritual ocidental do cristianismo, sendo que os principais países do leste europeu adotaram o ritual disseminado pelo império bizantino (RAMOS, 2006, p. 19).

Na segunda metade do século XIV, o país ocupava a proporção de um milhão de quilômetros quadrados de todo o território europeu. Era um país em crescimento, sendo que já havia sido implantada nessa época a Universidade de Cracóvia, a segunda Universidade da Europa Central. Na Polônia acontecia no período grande prosperidade, que se deu através da boa produção de trigo, levando o país a ocupar uma posição de destaque no mercado europeu (URBAN, 2004).

Devido ao crescente desenvolvimento do país, pode-se constatar que a Polônia passou a ser centro de disputas territoriais, onde os países considerados como grandes potências no período, objetivavam usufruir do território polonês, sendo assim, “De invasão em invasão, desde 1795 a Polônia praticamente desapareceu no mapa europeu, com a partilha das terras polonesas entre Áustria, Rússia e Prússia” Urban (2004, p. 23). Com o objetivo de usufruir do território polonês

[...] entre 1793 e 1795 os russos ocuparam os territórios polacos e a Polônia como entidade política e geográfica deixou de existir. Numa primeira partilha em 1793, a Prússia anexou Gdansk, Torun, Polônia Maior, parte da Mazóvia e Kujavia, (57 mil Km²). A partilha foi completada em 1795, quando a Áustria também reclamou direitos sobre as terras polacas. A nova divisão acabou assim: A Áustria ficou com 47 mil Km² na parte Meridional, a Prússia com 48 mil Km² no Noroeste e a Rússia com os restantes 120 mil Km² (IAROCINSKI, p. 23).

Portanto, ressalta-se que o território polonês foi tomado ao longo de sua história pelos países invasores como aparece na imagem a seguir.

MAPA 1 - Mapa da Polônia no período da divisão entre as três potências: Rússia, Prússia e Áustria.



Fonte: URBAN, 2004, p. 24.

Os países que haviam invadido o território polonês implantaram sua própria política de dominação sobre o território conquistado, submetendo os poloneses à condição de penúria. Não bastasse a dominação, durante o século XIX, os poloneses começaram a enfrentar uma profunda crise política e social, causada pela fragmentação do território, fato que assolou esse povo. (URBAN, 2004).

Diante da difícil situação em que se encontravam nas mãos dos invasores, identificou-se que

A repressão não se deu apenas no campo militar ou político. Desde 1865, na Zona dominada pela Rússia, escolas e Universidades polonesas tiveram suas portas fechadas, a Igreja católica passou a ser perseguida e o uso da língua nacional foi proibido em locais públicos [...] em 1872, o governo da recém-unificada Alemanha iniciou a aplicação das medidas extremas visando a destruição da cultura e dos valores nacionais poloneses (URBAN, 2004, p. 24).

Como foi relatado na citação acima, o povo polonês era bastante ligado a sua cultura, porém com o regime implantado pelos países invasores viam-se obrigados a assimilar a cultura dos mesmos, o que é ressaltado por Urban (2004), e,

por conseguinte os poloneses tiveram suas escolas fechadas e foram forçados a se inserir no modelo educacional imposto. Na parte do território que havia sido dominado pelos alemães houve o processo de germanização, os poloneses foram induzidos a utilizar a língua alemã e conseqüentemente todos os cargos públicos que até então eram ocupados pelos poloneses passaram a ser exercidos pelos alemães, sendo assim, os poloneses ficaram totalmente submissos ao império alemão. Ainda em relação ao processo de germanização Wachowicz (1981, p. 25), ressalta que:

O processo de germanização atingiu a Igreja. Foram proibidos os sermões em polonês, bem como o ensino do catecismo nessa língua, o que resultou na prisão e exílio de diversos bispos. As congregações religiosas foram proibidas, os conventos fechados e centenas de padres aprisionados.

Cada uma das três nações administrou as terras divididas de maneiras diferentes, porém todas tinham como objetivo erradicar a cultura polonesa, para que os poloneses perdessem assim a sua identidade. Os poloneses eram povos ligados à religiosidade, e com a condição de país ocupado, reprimido e perseguido. (URBAN, 2004)

Com o decreto de Alexandre II, Imperador da Rússia, rei da Polônia e Grão Duque da Finlândia, foi feito o parcelamento das terras dando alguns direitos aos camponeses.

Após a emancipação dos servos em 1861 e com o decreto do czar Alexandre II, em 2 de março de 1864, foi concedido o direito a propriedade aos camponeses e distribuídos em pequenas glebas, de 2 a 5 hectares por família. Esse parcelamento foi uma das causas mais relevantes que levaram a imigração em massa, pois os aldeões não sobreviviam de tão pequenos quinhões de terra, teriam de voltar a trabalhar nas fazendas como assalariados, por um ordenado aviltante, que teve como consequência, a grande miséria da população (GRYCZYNSKA, 2004, p. 31).

Sem terras suficientes para desempenhar as suas próprias atividades, os camponeses poloneses se transformaram em mão de obra barata para os senhores latifundiários. Sendo assim, ressalta-se que os poloneses viviam em situação de miséria, pois o que recebiam inviabilizava a sobrevivência dos mesmos. Deste modo “Famintos, desamparados, proibidos de falar sua língua e sem qualquer apoio, num país dominado por políticas estrangeiras, a quem iriam pedir proteção?” Urban

(2004, p. 25). A melhor solução encontrada pelos mesmos foi à imigração, pois havia no período a disseminação da campanha imigratória proferida pelo governo brasileiro para levar imigrantes europeus a fim de colonizar e povoar as terras brasileiras.

1.2 - ASPETOS HISTÓRICOS DO TERRITÓRIO UCRANIANO

Assim como na Polônia, o território ucraniano também foi cenário de conflitos e guerras. Para entender a história da Ucrânia, serão feitas algumas abordagens voltadas à invasão dos países, os quais visavam desfrutar do cobiçado território devido à fertilidade do solo ucraniano. Como arrola (RAMOS, 2006, p. 9):

Possuindo uma área de 603.700 quilômetros quadrados, a Ucrânia é o segundo maior país da Europa, ficando atrás apenas da Rússia. Seu território está situado entre o Mar Negro e o de Asov, fazendo parte da região Centro-Oeste do continente europeu. Ao Norte a Ucrânia faz fronteira com a Bielorrússia, a leste com Rússia, ao sul com o mar negro que tem de outro lado de sua margem a Turquia, e a leste está seu maior número de vizinhos, sendo eles: a Romênia, a Moldávia, a Hungria e a Polônia.

Considera-se que o espaço territorial ucraniano teve suas fronteiras redefinidas inúmeras vezes, devido às invasões de vários países que ao longo dos anos disputaram as terras ucranianas. O espaço geográfico ucraniano foi organizado através de disputas e de relações de interesse. No decorrer de vários séculos o país foi palco de investidas bélicas de diversos povos, fato que influenciou na transformação da identidade étnica dos povos ucranianos. Ramos (2006, p. 10) ressalta que:

A construção da identidade ucraniana foi formada e influenciada por diversos fatores, tais como a localização geográfica, visto que o território ucraniano se encontra no cruzamento das rotas Leste-Oeste, mantendo constante contato com os povos nômades, o que resultou, conseqüentemente nas invasões de povos bárbaros; condições climáticas específicas, que resultaram num solo propício para o plantio e por isso cobiçado por muitos.

Por ser uma região de privilegiada importância agrícola, onde o solo era considerado rico em sais minerais, e também devido a sua localização geográfica, a região onde se situa a Ucrânia sempre foi alvo de cobiça, fatores que justificam as

várias invasões ocorridas durante a sua história, sendo os bárbaros, turcos e cruzados, entre muitos outros, inclusive os poloneses que mantiveram domínio do território ucraniano durante vários anos, fato que influenciou na divergência entre os povos dos dois países. As invasões no território ucraniano eram facilitadas devido as grandes planícies desprovidas de barreiras naturais.

A Ucrânia originou-se no principado de Kiev, constituído no século IX da Era Cristã. “As tribos eslavas se espalharam largamente na Europa Oriental, pelo século VIII. Algumas já iam alcançando a fase da consolidação estatal, quando os normandos vindos da Escandinávia no século IX, se estabeleceram em Kiev um florescente centro dinástico”. Simpson (1953, p. 7) Ainda em relação à formação do território Ucraniano, Ramos (2006, p. 12) corrobora que:

A formação do estado de Kiev é atribuída a diversos príncipes da dinastia dos Ruricovytych, que é de origem normanda, sobretudo. É durante o reinado de Oleh Ruricovytych (874 – 914), que os limites do Estado de Kiev foram alargados, passando a se estender desde o rio Don, a leste, até os Cárpatos, a oeste, aumentando assim seu território até as duas margens do rio Dnipró.

Foi neste reinado que houve a ampliação territorial na Ucrânia, pois acontecia o alargamento das fronteiras, tornando o país um extenso território. O Estado de Kiev se desenvolveu economicamente e culturalmente, posteriormente desmembrou-se em vários principados menores (SIMPSON, 1953).

Com a morte do Imperador Iaroslav, em 1504 o Estado de Kiev começou sua decadência devido as constantes invasões, principalmente de povos asiáticos pela disputa do trono. Após as invasões a capital de Kiev enfraqueceu e foi destruída pelos mongóis (RAMOS, 2006).

Assim, com o declínio do principado de Kiev, outros principados como da Galícia e Volynia tornaram-se importantes na história da Ucrânia. Sendo que no interstício temporal de 1087 a 1340, o principado da Galícia e Volynia fixaram poderes sobre a região, estabelecendo assim novas fronteiras. Foi um período de grande prosperidade no país devido ao desenvolvimento cultural e as relações do Ocidente com o oeste europeu (SIMPSON, 1953).

Entretanto ressalta-se que a Ucrânia voltou a enfrentar problemas com o domínio de outros países, sendo que “O país perdeu a sua independência quando a Lituânia ocupou a Volynia, e a Polônia anexou aos seus domínios a Galícia [...]

posteriormente a Polônia e Lituânia foram unificadas em um só organismo estatal” (SIMPSON, 1953, p.9).

Durante o século XVI, devido a um casamento dinástico realizado entre membros das famílias reinantes da Polônia e da Lituânia, os ucranianos passaram a ser dominados pelo rei da Polônia. Em consequência de uma união orgânica, entre os dois principados as terras ucranianas passaram a ser dominadas pela Polônia, sendo assim, “a história da Ucrânia foi ligada as tendências sociais, à sorte política e aos destinos do rei da Polônia” (SIMPSON, 1953, p. 15). Assim

A Polônia adquiriu com a União de Lublin (1569), o direito sobre as terras que antes pertenciam à Ucrânia, submetendo-a a um acelerado processo de polonização que mais tarde geraria uma relação hostil entre as duas etnias, hostilidade essa que seria sentida em diversas partes graças ao imaginário coletivo criado (RAMOS, 2006, p. 14).

Com as constantes invasões dos tártaros mongóis e sem ter a ajuda dos países que mantinham domínio no período (Polônia e Lituânia), os ucranianos organizaram-se em defesa do seu território, contando com a ajuda dos camponeses, caçadores e pescadores, os quais lutavam em defesa de sua cultura, religiosidade e principalmente o território. Os participantes foram denominados de cossacos, que significa livres guerreiros (RAMOS, 2006).

Os cossacos não eram voltados somente à força de combate, mas também visavam adquirir um pouco de importância na vida social e política da Ucrânia, já que o país estava nas mãos dos invasores. Esse povo em especial reivindicava para si alguns cargos eletivos, e revoltaram-se principalmente contra os abusos que vinham sofrendo por parte do governo polonês Simpson (1953). Sobre a organização dos cossacos em defesa de seu território Ramos elucida que

Os principais levantes dos cossacos eram contra a opressão polonesa, que além de oprimir e explorar tratava os ucranianos com desprezo. O estado cossaco era quem organizava incursões militares em defesa do povo ucraniano, em 1648, os ucranianos derrotaram os poloneses e conseguiram estabelecer sua independência que, no entanto, teria curta duração, pois os cossacos foram traídos pelo czar russo que assinou um acordo com os poloneses, resultando assim numa nova partilha das terras ucranianas (RAMOS, 2006, p. 14).

Durante o período em que os cassacos estavam no poder, a Ucrânia novamente conseguiu se reestruturar, houve no período interesse de outros países, que enviaram diplomatas e representantes com o objetivo de estabelecer relações, dando visibilidade para a Ucrânia em toda a Europa Ocidental. (SIMPSON, 1953).

O desenvolvimento econômico e cultural da Ucrânia mexeu com o interesse de países que visavam explorar o território tão cobiçado devido à localização estratégica e a fertilidade de suas terras, e em 1667, o território sofreu novas divisões entre a Polônia e a Rússia, influenciando novamente no desenvolvimento do país.

Os cossacos encontraram dificuldades em prosseguir com a administração do território ucraniano devido as constantes hostilidades causadas pela Polônia, as traições dos tártaros, o expansionismo dos turcos e também devido às ambições do czar de Moscou (SIMPSON, 1953). Eles ainda defendiam o território dificultando a invasão dos poloneses, houve um período de intensas guerras, porém a luta dos cossacos não foi suficiente diante de importantes impérios e em 1667 foi assinado o tratado dividindo novamente a Ucrânia e os poloneses ainda obrigaram os colonos ucranianos a arcar com as despesas da guerra em forma de indenização. Devido à fragmentação do território o autor já citado expõe que

A parte da Ucrânia situada do lado ocidental do rio Dnipró foi entregue a Polônia, ao passo que o czar reteve a sua posição de suserano e protetor das terras ucranianas situadas do lado oriental (esquerdo), do mesmo rio. Tendo firmado o pé na Ucrânia, pela primeira vez na história, tzares da Rússia, passaram a solapar e a limitar a autonomia do país, visando à supressão total da sua soberania e a completa subordinação do mesmo aos desígnios da política de Moscou (SIMPSON, 1953, p 21).

É possível destacar que foi um período difícil para a população ucraniana, porque além da imposição da cultura polonesa e russa, as terras ucranianas foram fragmentadas e os povos ucranianos foram obrigados à servidão. Sobre a situação em que se encontravam os ucranianos, Franko (1981, p. 12), enuncia que

[...] havia uma grande desproporção étnico-social quanto à ocupação das terras. A maioria ucraniana do país (65%) era proprietária apenas de 48% de todo o território. Mais de 30% de todas as terras pertenciam a aproximadamente 2 mil famílias de latifundiários da nobreza polonesa. As restantes (22%) cabiam à população polonesa agrícola. Em média uma família ucraniana de agricultores vivia de 2,6

hectares de terra. O governo austríaco não tomava nenhuma providência para alterar ou melhorar essa situação econômica, nem mesmo favorecia a industrialização do país, a fim de desviar parte da população agrícola às fábricas, às construções, etc. Eis por que a única solução para a Galícia, região pobre e carente de terras, era a emigração de seu povo.

Além da falta de terras, havia a superpopulação, setor industrial precário, dificuldades sociais e culturais. Os poloneses durante um longo período submeteram os ucranianos à servidão apoderando-se de suas terras e impuseram a sua cultura aos mesmos, porém havia países com potencial bélico maior que os poloneses, e principalmente com a expansão territorial da Rússia e da Prússia, os poloneses perderam domínio sobre as terras ucranianas.

Mesmo sem a dominação dos poloneses, os quais perderam a sua autonomia das terras ucranianas, os povos ucranianos não recuperaram a sua liberdade, sendo que na nova partilha Rússia obteve maior parte das terras, mantendo os mesmos numa situação igual ou pior da que se encontravam nas mãos dos poloneses, sendo que “o governo russo [...] suprimiu todos os aspectos da autonomia da Ucrânia. Assim, o povo ucraniano foi reduzido ao mais baixo nível da sua vida nacional e social” (SIMPSON, 1953, p. 23).

Após o tratado do Congresso de Viena, a Rússia se expandiu de forma avassaladora, estabelecendo seus domínios, inclusive em outros países, como por exemplo, a Polônia que anteriormente mantinha domínio de parte do território ucraniano (SIMPSON, 1953).

Durante a década de 1890 houve um crescente estado de pobreza entre os camponeses. No período abordado a maioria da população ucraniana detinha somente 48% de todo o território, enquanto que 30% das terras pertenciam à cerca de 2 (duas) mil famílias de latifundiários ligados a nobreza polonesa, e 22 % das terras restantes pertenciam a população polonesa que trabalhava na agricultura, sendo assim “ na Galícia morriam de fome cerca de 50 mil pessoas por ano” (RECCO, 2009, p. 22).

Nesse período de intensa opressão que aconteceu a maior saída de pessoas rumo a outros países, os povos ucranianos durante séculos não tinham uma nação, eram obrigados a assimilar à cultura dos invasores e forçados a servidão. Não possuíam a posse das terras que por direito as pertenciam e uma parte significativa do povo optou em aproveitar a oportunidade que lhes era

oferecida a partir das propagandas imigratórias, que os países como o Brasil estavam lhes proporcionando. O objetivo principal era conseguir um pedaço de terra para desenvolver a agricultura e disseminar a sua cultura que havia sido oprimida pelos países invasores, assim

O Brasil tornou-se uma nova pátria para milhares de famílias que fugiram não apenas da intolerância religiosa. A pobreza e a falta de perspectivas levaram-nos a acreditar nas promessas de uma vida melhor em uma terra distante, da qual nada se sabia. Por alguns anos, sobretudo na última década do século XIX, o nome Brasil, passou a ser proferido de forma entusiasmada em povoados, como sinônimo de esperança, fartura e felicidade. Uma “terra prometida” onde, quem acreditasse, teria onde cultivar e clima favorável como da Ucrânia (RECCO, 2009, p. 14).

A promessa feita pelo governo brasileiro em relação à quantidade de terras e facilidades que encontrariam no Brasil acabou sensibilizando muitas famílias, as quais com o objetivo de melhorar as condições de vida reuniram seus pertences e se lançaram além-mar, investindo na realização do objetivo cultivar no Brasil ainda que este se encontrasse muito distante e desconhecido, somente presente no imaginário daquela população esperançosa de poder usufruir de melhores condições que lhes fora prometido.

1.3 - A EMIGRAÇÃO DOS POLONESES E UCRANIANOS PARA O BRASIL.

O processo de emigração polonesa e ucraniana para o Brasil iniciou-se nas décadas finais do século XIX e início do século XX. Esta foi uma época em que aconteciam no Brasil campanhas imigratórias proferidas pelo governo brasileiro cujo objetivo era incentivar a vinda de imigrantes europeus, principalmente os ucranianos e poloneses, os quais já mantinham contato com as técnicas agricultáveis em seus países de origem.

A partir da segunda metade do século XIX, aconteciam no Brasil significativas mudanças econômicas, sociais e demográficas. O progressivo declínio da produção de cana-de-açúcar no Nordeste representava uma das mais importantes mudanças econômicas. O poder econômico se deslocava para o Centro-Sul e se assentava na produção de café que ocupava cada vez mais mão de obra e gerava um capital precioso capaz de por várias décadas, tirar o Brasil de índices negativos em sua balança comercial. O tráfico de mão de obra negra

africana diminuiu em virtude das políticas inglesas que objetivavam o fim da escravidão nos diversos países onde ela ainda estava em vigor, o que obrigava o deslocamento de parcelas significativas de trabalhadores que alimentava o ciclo do açúcar e do ouro (SCHÖRNER, 2000).

A imigração era então cogitada como uma das possibilidades para promover o povoamento de imensas extensões de terra e o dinamismo demográfico, ao mesmo tempo em que passou a ser meio para o preenchimento dos espaços vazios sem afetar as grandes plantações de café. Assim, o imperador D. Pedro II incentivava e institucionalizava uma política de colonização. Dentre os fatores desse processo de colonização estavam inseridos a ocupação territorial, a política de branqueamento da população, a garantia de integração dos espaços e a substituição da mão de obra escrava (SCHÖRNER, 2000).

Destarte, é possível apontar que a abolição da escravatura em 1888, provocou a escassez da mão-de-obra agrária no Brasil, levando as autoridades brasileiras a investir na vinda de imigrantes europeus os quais seriam destinados ao trabalho braçal da lavoura de subsistência, abertura e construção de estradas, ocupação de terras improdutivas e produção cafeeira, levando à vinda de europeus para o Brasil.

Nadalin (2001) coloca que, um dos objetivos do governo brasileiro, inclusive do governo paranaense, foi promover a vinda de imigrantes europeus, principalmente para desenvolver o estado paranaense a partir das práticas de povoamento visto que conforme a visão desenvolvimentista havia no Paraná no período extensões de terras pouco povoadas, sendo necessário trazer imigrantes com conhecimentos agrícolas para povoar e desenvolver a agricultura. Dessa maneira, iniciou-se o trabalho das campanhas imigratórias, pois:

[...] as colônias e a imigração de povoamento começaram a assinalar, pelas novas estratégias envolvidas e as ideias mais ou menos difusas que estavam por detrás, mudanças nos objetivos coloniais. Mais adiante, mas no contexto das amplas transformações que se preparam durante o século XIX, começa-se a ouvir algumas vozes as quais estimam que a era da escravidão, e também das colônias, estava terminando. Prepara-se a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, de uma ética de aventura para uma ética do trabalho (NADALIN, 2001, p.57).

Em relação ao trabalho escravo, ressalta-se que com o avanço da industrialização, sem dúvida a abolição seria o coroamento do processo pelo qual

passava a economia brasileira, a qual no período iniciava o acompanhamento ao desenvolvimento capitalista mundial. Já não era mais vantajoso para o setor econômico manter o trabalho escravo, sendo do interesse do governo criar leis para minimizar a influência escravista no país (FLORIDO, 1999).

Assim, no decorrer do século XIX, o interesse das autoridades brasileiras era promover o povoamento do Brasil, investir no desenvolvimento agrícola e trazer imigrantes europeus de origem camponesa para que os mesmos se estabelecessem no território e desenvolvessem a prática agrícola.

Houve então o interesse do governo brasileiro em investir nas campanhas imigratórias, para trazer pessoas que estavam adaptadas ao trabalho agrícola, pois não interessava mais manter escravos ou indígenas nas áreas, sendo que era necessário formar colônias de abastecimento fundadas no trabalho livre, a fim de abastecer os núcleos populacionais que estavam se formando nas cidades, principalmente aos redores de Curitiba (IARUCHINSKI, 2000).

No período constatava-se uma evidente precariedade na produção de produtos alimentícios, pois os métodos de trabalho utilizados pela população que ali habitava eram rudimentares, não havia uma grande produção, elevando deste modo o valor do produto e inibindo o desenvolvimento econômico da região. Conforme a visão da elite local, somente o braço estrangeiro e livre seria capaz de possibilitar o aumento da produção dos gêneros alimentícios (NADALIN, 2001).

Como é ressaltado por Nadalin (2001), o Paraná havia conseguido a emancipação no ano de 1853, e tornava-se necessário investir para que fosse possível chegar ao progresso almejado, desenvolver o Estado trazendo pessoas que obtinham experiência com as técnicas agrícolas, pois assim era possível eliminar as máculas da escravidão e juntamente substituir o trabalho escravo por trabalho livre desenvolvido pelos imigrantes europeus, que no período eram considerados como pessoas pacíficas e trabalhadoras, capazes de levar o Estado a alcançar o progresso que estava acontecendo em países mais desenvolvidos.

A vinda de imigrantes europeus para o Paraná foi influenciada pelos presidentes da Província e dos governadores do Estado, entre eles Lamemha Lins, que implantou um novo sistema de colonização, tendo como principal objetivo promover a ocupação das terras consideradas “improdutivas”, com o intuito de desenvolver a agricultura de subsistência. Assim, “nas colocações do presidente da Província e dos governadores do Paraná, são recorrentes posicionamentos que

denotam o anseio governamental por força de trabalho, com vistas ao povoamento e desenvolvimento econômico do território” (ANDREAZZA, 1999, p. 17).

A imigração no período era bastante estimulada, pois havia baixa densidade demográfica e como o objetivo era promover além do desenvolvimento da agricultura também o povoamento das áreas pouco habitadas, houve o interesse de trazer famílias já estabelecidas que além de povoar o Estado, possibilitaria o desenvolvimento econômico. Portanto, através da mão-de-obra principalmente na área da agricultura, envolvendo “o Paraná num projeto de colonização voltado para a pequena propriedade que enfatizava a instalação de famílias chefiadas por um homem”, priorizando o potencial de trabalho. (ANDREAZZA, 1999, p. 60). Compreende-se que:

[...] se pretendia instalar no país um novo padrão e tipo de produção, com novas formas de propriedade. Dessa forma, a imigração europeia revela-se também uma estratégia de povoamento com finalidades de inovação técnica e “industrial”, fundamentada no processo da qualidade superior do elemento estrangeiro enquanto “produtor” de trabalho (NADALIN, 2001, p. 75).

Como havia a necessidade de povoar e desenvolver a agricultura para alimentar os núcleos que estavam se formando, o governo aproveitando a situação precária em que se encontravam os povos europeus, principalmente poloneses e ucranianos, se lançou na campanha imigratória, cujo objetivo era iludir o povo europeu a cerca das terras brasileiras, para trazer o maior número possível de mão-de-obra, a fim de povoar as terras de maneira rápida e efetiva.

Identificou-se nas bibliografias analisadas de Deina (1990), Buchmann, (1995), Grycznska, (2004), Horbatiuk, (1989), Iarocinski, (2000), Frankó, (1981) que a propaganda proferida pelos agentes de colonização na Europa deixou os eslavos entusiasmados com o tipo de vida que encontrariam no Brasil, havia a crença que os mesmos teriam possibilidades de conseguir aqui terras suficientes para estabelecer novos territórios, formando um povoado onde desenvolveriam principalmente os aspectos culturais.

Frankó (1981, p 12) explana que “na Ucrânia e na Polônia, a propaganda havia sido confiada às companhias de navegação”, sendo que o Paraná ainda era um Estado pouco conhecido na Europa, tornando necessário fazer a divulgação das

supostas facilidades que os mesmos encontrariam, essa era a principal estratégia dos agentes de colonização.

Por causa de disputas territoriais e da dominação imposta para com os camponeses eslavos, e da precariedade que os mesmos encontravam em suas terras, muitos destes com o objetivo de se reterritorializar² em outros países inseriram-se no processo de imigração para o Brasil que teve início a partir das décadas finais do século XIX e início do século XX. Neste período que aconteceram as transferências da população eslava a grande maioria passava por dificuldades devido à falta de terra, grande pobreza, falta de trabalho, superpopulação e principalmente falta de liberdade religiosa e cultural causada pela ocupação de outros países (GRYCZYNSKA, 2004).

A falta de terras para o cultivo e a condição precária em relação à disseminação de suas culturas fez com que os poloneses almejassem um meio de sobrevivência em terras longínquas. Como define Simpson (1953) do mesmo modo que os poloneses, os ucranianos também enfrentaram dificuldades por falta de terra e a dominação de outros países dentre os quais a Polônia, sendo o principal motivo para o abandono do território europeu, cujo sonho era conquistar um território em outro país, acreditando nas companhias de colonização brasileiras.

Segundo Nadalin (2001) entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX cerca de 60 milhões de europeus (entre eles muitos poloneses e ucranianos) atravessaram o mar com o objetivo de buscar melhores condições, pois no momento ocorriam dificuldades em conviver nas terras europeias onde aconteciam profundas transformações econômicas, territoriais e também culturais. O processo migratório dos poloneses e ucranianos para o Brasil ocorreu em três períodos distintos, com a seguinte proporção de pessoas:

No primeiro período da imigração polonesa ao Brasil, até 1889, vieram 8.080 almas, das quais 7.030 ao Paraná, 750 a Santa Catarina, 300 ao Rio Grande do Sul e cerca de 500 a outros Estados. O segundo período, que abrange a “grande emigração”, deu ao Paraná 14.286 almas, arredondando 15.000 almas, a Santa Catarina 5.000 almas, ao Rio Grande do Sul 25.000 almas, a São Paulo 13.500 almas, a outros Estados 5.000 almas. Ao todo, arredondando, 63.000 almas. No terceiro período, até o ano de 1900, vieram ao Paraná 6.000 almas, a outros Estados 5.000 almas polonesas. Os ucranianos que vieram nesse período totalizaram 17.545 almas,

²Reterritorialização é o movimento de construção do território. (DELEUZE, G. e GUATTARI, 2004, p. 127)

vindas quase que exclusivamente ao Paraná. O quarto e último período, posterior ao ano de 1914 trouxe ao Paraná 14.730 almas, a Santa Catarina 1.000 almas, ao Rio Grande do Sul 7.000 almas, aos outros Estados 2.000 almas. Os ucranianos que vieram nesse período foram 14.550 (GLUCHOWSKI, 2005, p. 39).

Os primeiros imigrantes poloneses que se estabeleceram em Rio Claro do Sul faziam parte da primeira etapa da chamada “febre brasileira”, os quais aportaram em dezembro de 1889, no Porto de Rio de Janeiro, cujos navios eram provenientes da Polônia, os quais chegaram até as terras brasileiras com o objetivo de se reterritorializar. Para o Paraná seguiram cerca de 14.286 pessoas, conforme dados da tabela a seguir:

Tabela 01: Influência dos colonos poloneses ao Paraná entre 1890-1894.

Ano de fundação	Colônia	UF	Procedência	Nº de colonos
1890-1893	S. Barbara	PR	Reino da Polônia	600
	Cantagalo	PR	Idem	140
	Rio dos Patos	PR	Idem	600
	Água Branca	PR	Idem	685
	Eufrosina	PR	Idem	1.475
	Rio Claro	PR	Idem	3.475
	S. Mateus	PR	Idem	1.225
1891	Augusta Vitória	PR	Idem	120
	Lucena	PR	Idem	1.488
1892	Eurídice	PR	Idem	23
	Taquari	PR	Idem	125
	Rio Verde	PR	Idem	78
	Butuquara	PR	Idem	73
	Iataiacoca	PR	Idem	48
	Guaraúna	PR	Idem	140
	Adelaide	PR	Idem	97
	Floresta	PR	Idem	29
	Gal. Carneiro	PR	Idem	320
	Antônio Candido	PR	Idem	545
1891-1894	Dispersos por todo o Estado	PR	Idem	3.000

Total				14.286
-------	--	--	--	--------

Fonte: Gluchowski, 2005, p. 43.

No primeiro contingente de pessoas que chegaram ao Paraná, se estabeleceram em Rio Claro do Sul 3.475 pessoas, as demais foram destinadas a diversas outras cidades em processo de povoamento semelhante à região de Rio Claro do Sul.

No segundo período da “febre brasileira”, compreendido como a segunda etapa de imigrantes vindos para o Brasil, entraram no país cerca de 65 mil pessoas de etnias polonesa e ucraniana distribuídos na seguinte proporção:

Tabela 02: Influência de poloneses e ucranianos ao Brasil entre 1895 – 1900.

Ano de fundação	Colônia	UF	Procedência	Nº de polon.	Nº de ucran.
1895-1896	Alberto de Abreu	PR	Galícia Oriental	150	200
	Antônio Olinto	PR	Idem	1.000	1.815
	Lucena – Iracema	PR	Idem	-	1.000
	Rio Claro	PR	Idem	750	2.630
1896	Prudentópolis	PR	Idem	2.500	7.500
1897	Ipiranga	PR	Idem	100	500
	Santos Andrade	PR	Idem	200	1.000
	Jangada	PR	Idem	100	400
1895-1898	Dispersos por todo o Estado	PR	Idem	300	1.000
1898-1900	Famílias avulsas vindas nesses anos			1.000	1.000
1895-1900	Dispersos por diversos Estados			500	500
Total				6.600	17.545

Fonte: Gluchowski, 2005, p.44.

Na segunda etapa os poloneses que chegaram para o Paraná eram em número menor que os ucranianos. Enquanto no período se estabeleceram cerca de 2.600 imigrantes vindos da Ucrânia, os poloneses somavam 750 pessoas sendo que já tinham vindo 3.475 pessoas na primeira etapa da febre brasileira.

O terceiro período da imigração no início do século XX trouxe para o Paraná cerca de 6.000 pessoas, enquanto o número de ucranianos era de 17.045 mil pessoas no interstício temporal de 1900 a 1914.

Tabela 03: Número de colonos poloneses que se estabeleceram no Paraná entre os anos de 1900-1914.

Ano de fundação	Colônia	UF	Procedência	Nº de polon.	Nº de ucran.
1900-1907	Dispersos	PR	Reino da Polônia e Galícia Ocidental	2.100	4.900
1908-1910	Ivai	PR	Idem	1.000	2.000
	Irati	PR	Idem	430	1.000
	Itapará	PR	Idem	300	1.200
	Jenuíno Marcondes	PR	Idem	50	250
	Taió	PR	Reino da Polônia	200	50
	Afonso Pena	PR	Idem	500	-
1911-1914	Vera Guarani	PR	Reino da Polônia e Galícia Oriental	1.500	2.500
	Cruz Machado	PR	Idem	5.000	500
1910-1913	Nova Galícia	PR	Idem	650	500
	Legru	PR	Idem	150	150
	Rio das Antas	PR	Idem	250	-
1910-1914	Senador Correia	PR	Reino da Polônia	500	200
	Apucarana	PR	Idem	1.000	-
	Iapó	PR	Idem	100	100
1908-1914	Dispersos por todo o Estado	PR	Idem	1.000	200
Total				24.730	12.550

Fonte: Gluchowski, 2005, p. 44-45.

No quarto e último período até o ano de 1914 se estabeleceram no Estado do Paraná 14.730 pessoas e o número de ucranianos vindos nesse período foi 13.550 pessoas. Ao todo vieram para o Brasil 104.196 poloneses e 32.095 ucranianos, os quais atraídos pelas facilidades da campanha imigratória deixaram seus países e se lançaram além mar em busca de melhores oportunidades de vida.

Tabela: 04. Demonstrativo da imigração polonesa para o Brasil – período 1871 – 1914.

Localização	Até 1889	1890-1894	1895-1900	1990-1914	Total
PR	6.530	14.286	6.100	14.730	41.646
RS	300	27.000	-	7.000	34.300
SP	-	13.500	-	-	13.500
SC	750	5.000	-	1.000	6.750
Outros Estados	500	5.000	500	2.000	8.000
Total	8.080	64.786	6.600	24.730	104.196

Fonte: Gluchowski, 2005, p. 45.

Analisando a tabela acima se identifica que a campanha imigratória na Polônia foi aderida por grande parte da população, um número mais expressivo do que na Ucrânia que teve um contingente menor de pessoas atravessando a fronteira como apontado na tabela a seguir.

Tabela 05: Demonstrativo da imigração ucraniana para o Brasil – período 1895-1914

Localização	1895-1900	1900-1914	Total
PR	17.045	13.550	30.595
Outros Estados	500	1.000	1.500
Total	17.545	14.550	32.095

Fonte: Gluchowski, 2005, p. 46.

Adquirir terras por preços acessíveis apresentava-se tentador para a maioria das populações urbanas e rurais da Europa e a perspectiva da liberdade e do sucesso sobressaía à ideia de trocar seu país e ir para um lugar distante, com língua e costumes diferentes, tal como o Brasil. Dentre os que vinham nem todos eram agricultores e muitos tiveram que mudar de profissão em uma clara tentativa de se adaptarem às novas condições. Parte significativa desses contingentes que formaram um fluxo sucessivo e volumoso a partir da década de 1850, entrou no Brasil praticamente sem recursos (terra, instrumentos de trabalho e dinheiro). Mas, sonhando em “fazer a América”, oferecem seus braços à produção agrícola e rural. Em muitos casos a propaganda feita através de cartas enviadas do Brasil apesar

das dificuldades aqui encontradas era alentadora quanto a um futuro diferente daquele que estariam sujeitos nas regiões de origem (SCHÖRNER, 2000).

Para atrair o maior número possível de imigrantes o governo passou a oferecer transporte gratuito e a proporcionar inúmeras facilidades, principalmente terras em abundância, o que ampliou o imaginário criado em relação às terras brasileiras fazendo com que inúmeras famílias se lançassem rumo a elas.

1.4 - IMAGINÁRIO EM TORNO DO PARAÍSO IDEALIZADO.

Compreende-se que a propaganda proferida pelos agentes de colonização na Europa deixou os eslavos esperançosos com o tipo de vida que encontrariam no Brasil, pois havia a ilusão que os mesmos teriam possibilidades de conseguir no Brasil terras suficientes para estabelecer suas raízes, formando um povoado onde desenvolveriam as suas culturas e poderiam reterritorializar-se transformando as terras brasileiras numa extensão da terra natal, região onde poderiam desenvolver seus aspectos culturais. Salienta-se que cada grupo social pode se desterritorializar e se reterritorializar, através de processos políticos, culturais ou simbólicos. De acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 224).

[...] a desterritorialização é um movimento pelo qual se abandona um território “é a operação de fuga” e a reterritorialização é um movimento de construção do território. No primeiro momento os agenciamentos se desterritorializam e, no segundo, eles se reterritorializam.

Neste sentido, a desterritorialização pode ser entendida como uma evasão de determinados territórios por um grupo de pessoas, o qual inseriu no mesmo, seus aspectos culturais, mas que devido a vários fatores como a dominação de outros países pode deixá-lo e inserir-se em outros territórios num processo de reterritorialização, impondo nestes seus aspectos políticos, econômicos e culturais, como no caso dos poloneses e ucranianos os quais acreditaram nas facilidades apresentadas pelos agentes de colonização e criaram um imaginário em relação às terras brasileiras, se desterritorializando, desprendendo-se de seu território e de sua cultura para tentar reconstruir a sua identidade e se reterritorializar em terras longínquas. Nas palavras de Patlagean (2005, p. 391).

O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto de representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que as autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade tem um imaginário [...] a curiosidade dos horizontes demasiado distantes do espaço e do tempo, terras desconhecíveis [...] a angústia inspirada pelas incógnitas inquietantes do futuro e do presente.

O imaginário pode ser entendido como um conjunto de representações que as pessoas criam com o intuito de tornar os seus sonhos realidade, a capacidade de instituir algo perfeito e idealizado, cada sociedade cria seu imaginário em relação a uma sociedade idealizada, este imaginário torna-se mais expressivo quando se tem algo em mente que se pretende conquistar. Em relação ao tema Baczko (1984, p. 309) ressalta que

É através dos imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade: elabora certa representação de si. É através do imaginário de uma sociedade que podemos identificar um vasto sistema simbólico que as coletividades produzem e através do qual elaboram os seus próprios objetivos

Como ressalta Patlagean (2005) os eslavos criaram representações sobre as terras, as quais tinham pouco conhecimento, e como não tinham perspectivas para melhores condições para o futuro passaram a acreditar nas companhias de imigração e construíram uma imagem idealizada do território que os esperava, deste modo abandonaram sua terra natal e partiram para o paraíso idealizado em seus imaginários.

Reforçando o tema Baczko (1984) afirma que o imaginário de um grupo ou sociedade, pode ser considerado um conjunto de representações, imagens e ideias, através da qual esta se legitima, cria uma identidade e elabora modelos formadores para os cidadãos e acaba por construir o próprio mundo. Assim cada indivíduo dentro de seu grupo ou sociedade constrói representações de si mesmo e de uma sociedade ideal. Aproveitando o pouco conhecimento dos eslavos em relação ao país idealizado pelos mesmos e

[...] no afã de um lucro fácil e elevado, as companhias desenvolveram uma intensa propaganda imigratória na imprensa [...]. Estes se valendo da total ignorância do povo a respeito do Brasil, pintavam-lho como “o verdadeiro paraíso na Terra” e, aos desejos de

imigrar, faziam as mais incríveis e absurdas promessas [...]. Além de campos férteis e florestas em quantidade ilimitada sem nada ter que pagar casa de graça, gados, cavalos e dinheiro para as despesas iniciais, o agente prometia fundar no Brasil “o reino ruteno”, livre da nobreza polonesa (FRANKÓ, 1981. p. 90).

Como abordado pelo autor anterior, diante da situação precária que os ucranianos encontravam-se e com a esperança de se libertar do povo que os oprimia, a saída foi à emigração, mas os mesmos somente idealizavam o seu imaginário sendo que possuíam pouco conhecimento da campanha imigratória e lançaram-se além-mar em busca de alternativas para se reterritorializar, sem conhecimento das dificuldades que encontrariam nas novas terras. Do mesmo modo que os agentes influenciaram o povo polonês, os ucranianos também foram informados das facilidades que encontrariam no Brasil, sendo assim identificou-se que inúmeras famílias abandonaram seu país e partiram rumo às terras brasileiras com o objetivo de encontrar uma terra idealizada em seus imaginários, onde poderiam se reterritorializar, e retomar a identidade e a cultura de seus países de origem.

Conforme Ramos (2006) a situação precária em que os eslavos viviam fez com que houvesse o interesse de buscar novos objetivos, situações melhores de sobrevivência do que viviam em sua terra natal. Portanto, os mesmos optaram por buscar novos horizontes e novas perspectivas de vida acreditando nos agentes da imigração que lhes informavam sobre o maravilhoso país que estava à espera. No período considerado como febre brasileira houve uma numerosa transferência da população para o Brasil ignorando os perigos e dificuldades que poderiam vir a encontrar.

O povo crê na propaganda ampliada secretamente pelos elementos interessados, e vê no outro lado do oceano o sonho do paraíso terrestre, a possibilidade de se libertar do sofrimento que o afligia e a melhorar a sua condição social e econômica. Não acreditavam nas advertências dadas por pessoas esclarecidas, que avisavam das dificuldades e dos perigos que os esperavam nas terras a serem desbravadas (GRYCZYNSKA, 2004, p. 33).

Levando em conta a citação anterior, argumenta-se que apesar dos possíveis esclarecimentos feitos por algumas pessoas que os informavam das dificuldades existentes no Brasil, os poloneses e ucranianos mesmo assim vieram na

colonização uma possibilidade de melhorarem suas condições de vida. A campanha imigratória conhecida como “febre brasileira” trouxe milhares de camponeses oriundos da Polônia e da Ucrânia, os quais foram enviados para diversos lugares do Brasil muitas vezes para o interior da selva como é o caso dos imigrantes que se estabeleceram na Colônia Rio Claro do Sul, atual distrito de Mallet.

1.5- TRAJETÓRIAS E A INSTALAÇÃO DOS ESLAVOS EM TERRAS BRASILEIRAS

Devido às condições precárias da viagem, os imigrantes poloneses e ucranianos após chegarem ao Brasil foram concentrados na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, onde ficaram reclusos para serem desinfetados de possíveis doenças e aguardavam a decisão do governo o qual decidia para onde os imigrantes seguiriam. Nas barracas da Ilha das Flores, como não havia estrutura para grande número de pessoas, muitas crianças e principalmente os mais fracos começaram a morrer em massa, fato que fez com que o governo lançasse esses imigrantes para diferentes lugares do país com grande concentração nos três estados da região sul e principalmente no Estado do Paraná, dando início a vários núcleos coloniais, dentre os quais, Cruz Machado, São Mateus do Sul, Irati, Prudentópolis e Mallet que é o foco de pesquisa (GLUCHOWSKI, 2005).

Conforme Grenteski e Sieklinski (2002, p. 7) os primeiros imigrantes poloneses chegaram para Rio Claro do Sul atual distrito de Mallet no ano de 1890, eram cerca de 750 camponeses os quais eram provenientes da Polônia Oriental, cidade de Lublin e se estabeleceram em lotes de 10 alqueires de terra, pois parte das terras já haviam sido traçadas por algumas famílias de desbravadores os quais faziam parte dos trabalhos de medição de terras para a formação de colônias no sul do Paraná, e estes haviam se estabelecido na Colônia Rio Claro do Sul seis anos antes que os poloneses e na sequência chegaram cerca de três mil ucranianos que se fixaram à região em 1891.

Conforme autores como Deina (1990), Gryczynska (2004), Horbatiuk (1989), Iarochinski (2000), os eslavos enfrentaram condições de vida precária, com pouco apoio do governo, falta de condições básicas de trabalho, densas florestas, dificuldade de adaptação e condições econômicas desfavoráveis. Identificou-se que as propagandas feitas na Europa eram realmente tentadoras, mas em nenhum momento traziam descrições da realidade que os esperava.

Em alguns trechos de uma carta escrita pelo imigrante ucraniano Teodoro Potostskey ao jornal ucraniano *Svoboda*³, editado nos Estados Unidos no ano de 1897, pode-se identificar as dificuldades enfrentadas por estes imigrantes, ao contrário do que diziam os agentes de colonização.

[...] quando chegaram aqui no Brasil, a realidade: não recebemos nada, nem animais para o trabalho, nem vacas, nem porcos. Recebemos apenas um grande pedaço de mata, medindo 1.000m por 250m. Recebemos também um machado, uma enxada, uma cortadeira e uma foice (POTOTSKEY, 1987).

Os primeiros anos de convivência dos imigrantes nas novas terras foram extremamente difíceis, sendo que o governo apenas lhes concedia um pedaço de terra que seria pago no decorrer dos anos, mas como os mesmos não possuíam dinheiro para comprar os implementos necessários e animais para o trabalho a produção era em pequena quantidade.

Esse grupo de imigrantes trabalhou para que pudessem por em prática seus objetivos, pois o maior deles era a agricultura, porém o primeiro passo era derrubar as matas virgens para começar o plantio. Após a colheita comercializavam seus produtos com os tropeiros que atravessavam a região. A mesma desenvolveu-se graças ao trabalho dos poloneses e ucranianos que transformaram as florestas em colônias e desenvolveram a agricultura.

O ritmo de trabalho dos poloneses e ucranianos começou a mudar a partir de 1903, ano em que teve início a construção da estrada de ferro que ligava Rio Grande do Sul a São Paulo e passava pela região. Em decorrência da construção da estrada de ferro foi construída uma estação ferroviária que recebeu o nome de Estação Ferroviária Marechal Mallet em homenagem ao engenheiro militar Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, natural de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul. O povoado se situava a 20 km da Colônia Rio Claro do Sul (GRENTESKI e SIEKLINSKI, 2002).

Identifica-se a importância que a estrada de ferro exerceu para o progresso do povoado, com a construção dessa ferrovia e da estação muitas famílias

³Jornal ucraniano dos Estados Unidos- Nova York, editado, durante o ano de 1897.

estabeleceram-se nas redondezas formando um pequeno povoado chamado de São Pedro de Mallet⁴.

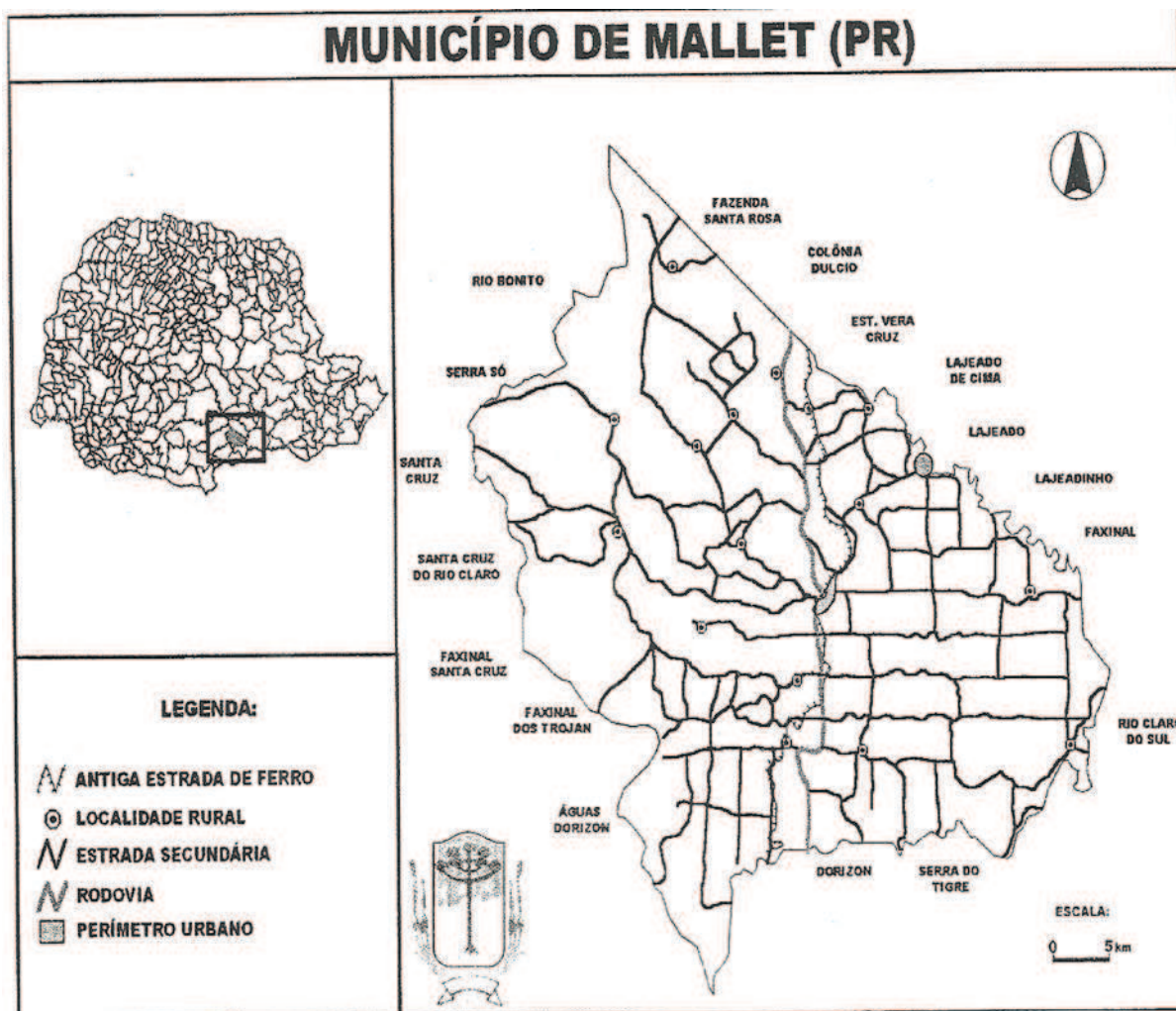
Com o crescimento proporcionado pela estrada de ferro o povoado recebeu nos anos seguintes novos imigrantes poloneses e ucranianos. O distrito judiciário de São Pedro de Mallet foi criado em 17 de dezembro de 1908, sendo elevado a termo judiciário em 24 de março de 1993 pela Lei nº 2103. Com a instalação de novos habitantes

A colônia atingiu certo grau de desenvolvimento e finalmente a 15 de abril de 1912, pela Lei nº 1189, foi criado o município de São Pedro de Mallet, instalado oficialmente dia 21 de setembro do mesmo ano. Com a posse do primeiro prefeito o Sr. José Pompeu. A partir da criação do município de São Pedro de Mallet, o mesmo foi desmembrado do município de São Mateus passando a pertencer à comarca de União da Vitória. A Vila de São Pedro de Mallet, sede do município foi incorporada com os núcleos de Rio Claro do Sul e Dorizon (GRENTESKI e SIEKLINSKI, 2002, p. 8).

Após a emancipação política, o município foi dividido em três distritos, possui uma área total de 724,40 Km², Mallet com uma área de 366,5 Km² equivalente a 50,6% do território municipal e concentrando a maior parte da população. O distrito de Dorizon com 275,5 Km², equivalente a 38,0% do território municipal, o Distrito de Rio Claro do Sul com uma área de 82,5 Km², território que equivale a 11,4% de todo o território municipal, estabelecendo limite com o município de São Mateus do Sul (GRENTESKI e SIEKLINSKI, 2002), como representado no mapa a seguir.

⁴O nome do povoado foi atribuído em homenagem a uma pequena capela construída nas proximidades da estação ferroviária, cujo padroeiro era São Pedro.

MAPA 2: Mapa do Município de Mallet.



FONTE: Prefeitura Municipal de Mallet.

Geograficamente, o município de Mallet situa seus limites ao Norte com o município de Rio Azul, ao Leste com São Mateus do Sul, o Sul com o município de União da Vitória e a Oeste com Cruz Machado. Localiza-se a 835 metros acima do nível do mar, destacando-se por um clima temperado e territorialmente com aspecto físico ondulado (GRENTESKI e SIEKLINSKI, 2002).

Com a expansão do povoado chegaram mais imigrantes, a maioria dos imigrantes ucranianos era procedente da Galícia Ocidental, região da Ucrânia que estava sob domínio austríaco e polonês. Horbatiuk (1989) afirma que devido às questões territoriais na Europa, os ucranianos após chegarem ao Brasil e encontrarem os poloneses já estabelecidos, novamente se viram nas mãos dos mesmos, sendo assim, iniciou-se novamente as fronteiras étnicas, pois optaram em manter distinções quanto à língua, cultos religiosos e convivência em sociedade. A

aproximação acabou por manter e aumentar a hostilidade entre ambas às etnias, como se identifica nos escritos do autor citado a seguir, devido às disputas territoriais na Europa:

Havia também até no subconsciente, certa reserva, ou desconfiança, quanto ao vizinho (os poloneses) que através dos séculos lhe trouxeram opressão e rivalidade. E continuou como na antiga pátria uma convivência com restrições a plena assimilação (HORBATIUK, 1989, p. 114).

Ao analisar a citação acima pode ser verificada uma visão negativa do autor, descendente de ucranianos, em relação ao povo polonês, pois apresenta o domínio polonês em relação aos ucranianos na Europa. Ainda nos escritos de Andreazza (1999, p. 22) a mesma ressaltou que “durante o século XIX, grande parte da população ucraniana era formada por habitantes da Galícia, em sua maioria eram camponeses sócio-economicamente submissos à nobreza polonesa”.

Dessa forma, como relatado pelos autores citados acima, apresenta-se um contexto em que a situação de submissão na qual viviam os ucranianos sob domínio dos poloneses representa um dos principais motivos do início das divergências entre os povos na região de Rio Claro do Sul, estendendo-se posteriormente, como ressaltado por vários autores e os entrevistados para grande parte do município de Mallet.

Na região de Rio Claro já estavam radicadas famílias de poloneses, que para cá vieram alguns anos antes. Eles eram os responsáveis pela distribuição das terras. Aqui houve algum tipo de falcatruas, pois ainda exigia-se alguma coisa em troca dos melhores lotes de terra (KOZLINSKI e MURAN, 2006, p. 5).

Assim, os ucranianos quando chegaram à região teriam encontrado condições desfavoráveis, pois a terra, um dos principais motivos da imigração, encontrava-se em situação semelhante as da Europa, nas mãos dos poloneses, fato que gerou atritos entre as duas etnias.

Com o objetivo de preservar a cultura que foi trazida do país de origem, estabeleceram novas fronteiras territoriais entre eles, pode-se dizer que iniciaram a criação de fronteiras étnicas como é possível perceber a seguir nos relatos dos descendentes de ambas as etnias, causando divergências e o distanciamento entre as mesmas.

Paulo Choma, descendente de famílias ucranianas, neto de avós provenientes da Galícia, comentou que sua avó contava sobre os ucranianos os quais chegaram para Rio Claro do Sul e encontraram os poloneses já estabelecidos na região, então se iniciou de imediato a rivalidade entre ambas as etnias, o atrito que os ucranianos cultivavam pelos poloneses na Europa pelo fato de terem sido submetidos aos mesmos foi transferido para a nova terra, o mesmo aponta que conforme os relatos de seus pais e avós, a rivalidade étnica entre os eslavos foi moldada na Europa e em Mallet ela foi retomada, com a finalidade de estabelecer um território polonês e outro ucraniano, como idealizado por eles no momento da imigração (Paulo Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/2013).

Os ucranianos no início se estabeleceram na Colônia Rio Claro do Sul, mas com a vinda de mais famílias formaram um novo núcleo colonial, denominado Dorizon, onde maior parte da população ainda nos dias atuais é de etnia ucraniana. Como salienta Paulo Choma, existia entre eles:

[...] aquele ódio, aquela raiva que veio de lá, da Europa, é que lá tinha aquela guerra, aquele ódio e isso veio pra cá, isso porque teve uma época que os poloneses dominavam uma parte da Ucrânia e escravizavam os ucranianos [...] e isso continuou entre eles. Era aquela raiva, aquele ódio, é, era bem desse jeito, eles morriam e não cediam, era aquele orgulho, aquela rixa que eles trouxeram pra cá, se odiavam, falavam mal uns dos outros. Isso acontecia menos entre as pessoas mais cultas, mas as pessoas ignorantes, isso não tinha conversa com eles, eu sou isso você é aquilo e acabou (Paulo Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/13).

Percebe-se nas ponderações de Paulo Choma que esse sentimento de raiva e desprezo (expressões usadas nas entrevistas) para com a etnia contrária, nascido em terras europeias foi transferido para a região de maneira expressiva, sendo mencionado pelo entrevistado como fator de atritos e distanciamento entre ambos os grupos. Conforme o depoimento acima, se deduz ainda que a rivalidade acontecia de maneira mais expressiva entre as pessoas que possuíam menos conhecimento, essas pessoas muitas vezes não entendiam o verdadeiro motivo do distanciamento entre as etnias, mas mantinham o que lhes era repassado de geração para geração, mantendo esta rivalidade em seus imaginários como meio de preservar a etnia sem misturar com a rival. Como citado no relato acima, os que tinham um nível de

conhecimento mais elevado, tinham acesso a leituras, entendiam com mais facilidade a história dos poloneses e ucranianos e tinham um posicionamento diferente em relação à etnia contrária. Percebe-se que as fronteiras eram construídas principalmente entre pessoas que não buscavam conhecer a história, mas acreditavam no que lhes era passado, mantendo em seus imaginários uma aversão ao próximo.

Gleise, professora aposentada, descendente da etnia polonesa, em seu depoimento explicou que entre os eslavos era tudo separado, cada etnia tinha a sua Igreja, seu clube, sua escola e seus costumes, não havia entrosamento entre os descendentes de ambas as etnias, sendo assim, torna-se possível pressupor que na visão dos descendentes formou-se uma região onde prevaleciam às disputas pelo poder simbólico em busca de uma identidade (Gleise Terezinha Lopacinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 07/04/2013).

1.6 - OS GRUPOS ÉTNICOS E A BUSCA POR UMA IDENTIDADE

Ao definir grupos étnicos⁵ pode-se enfatizar o fato de que eles são categorias atributivas e identificadoras, tendo como características a organização das interações entre as pessoas. Diferenças entre os grupos étnicos tornam-se diferenças entre traços e a atenção concentra-se sobre a análise das culturas desestruturando a organização étnica. Portanto, a diversidade entre os grupos étnicos é o que fundamenta as fronteiras étnicas⁶, principalmente quando se trata em preservar valores culturais. Os grupos não são baseados na ocupação de territórios exclusivos e os modos como se conservam, mas por uma expressão contínua. Portanto, a fronteira étnica acarreta uma organização complexa das relações sociais e comportamentais. (BARTH, 2000). O autor ressalta ainda que:

A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento.

⁵Grupos étnicos podem ser definidos como uma população que se perpetua biologicamente compartilha entre si valores culturais e possui um grupo de pessoas que se identificam e são identificadas por outros como diferentes dos demais (BARTH, 1998).

⁶Conforme Barth, as fronteiras étnicas podem ser denominadas como uma linha de demarcação entre membros de diferentes etnias. No decorrer do tempo, elas podem manter-se apesar de algumas transformações culturais, reforçar-se, apagar-se ou desaparecer. A manutenção das fronteiras étnicas baseia-se no reconhecimento das mesmas no decorrer das interações sociais. (BARTH, 1998).

Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade (BARTH, 2000, p. 100).

Ainda, reforçando a ideia do autor sobre as fronteiras étnicas, pode-se complementar que “a manutenção de fronteiras se dá através das unidades e dos limites culturais que persistem, as situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes e estão implicadas na manutenção da fronteira étnica”. (BARTH, 1998, p. 196). Ainda em relação às fronteiras étnicas Cucho, (2002, p. 200) explica que

O que cria a separação, a “fronteira”, é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica. Grupos muito próximos culturalmente podem se considerar completamente estranhos uns em relação aos outros e até hostis, opondo-se sobre um elemento isolado do conjunto cultural.

Barth (1998) expõe a ideia que as fronteiras étnicas sempre persistem entre diferentes grupos étnicos, mesmo que aconteça o fluxo de pessoas de um grupo étnico para outro. Em muitos casos acontece a incorporação de pessoas de diferentes etnias sem restrição, mas também ocorrem exclusões, sendo que muitos grupos não aceitam com facilidade a entrada de um integrante de grupo étnico diferente no interior do seu, sendo assim são formadas as fronteiras étnicas como um meio de manter a integridade dos mesmos.

Os grupos étnicos podem ser considerados como uma “soma” de indivíduos, que empregam ações para apropriar-se de uma determinada finalidade, principalmente competições econômicas, políticas e culturais. Entre diferentes grupos étnicos geralmente acontece o desenvolvimento de uma cultura diferente, resultando num isolamento relativo, ou seja, um mundo de povos separados, cada grupo desenvolvendo a sua cultura própria, organizando uma sociedade isolada culturalmente e socialmente (BARTH, 1998). Nesse sentido Handelman (1997, p. 131) enfatiza que “é o conteúdo cultural do grupo que estabelece e legitima o contraste das fronteiras étnicas, ao passo que essas últimas alteram os aspectos da cultura do grupo”.

A identificação e a distinção dos grupos étnicos podem ser possibilitadas pelas características morfológicas de suas culturas, a classificação de pessoas como membros de um grupo étnico “podem depender do modo de como essas pessoas demonstram seus traços particulares de cultura” (BARTH, 1998, p. 191).

Porém os traços culturais que demarcam as fronteiras podem sofrer mudanças e assim as características culturais podem também se transformar. Em relação à distinção de grupos étnicos, Ramos (2006, p. 41) ressalta que os grupos étnicos quando possuem características próximas irão buscar meios para se distinguir dos demais.

[...] etnicidade se refere ao relacionamento entre grupos que se consideram e são considerados distintos, culturalmente distintos. Isto significa que dois grupos podem ser iguais em sua forma cultural, porém, no momento em que eles se consideram diferentes eles agirão de tal maneira que diferenças serão encontradas para distingui-los.

A fronteira étnica canaliza a vida social do grupo, acarretando de um modo frequente uma organização complexa das relações sociais e comportamentais. Sendo assim, a identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento no interior dos grupos étnicos em relação aos membros de outros grupos, o que resulta em critérios de julgamento a um indivíduo ou grupo (BARTH, 1998).

Barth (1998) ressalta que para a manutenção das fronteiras étnicas geralmente persistem os limites culturais. Situações de contato social entre indivíduos de culturas diferentes também estão implicados na manutenção das fronteiras étnicas, assim a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferentes culturas, assim os membros do grupo atuam de maneira seletiva incorporando ao grupo pessoas que lhes interesse e rejeitando aqueles que são vistos como estrangeiros dentro de sua cultura e organização.

Para que haja vínculo entre vários grupos étnicos se depende da complementariedade dos grupos no que concerne aos traços de suas características culturais. Em grupos em que os valores culturais ligados à identidade étnica interessam para poucos, a organização social será limitada estabelecendo alguns

limites entre os grupos étnicos, onde os aspectos culturais ou organizacionais são totalmente distintos, ou nos quais os grupos entram em competição por recursos ou territórios, forma-se entre os mesmos a fronteira étnica (BARTH, 1998).

Entre os grupos étnicos, há o intuito de preservar a fronteira étnica como forma de manter os indivíduos dentro do grupo, sendo que se houvessem os fluxos de pessoas atravessando uma fronteira étnica, conseqüentemente iria afetar o equilíbrio demográfico entre os grupos étnicos, este fluxo pode ser relacionado, por exemplo, às questões matrimoniais, onde integrantes de um grupo com o objetivo de manter seu grupo intacto visam o matrimônio dentro de seu grupo étnico sem que saiam ou entrem pessoas, permanecendo assim o equilíbrio demográfico dentro dos mesmos. O surgimento das fronteiras étnicas em muitos casos é resultado de eventos históricos, as diferenças culturais existentes entre os grupos em muitos casos não surgem do contexto local, mas sim de um contexto histórico anterior como no caso dos poloneses e ucranianos.

Essas fronteiras representam uma organização das relações sociais em torno de valores diferenciados e as diferenças culturais podem ser reduzidas, modificadas ou adaptadas com o tempo, o que pode propiciar a aproximação dos grupos, ou pode ocorrer o aumento das divergências incentivando o distanciamento mais expressivo entre os grupos étnicos.

Sendo assim, é possível perceber que há dinâmicas e interesses envolvidos no processo identitário, as fronteiras étnicas são mantidas a partir de um conjunto de traços culturais e sociais. Patterson (1975, p. 308) define a etnicidade como “a condição na qual determinados membros de uma sociedade, em um contexto social dado, escolhem realçar determinados traços culturais, nacionais ou somáticos como base de sua identidade” De maneira geral, a construção e manutenção das fronteiras étnicas podem representar jogos de interesse, em que entram em disputa as diferenças culturais significativas para cada grupo étnico em busca de uma identidade, para isso os grupos étnicos podem transformar o espaço onde acontecem as disputas étnicas em uma região com diferentes significados, principalmente culturais, e neste caso as representações negativas em relação ao outro podem estar condicionadas aos interesses étnicos de cada grupo, independente da veracidade ou não do fato.

A cultura pode ser compreendida como sendo um processo interativo, um conjunto dinâmico que está em constante mutação, os elementos que compõem uma cultura provêm de diversas fontes no tempo e no espaço. Nesta concepção

A cultura é um processo cultural, um processo interativo, composto de traços culturais que interagem uns com os outros, formando novas permutações, combinações e sínteses. Eles (os fatos sociais, os traços culturais), atraem-se uns aos outros, repelem-se, unem-se, dividem-se e se multiplicam (WHITE, 1978, p.18).

Neste sentido os aspectos culturais são formulados no decorrer do tempo, dependendo dos contatos estabelecidos entre diferentes grupos, ocorrendo às continuidades e as descontinuidades. Numa definição de cultura Ribeiro (2013, p. 51) explica que:

De forma direta, pode-se dizer que se concebe cultura como um complexo de redes processualmente construídas, dispostas e inter-relacionadas de ações socialmente implicadas. Neste sentido, sendo cada ação um conjunto processual de linguagens, entende-se que não se fala de cultura, mas sim de culturas, de forma a não encerrar um conceito de formas estreitas ou unívocas. Com esta condição categórica busca-se nomear sem nominalizar, ou seja, entende-se que a categoria “cultura” é construída como condição classificatória, como complexos convencionados de condições e relações intersubjetivas de linguagens e, portanto de conteúdos e processos significativos e simbólicos.

A cultura faz parte da vida das pessoas, em cada sociedade ou etnia ela se apresenta sob diferentes aspectos, pode ser através das festas, danças, trajes típicos, leitura, entre outros, que fazem com que uma determinada sociedade se diferencie das outras. Ao questionar os descendentes de poloneses e ucranianos sobre o significado de cultura, os mesmos ressaltaram que a cultura compreende tudo o que faz parte da vida dos mesmos. Guiselia Wronski de Almeida, descendente de pais imigrantes poloneses, trabalhou no magistério e sempre priorizou a cultura polonesa, inclusive foi professora da língua, cujo objetivo era influenciar as pessoas a continuar com a cultura. Tendo um conhecimento aprofundado devido à ligação direta com um imigrante, a mesma ressaltou que a cultura é “[...] a arte, crença, hábito, moral, leitura, culinária, costumes, rituais, escrita, música, dança, folclore, religiosidade, a maneira de se vestir”. Mas o marco da cultura polonesa na época da imigração foi à construção de escolas nas quais eram retomadas as aulas da língua

polonesa, pois para os imigrantes que para cá vieram o importante era aprender a ler e escrever, sendo que grande percentual de pessoas era analfabeto, e saber ler a escrita polonesa era um meio de preservar a cultura dos seus países de origem. Porém, na sociedade atual, com a extinção das escolas de língua polonesa, a cultura em destaque é a dança folclórica, sendo que a mesma representa passagens da história dos imigrantes que vieram para a região e mantem os mais jovens ligados à cultura (Guisélia Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/2014).

Para Andreiv Choma, descendente de imigrantes ucranianos, coreógrafo e dançarino do grupo folclórico ucraniano, a língua ucraniana foi um dos aspectos muito importante para a cultura dos imigrantes, porém na sociedade atual a igreja apresenta um papel fundamental, visto que participar da igreja onde ainda são celebradas missas em ucraniano, mesmo que a pessoa não possua domínio da língua ela se identifica na cultura ucraniana, assim como as festividades que ainda apresentam os rituais diferenciados, como: a festa da Páscoa, a quaresma, assim como o korovai (pão doce servido durante os casamentos de descendentes de ucranianos), que são meios de identificação dos descendentes com a cultura de seus antepassados. Mas o que destaca a cultura dos imigrantes ucranianos é a dança folclórica, pois na exibição da dança, conta-se a história através dos passos, dos trajes, assim como na letra, a qual foi composta para contar a história de um período (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/2014).

Ao analisar os relatos de descendentes de ambas as etnias, percebe-se que ambos enfatizaram a ideia da importância da língua dos países de origem para os imigrantes que para cá vieram no período imigratório, porém, como já ressaltado a língua dos povos imigrantes foi substituída pela utilizada no país adotado durante o período nacionalista. Sendo assim, muitos descendentes deixaram de aprender o dialeto utilizado pelos antepassados e atualmente buscam manter a cultura através de outros meios que os identifique como sendo pertencente à determinada etnia. Neste sentido Gueertz (1979, p. 14) salienta que

[...] a cultura é entendida tanto como uma forma de vida compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estrutura de poder, quanto toda uma gama de práticas culturais;

formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa e assim por diante.

Ao se referir à cultura é abordado um leque imenso de interpretações, pois a cultura está presente e faz parte de uma sociedade. É através da cultura que muitas comunidades são conhecidas, pois mesmo apresentando-se de diferentes maneiras, a sociedade visa cultivar a sua cultura, em muitos casos esses aspectos culturais são adquiridos e repassados de geração em geração geralmente acontecendo às adaptações necessárias de acordo com os membros da sociedade. De acordo com Geertz (2001, p. 11), não é fácil defini-la.

Ela não é apenas um conceito essencialmente contestado, como democracia, religião, simplicidade ou justiça social, mas é multiplamente definida, empregada e inerradicavelmente imprecisa. Ela é fugaz, instável, enciclopédica e normativamente carregada, e existem aqueles para quem apenas o realmente real é realmente real, que a pensam vazia ao todo, ou até perigosa, e gostariam de bani-la do discurso sério de pessoas sérias.

Além de várias definições, enfatiza-se que a cultura pode ser socialmente construída e espacialmente constituída, onde há um processo pela qual a mesma é imaginada e recriada, muitas vezes provém de uma luta de grupos, ou seja, de etnias, onde o escopo é criar, imaginar e implantar uma cultura para se diferenciar das demais, neste caso a cultura pode ser considerada como uma representação simbólica. De acordo com Herder (1964, p. 21) “cada povo através de sua cultura própria tem um destino específico a realizar. Pois cada cultura exprime a sua maneira um aspecto de humanidade”. Sendo assim enfatiza-se que o sistema cultural encontra-se num contínuo processo de modificação, principalmente quando acontece o contato entre diferentes etnias. Em relação à dinamicidade cultural Larraia (1986, p. 100), aponta que

O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas [...] existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural e uma segunda que é estudo do contato de um sistema cultural com o outro. No primeiro caso a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos. O segundo caso, pode ser mais rápido e brusco [...] mas também pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas.

No primeiro caso, exposto na citação acima, pode-se considerar que as mudanças culturais mostram-se presentes inclusive dentro da mesma etnia, mesmo que não haja contato com outras etnias ou pessoas de culturas distintas, as modificações culturais podem acontecer devido a vários motivos, dentre eles, as inovações tecnológicas, o mesmo acontece quando há contato entre pessoas de diferentes etnias. Como a cultura não é estática, mas dinâmica, frequentemente ocorrem modificações e estas se tornam mais frequentes quando acontece o contato entre pessoas de diferentes etnias, em alguns casos através das assimilações, outras vezes a cultura é modificada com o intuito de diferenciação da etnia que se encontra próxima, pois quando os traços são idênticos às pessoas tendem a modificar para que não sejam confundidos com a etnia que apresenta cultura semelhante.

Cuche (2002) expõe que a cultura não é considerada uma herança, a qual pode ser transmitida de maneira imutável de geração em geração, a cultura é uma construção histórica e é adaptada de acordo com as relações dos grupos sociais, onde cada grupo vai tentar se distinguir do grupo oposto, o que geralmente acontece em comunidades onde estão presentes pessoas de diferentes etnias, como se pode verificar entre os descendentes de poloneses e ucranianos, os quais através de pequenos aspectos do passado buscam readaptar a cultura que foi trazida pelos seus antepassados para ser cultivada nos dias atuais.

Ainda de acordo com Cuche (2002), a cultura do imigrante está sempre em defasagem, ele jamais pode ser considerado como representante da cultura de seu país de origem, visto que apesar dos esforços para continuarem sempre fieis a cultura de origem os imigrantes estão sempre defasados, pois a cultura é algo mutável e socialmente construída. Dessa maneira a mutação cultural acontece:

[...] no sentido de que cada condição cultural é intersubjetivamente construída dinamicamente. Isto porque se entende que as culturas não se apresentam estanques ou presas a suas situações contextuais, como se cada local possuísse uma cultura própria em essência. Entende-se um status processual das condições conceitualmente classificadas como culturais, que não apenas mantem vínculos constantes e transformações inter-relacionam, mas também se conferem em trajetórias compreensíveis genealogicamente por comparações (RIBEIRO, 2013, p. 252).

Deste modo a cultura é modificada constantemente, quando acontece a emigração de pessoas de seus países, eles saem com uma ideia de cultura, enquanto isso levando em consideração que a cultura é mutável, após a saída dos mesmos ela se modifica, a cultura que os emigrantes praticavam em seus países de origem, não é a mesma que as pessoas praticam atualmente. “A cultura do imigrante é então na realidade uma cultura definida pelos outros [...] é tudo o que o faz parecerem diferentes, e apenas isto” (CUCHE, 2002, p. 229).

Os imigrantes se apegam a sua cultura, isso lhes permite reafirmar a sua identidade e ser fiel à comunidade e origem, pois os mesmos apesar de sair de suas terras cultivam um profundo apego pela mesma. Mesmo com dificuldades e com as constantes mutações culturais os imigrantes ou posteriormente seus descendentes praticam uma resistência cultural na medida do possível, mas como ressalta Cucho (2002, p. 232), no entanto:

[...] queiram ou não, seu sistema cultural evolui. Mesmo quando eles se consideram totalmente fiéis à sua tradição, mudanças são produzidas nas suas referências culturais. É impossível que elas se mantenham completamente impermeáveis a influência cultural da sociedade que os cerca.

Concordando com o autor, determina-se que não se deve dizer que a cultura dos descendentes de imigrantes é uma cultura procedente dos países onde viviam, como no caso dos descendentes de poloneses e ucranianos em Mallet, como ressaltado pelos descendentes, a língua dos países de origem dos imigrantes que anteriormente era vista como principal aspecto cultural, atualmente encontra-se em menor proporção, mas os descendentes buscaram trazer outros aspectos que os identifiquem como pertencentes à cultura de seus antepassados, como, por exemplo, a dança típica. Assim,

[...] afirma-se que não há culturas inerentes a cada lugar, mas sim trajetórias processuais de experimentações e realizações existenciais intersubjetivamente relacionadas, construídas em ações socialmente implicadas que se entrelaçam formando redes processuais e dinâmicas, definidas e localizadas conceitualmente (RIBEIRO, 2013, p. 252).

Como a cultura está frequentemente se dinamizando é possível deduzir que a cultura que está sendo mantida por estes descendentes é resultado de inúmeras

interações dentro da sociedade. Assim, as pessoas se voltam ao passado tentando recuperar a tradição dos seus antepassados, através de alguns vestígios, relatos, imagens ou restos de vestuários que fizeram parte da cultura, mas geralmente de uma maneira diferente, pois ocorrem as adaptações conforme as lembranças das pessoas que viveram ou que ouviram falar, porém ressalta-se que quando há uma ruptura é necessário recomeçar e deste modo acontecem às mudanças, com criações muito mais recentes, o que faz que não seja necessariamente uma continuidade do passado, e sim, uma adaptação.

No caso dos descendentes de poloneses e ucranianos, um dos principais aspectos mantenedores da cultura foi à religião, pois, a igreja era tida como um refúgio para os imigrantes que vindos de um ambiente de opressão, onde se sentiam perseguidos inclusive na religião buscavam liberdade para manter sua cultura, haja vista que “tendo a maioria dos seus aspectos institucionais destruídos, sobrava aos imigrantes poloneses além da família, a religião como instituição mais importante. É, pois, através da religião que os imigrantes começam a sua reorganização social” (BUCKMAN, 1995, p.114). Como se pode identificar

Desde a sua chegada ao Brasil os imigrantes poloneses tiveram, como uma das principais preocupações, manter acesa a chama das tradições em seu meio, para que não houvesse perigo de sua gente se despolonizar por completo, ou seja, perder o contato com as características principais de sua cultura. Uma das principais formas de manter o vínculo com as tradições polonesas, evitando a perda do contato dos imigrantes com a sua pátria mãe, foi através dos cultos religiosos (DEINA, 1990, p. 31).

A religião era relevante para os imigrantes que a utilizavam como meio de se afirmarem na nova terra, pois a fé fez com que enfrentassem as dificuldades que apareciam no decorrer dos dias. Como apontado pelos autores, assim como os poloneses, os ucranianos também eram povos religiosos, mas que enfrentavam problemas para manter-se enquanto tal, porque durante o período em que países haviam se apoderado de seus territórios, os mesmos eram influenciados a abandonarem o rito e sua crença para seguir o que os invasores impunham, como no período histórico em que a Polônia possuía domínio das terras ucranianas. Porém, quando se estabeleceram na Colônia Rio Claro do Sul, tentaram reafirmar a fé e recuperar os ritos religiosos, mas novamente enfrentaram problemas, pois o rito oriental do qual faziam parte não era utilizado no Brasil onde predominava o rito

latino tornando os ucranianos um grupo a parte dos demais, retomando a divisão entre os dois povos.

Observa-se que essa vontade de manter os cultos religiosos atravessou o oceano permanecendo no Brasil, como um meio de diferenciação na comunidade estudada.

Tudo indica que as formas rituais de religião mantiveram-se como o grande parâmetro de divisão religiosa entre *rutenos* e poloneses. Neste aspecto, os imigrantes poloneses levaram vantagem, pois a pátria que os acolhia adotava uma fé semelhante à deles (ANDREAZZA, 1999, p. 87).

Conforme a característica histórica levantada se pode constatar que as duas etnias não aceitavam aspectos que contrariasse sua cultura religiosa, como o caso dos padres ucranianos enviados da Ucrânia para o Brasil, pois eram sacerdotes casados como costume dos ritos orientais. Devido aos costumes dos fiéis da igreja de rito latino, onde os padres eram celibatários, esses padres não foram aceitos. Por isso alguns tiveram que retornar ao país de origem.

Em 1896, chegaram ao Brasil os primeiros sacerdotes ucranianos, enviados da cidade de Lviv, pelo então Arcebispo metropolitano da Halyczyna [...]. Porém, de três padres, apenas um permaneceu no Brasil, os outros retornaram para a Ucrânia, pois eram sacerdotes casados. Nos ritos orientais, o matrimônio não é impedimento para o sacerdócio. Porém no Brasil, para evitar conflitos com fiéis da igreja de rito Latino, os padres casados não foram aceitos (KOZLINSKI e MURAN, 2002, p. 8).

Sendo assim, como enfatizado pelos autores acima, de certa forma cada grupo buscava enfatizar os elementos que lhe interessava e rejeita o que não lhe fazia sentido, deduz-se que isso acontecia de acordo com a descrição dos grupos analisados, pois cada um deles buscava favorecer suas crenças e acreditar naquilo que lhes era conveniente. O caso dos padres vindos da Ucrânia pode ter sido somente um desculpa para a continuidade do estranhamento entre as etnias, ou seja, talvez a rejeição não acontecesse devido serem casados, mas devido serem da etnia que lhes era vista como rival. Como em seus imaginários havia o objetivo de superação conforme ressaltado pelos depoentes, a não aceitação dos padres da etnia ucraniana proporcionasse maior superioridade aos poloneses em relação à religião.

A situação dos imigrantes ucranianos, assim como de seus descendentes ucranianos começou a ser amenizada no decorrer da década de 1930, com a vinda de padres que rezavam no rito ucraniano, porém eram padres nascidos no Brasil que somente descendiam da etnia ucraniana, mas eram celibatários, deste modo não havia motivos para críticas por parte dos imigrantes poloneses e seus descendentes, podendo permanecer na comunidade para desenvolverem seus trabalhos voltados à religião “quando aparecem os primeiros sacerdotes ucranianos nascidos no Brasil. Inicia-se, então uma nova realidade. Eles começam o trabalho com muito fervor e bravura, sem medo [...]” (KOZLINSKI e MURAN, 2002, p. 34).

Assim, a religião era tida como diferencial, sendo que a missa era celebrada na língua eslava, rito da terra de origem. Deste modo, era visto como causa de divergência com os poloneses, que estavam aderidos ao rito brasileiro. Os ucranianos procuravam manter-se separados das outras etnias, inclusive da polonesa e usavam este distanciamento para preservar os seus ideais. Com o intuito de preservar a identidade cultural, conforme com os autores analisados acima, os poloneses e ucranianos criaram fronteira étnica que persistiram no imaginário de grande parte dos imigrantes e posteriormente de seus descendentes. Como analisado, pode-se levantar a hipótese de que ela implicava numa organização, muitas vezes complexa, do comportamento e das relações sociais, o que significa dizer que a identidade étnica é construída na diferença.

Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas. Essa fronteira mantém o conteúdo da comunidade étnica que é a crença em uma honra específica: a honra étnica pela qual os estilos de vida particulares se encarregam de valores sobre os quais se fundam as pretensões à dignidade daqueles que os praticam, e o desprezo por aqueles que praticam costumes estrangeiros (BARTH, 2000, p. 40).

A diferenciação entre etnias muitas vezes provém de uma crença exagerada da realidade, como é o caso dos descendentes de poloneses e ucranianos em Mallet. Situação em que se pode constatar através das diversas manifestações de aversão de um para com o outro, identificada nos relatos, pois a ideologia que colocava uma etnia acima da outra possivelmente foi adotada pelas duas etnias causando deste modo atrito, pois ambos os grupos atribuíam a si um valor exagerado.

Além da religião, identificou-se que a educação também fazia parte da cultura eslava, portanto buscaram construir as escolas, as quais geralmente localizavam-se próximas as igrejas. Os imigrantes em sua maioria eram analfabetos, pois em seu país de origem como eram simples camponeses, não era comum o direito de possuir conhecimento. Sendo que não era de interesse dos países invasores manterem os aldeões presos à escola, para eles o que interessava era a mão de obra, e não proporcionar conhecimento a seus súditos, haja vista que, tanto poloneses quanto ucranianos, durante o período em que estavam sob o domínio de outros países, eram induzidos a utilizar o idioma imposto.

Durante o século XVI até o século XIX, período em que a Polônia estava sob a tríplice dominação (Rússia, Prússia e Áustria), conforme Buchmann (1995) foi proibido o uso da língua polonesa, deste modo à perda da língua materna provocou a descaracterização não só da língua, mas da identidade do grupo, que via no idioma seu mais importante mecanismo para manter a honra polonesa.

Apesar das dificuldades de adaptação, os imigrantes procuraram reafirmar a identidade do grupo. Os imigrantes poloneses se empenharam em recuperar a língua materna através da escola e proporcionar mais conhecimento para seu povo, pois “lá era o esmagamento da língua materna, aqui, a recuperação desta” (BUCHMANN, 195, p. 121).

No entanto, para manter a língua materna e elevar o nível educacional, foi necessário realizar a construção de escolas que proporcionaria o desenvolvimento dos indivíduos, assim como acelerava a aprendizagem da língua polonesa, principalmente para os jovens que não possuíam domínio da mesma. No esforço de promover a educação para seus filhos e sair do grau de analfabetismo em que se encontravam, os imigrantes tomavam iniciativas de construir escolas por conta própria, sem ajuda do governo.

Dessa forma a necessidade que os imigrantes tinham de construir escolas para elevar a sua cultura era compreendida pelo imigrante, como fator que iria favorecer o crescimento intelectual do grupo, sendo assim, após o estabelecimento nas novas terras um dos primeiros passos após a construção das casas era investir na construção de escolas, vista como uma estratégia que elevaria a importância das pessoas, pois teriam mais condições de praticar a cultura através da leitura e escrita na linguagem de seus países de origem (BUCHMANN, 1995).

Portanto, verifica-se que os imigrantes, tanto poloneses, assim como também os ucranianos, empenharam-se na construção de escolas com recursos próprios, sendo que cada etnia mantinha sua escola ensinando seu idioma, no imaginário dos mesmos era visto como um meio de reforçar a rivalidade entre eles.

Os imigrantes poloneses construíram em Mallet o Colégio Nicolau Copérnico, identificado como sendo o primeiro colégio polonês de ensino médio no Brasil, e um dos colégios mais equipados do Paraná.

[...] os colonos poloneses achavam que tudo era pouco, que era preciso que seus filhos entrassem na vida política, econômica, cultural e social do Brasil. Seus filhos precisavam ser cultos e preparados [...]. Este colégio foi inclusive um dos mais bem equipados estabelecimentos secundários do Estado do Paraná [...]. Contava com sete salas de aula, estudavam inicialmente 16 crianças, contando em 1935 já com 116 alunos. Contava ainda com sala para os professores, biblioteca com aproximadamente 2000 livros, sala de química, física, internato com apartamentos e sala de estar. Na área externa, o colégio tinha um campo de futebol, quadra para voleibol e basquetebol, estádio para atletismo (DEINA, 1990, p. 23).

Assim como os poloneses, os ucranianos também tinham o objetivo de reafirmar sua identidade, recuperando a língua-mãe e elevando o grau de conhecimento, pois também eram camponeses, analfabetos, sendo também negado a eles o direito à educação durante o período em que estavam sob o domínio austríaco/polonês. Conforme corrobora (ANDREAZZA, 1999, pp. 24-25).

[...] o governo austríaco, desde os finais da década de 1860 passou efetivamente a incentivar a educação obrigatória em todas as regiões do Império. Contudo, nas condições da Galícia, sob a hegemonia da nobreza polonesa, essa iniciativa não foi integralmente implementada [...] uma das razões do analfabetismo de adultos e da baixa frequência escolar das crianças pode ser atribuída em parte às condições econômicas do campesinato. Sabendo-se que, em economias camponesas o valor primordial é o trabalho físico, é compreensível a relutância de campesinato tradicionalista em escolarizar seus filhos. Contudo, o impasse gerado pelas disputas em torno dos direitos servis ensinou a lição aos rutenos, que passaram afrouxar um pouco sua resistência quanto à escolarização.

Como ressaltado pelo autor, a situação em que se encontravam fez com que uma das principais preocupações dos ucranianos fosse à educação, cujo objetivo dos mesmos era melhorar seu grau de ensino, sendo que no país de origem, por

serem aldeões não tinham acesso ao estudo. Então a comunidade ucraniana também construiu muitas escolas próximas às igrejas, que de início eram chamadas salas de leitura. E ainda eram construídos clubes utilizados como associações agrícolas que serviam como instituição escolar. Essas escolas eram construídas com material fornecido pelas próprias famílias. Sendo assim, percebe-se que a própria comunidade se organizava para realizar as obras, como assinalado a seguir por um imigrante que comenta em sua carta escrita para os ucranianos que permaneceram em seu território, na qual ele expõe as dificuldades enfrentadas, o esforço dos mesmos no sentido de superá-las e o trabalho exercido na comunidade. “Devemos construir e pintar a escola. O trabalho está difícil porque não temos dinheiro suficiente. Ainda não temos professor, pois não temos dinheiro para pagá-lo. Construindo a nossa igreja e a escola, a honra dos ucranianos será mantida” (POTOTSKEY, 1897).

O mesmo que ocorreu na religião, também aconteceu com as escolas que eram vistas no imaginário dos imigrantes causa de divergências entre as etnias polonesa e ucraniana, sendo que cada grupo tentava elevar a sua etnia acima da outra, e a manutenção da língua, assim como o sucesso da escola era enfatizado por eles como um aspecto fundamental para o sentimento de superioridade.

Segundo Gleise Terezinha Lopacinski, normalmente os ucranianos tentavam conservar a sua língua, para eles era muito importante. Junto às capelas sempre tinham uma sala onde ensinavam o básico e a leitura. Os poloneses também chegaram a ter uma escola modelo, a primeira escola de língua estrangeira no Paraná. Na escola polonesa lecionavam professores de alto gabarito, era uma escola de alto nível, mas nela somente estudavam descendentes de poloneses, descendentes de ucranianos não podiam frequentar a mesma devido às fronteiras étnicas que haviam sido estabelecidas entre as etnias. Os descendentes de ucranianos também haviam construído suas escolas denominadas de sociedades agrícolas, as quais os pertencentes à etnia polonesa chamavam de pepino azedo (Gleise Terezinha Lopacinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/13).

O relato enfatiza a superioridade de uma etnia sobre a outra em relação à educação, o preconceito e até a criação de algumas denominações não adequadas, como é possível identificar no modo em que os poloneses elevavam as suas e se referiam as escolas dos ucranianos, sendo assim, percebe-se que os depoentes em

sua maioria defendiam e elevavam a sua etnia, enquanto criticavam a etnia do outro, porém os relatos podem ser formulados de acordo com o interesse de cada um em ressaltar a importância da sua e criticar a cultura da etnia considerada rival.

Conforme os escritos da época, os imigrantes visavam manter a cultura de seus países de origem, para tanto, como não possuíam apoio do governo na construção de escolas, os mesmos as construía em caráter particular, com os materiais doados pelos próprios imigrantes, porém elas eram frequentadas somente por pessoas componentes da etnia, as pessoas de outras etnias não podiam usufruí-las, assim verifica-se que as fronteiras étnicas se faziam presentes também no âmbito educacional. Kozlinski e Muran, (2006, p. 65) enfatizam que

Junto à igreja surgiram várias organizações. Havia também a Escola Paroquial, não apenas na sede, mas também nas igrejas e linhas vicinais. Nessas escolas ensinava-se a língua ucraniana, portuguesa e todas as noções do ensino fundamental da época. Deve-se sublinhar que todas essas escolas possuíam um caráter privado, endereçadas exclusivamente aos filhos dos imigrantes ucranianos.

Entende-se que era necessário investir na educação, pois os imigrantes vindos da Europa passavam por dificuldades educacionais, especificamente os ucranianos que tinham origem humilde, por isso o grau de escolaridade era muito baixo, pois poucos sabiam ler e escrever. Em muitos lugares da Galícia predominava a etnia polonesa e o ensino da língua ucraniana era proibido. Assim, “[...] a sede de conhecimento, orientada pelos missionários que acompanhavam os imigrantes, faz com que eles, no Brasil, comecem a construir as escolas” (POTOTSKEY, 1897).

Neste sentido, imigrantes poloneses e ucranianos criaram mecanismos para implantar no Brasil alguns aspectos culturais, porém com a campanha de nacionalização que teve início no ano de 1937, os povos imigrados para o Brasil sentiram muita dificuldade no relacionamento com as autoridades brasileiras, os eslavos foram incentivados a seguir as regras do governo, principalmente no que dizia respeito às práticas religiosas e culturais.

Entre 1937 e 1945, a campanha de nacionalização efetivou práticas sugeridas desde o final do século XIX para coibir qualquer tipo de manifestação de etnicidade visando à homogeneidade nacional: mudanças no sistema de ensino que levaram ao fechamento das escolas particulares cujas aulas eram ministradas em língua

estrangeira, ou que possuíssem docentes não-naturalizados: proibição do funcionamento de associações culturais, beneficentes, recreativas e esportivas, que possuíssem alguma configuração étnica, do uso público de línguas estrangeiras (inclusive cultos religiosos) e das publicações destinadas a grupos específicos de imigrantes [...] com alguma objetivação de interesse étnico, escrito em língua estrangeira (SEYFERTH, 2005, p.17).

Na percepção do governo nacionalista, a pluralidade cultural e o chamado pertencimento étnico não eram condizentes a política desenvolvida pelo governo, em que era objetivada a unicidade cultural. A política intervencionista atingiu várias etnias, sobretudo os imigrantes poloneses e ucranianos os quais estavam se readaptando a cultura de seus países de origem. Como apontado em Mallet à campanha de nacionalização atingiu os eslavos e estes foram influenciados a se adaptar as regras do governo, pois

Proibia-se na época, o ensino da língua ucraniana e polonesa. Com isso houve o fechamento de todas as escolas ucranianas e polonesas. Os clubes sociais e demais associações foram proibidas, algumas até confiscadas. Obrigava-se, para todas as etnias o uso contínuo do idioma vernáculo, ou, a língua portuguesa. [...] As autoridades queriam obrigar todos os sacerdotes a falar e ensinar somente língua portuguesa. Isto vai causar muitas dificuldades (KOZLINSKI e MURAN, 2006, p. 35).

No final da década de 1940 e início da década de 1950 houve a reabertura das escolas, mas o governo não permitiu o ensino da língua ucraniana e polonesa. Deste modo, provavelmente amenizou-se a situação entre as duas etnias, pois não havia mais o sentimento de superioridade em relação à língua de uma etnia em relação outra, as duas encontravam-se na mesma situação subordinada ao governo brasileiro, utilizando-se do idioma oficial do país adotado, porém desta forma entende-se que, nem todos os aspectos culturais foram retomados.

O processo que cada cultura sofre em situação de contato cultural, processo de desestruturação e depois de reestruturação, é em realidade do próprio princípio da evolução de qualquer sistema cultural. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução (CUCHE, 2002, p. 137).

Sendo assim, analisa-se que a cultura das descendências polonesa e ucraniana no município de Mallet possivelmente passou pelos processos citados por Cuche, pois houve o período de construção da identidade após a chegada dos

mesmos na região, o período de desconstrução que ocorreu com a campanha de nacionalização, a reconstrução que iniciou com a Festa das Nações em 1993 e a formação dos grupos folclóricos, Mazury e Spomen, atualmente considerados pelos depoentes como sendo os propagadores da cultura eslava no município.

Após fazer o levantamento da bibliografia e analisar os relatos, levantaram-se as informações das rivalidades que surgiram entre os poloneses e ucranianos ainda em território europeu, devido o período em que os poloneses haviam se apoderado da Ucrânia.

Segundo os autores já citados, as fronteiras étnicas que surgiram na Europa foram transferidas para as terras brasileiras, sendo que os ucranianos foram destinados para o mesmo espaço no qual os poloneses já habitavam. Conforme Horbatiuk (1989) e Kozlinski e Muran (2006), os poloneses aproveitando a vantagem de terem se instalado antes na região passaram a escolher os melhores lotes de terra para a sua etnia, deixando as piores para os ucranianos que chegaram mais tarde. Segundo os autores citados, este foi um dos motivos da continuação da fronteira étnica entre ambas as etnias, sendo que os ucranianos poderiam estar se sentindo novamente em situação semelhante a que viviam na Europa.

Porém, Horbatiuk (1989) ressaltou em seus escritos que os ucranianos ao chegaram para a região por serem em número reduzido buscavam se aproximar dos poloneses com quem mantinham certa proximidade “no início da imigração em Mallet, conviveram com poloneses, que haviam vindo anteriormente, deixando de cultivar sua própria cultura”. Diante disso é possível discutir a respeito das fronteiras étnicas entre as etnias, pois os autores que apontam a superioridade polonesa diante da ucraniana são descendentes de imigrantes ucranianos e sendo assim podem ter se embasado somente nas informações de seus antepassados ou em autores que escreveram sobre a imigração no período em que ela aconteceu.

Salienta-se que grande parte dos escritos da época eram produzidos conforme as informações dos agentes de colonização, porém os escritos que os livros trazem podem estar distorcidos, ou seja, podem estar embasados somente em relatos de imigrantes de uma única etnia, ou de pessoas que visualizavam as fronteiras baseadas nos interesses de sua etnia .

Os relatos que foram coletados para o presente trabalho também podem estar sendo direcionados para ressaltar o grupo étnico de sua etnia e criticar a etnia oposta. Porém torna-se necessário enfatizar que por se tratar de fontes orais, a

veracidade das entrevistas pode ser questionável, considerando que cada argumento pode ser direcionado aos princípios étnicos e morais.

No segundo capítulo o objetivo principal será realizar uma análise da Festa das Nações, para identificar se as fronteiras étnicas se faziam presentes durante o evento, sendo que foi uma festividade que houve a participação de ambas as etnias. Como a Festa das Nações aconteceu somente no ano de 1993 não houve registro escrito sobre o evento, mas é possível retomar alguns aspectos a partir das lembranças das pessoas que participaram da festa.

Para fazer o levantamento de informações foram entrevistadas pessoas de ambas as etnias que participaram do evento de diferentes formas, sendo o organizador, pessoas que participaram na formação dos grupos folclóricos, participantes dos grupos folclóricos do período, pessoas que auxiliaram no preparo das comidas típicas e pessoas que somente se faziam presentes como plateia. A escolha dos entrevistados foi a partir da participação de cada um no evento, cujo objetivo é analisar os diferentes olhares a respeito da Festa das Nações e da possível fronteira étnica entre ambas as etnias.

2 FESTAS E UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS SIGNIFICADOS

O significado da palavra festa atinge uma grande diversidade em relação às manifestações populares. Antes de dominar a natureza, o homem a via como plena de poderes não dominados, era vista como um mundo “anímico e politeísta” das sociedades antigas. Os ventos, os rios, os ciclos das estações, assim como os animais, impunham medo às pessoas que não possuíam métodos para dominá-la, sendo assim temiam seus poderes. Foi com o intuito de louvar a natureza que as pessoas começaram a promover algumas manifestações, como prestar cultos e celebrações a estes fenômenos (CARNEIRO, 2005).

Quando o homem ainda vivia em harmonia com a natureza as festas eram realizadas para celebrar a união, onde eram demonstrados alguns sentimentos em relação a ela, como o amor, a veneração, o terror ou a gratidão. Sendo assim, a festa não significa somente momentos de prazer e de lazer, comunhão ou vida dionisíaca, mas elas também pode ser entendida como um momento de cooperação com a ordem da natureza (ALMEIDA e RATTIS, 2003).

As pessoas com o objetivo de agradar a natureza para que esta não se revoltasse contra elas, promoviam as festividades em sua homenagem; assim, sentiam-se mais seguras frente às suas manifestações. Como ressalta (CARNEIRO, 2005, p. 18)

Em tempos remotos, todas as atividades humanas eram reguladas pelos ciclos naturais e a interpretação divina desses fenômenos. E as celebrações e festas populares continham, nas suas diversas formas de expressão, esse conteúdo espiritual. Cada povo possuía sua própria cosmogonia, com isso seus rituais. Não havia no mundo antigo uma distinção clara entre celebração religiosa e cívica. É com o advento dos grandes impérios que ocorreria, sobretudo com o Império Romano, cujas conquistas militares se impuseram ao calendário, outrora regulado por ciclos astronômicos e estacionais da terra, sagas, mitos de heróis populares e dominado por deuses silvestres.

Sendo assim, as festas primeiramente criadas com o objetivo de louvar a natureza acabaram se expandindo e fazendo parte das antigas civilizações, como nos grandes impérios, que geralmente festejavam as suas conquistas militares e territoriais.

Muitas festas e cerimônias também eram organizadas para comemorar o plantio e posteriormente a colheita. Na Roma antiga, as colheitas eram oferecidas a deusa Ceres, a qual era reconhecida como mediadora entre os fenômenos naturais e o cultivo, sendo assim assegurava que fosse possível a produção, a colheita e a abundância na produção dos alimentos, que eram necessários para assegurar a vida das antigas civilizações (CARNEIRO, 2005).

Na sociedade capitalista, o sentido da festa sofreu algumas mudanças, em alguns casos perdendo o seu lugar para o trabalho diário. Como corrobora Almeida e Rattz (2003, p. 162). “A sociedade capitalista na sua intrínseca contradição, dominada pelas relações de produção e de propriedade, impõe uma separação de tudo que compõe a vida cotidiana”. As pessoas mais ricas deixaram de realizar suas festas para se dedicar ao mundo do trabalho e dos negócios, sendo assim as festas sobreviveram graças às camadas populares, as pessoas desprovidas dos bens materiais, as quais continuaram com a organização de suas festas (ALMEIDA e RATTZ, 2003).

A realização de uma festa pode ser um fato político, social ou histórico, onde se constitui um momento e um espaço de celebração, podendo ser de brincadeiras, jogos, músicas, danças, dentre celebrações culturais ou religiosas.

A festa em si é uma ação de simbolização, no qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira. Nela se incluem tanto os ritos, as celebrações sagradas ou religiosas, como as comemorações políticas, eventos realizados como danças, músicas, brincadeiras, comidas e jogos. Compreender a festa requer, nesse sentido, ver e sentir as representações e imagens materiais que a envolvem (ITANI, 2003, p. 13).

A festa torna-se um evento complexo de significações, está sempre em processo de mudanças, se transforma a cada momento a partir de diferentes ações dos grupos sociais, os quais visam sempre à produção de significados simbólicos. Em todas as comunidades, principalmente as tradicionais, as pessoas se referem às festas como um ato simbólico, sendo em muitos casos vista como um meio de reafirmação dos grupos sociais dentro do espaço em que os mesmos vivem. Como corrobora (ITANI, 2003, p. 14).

Festejar é também integrar as práticas coletivas de resistência, como parte da história e memória de certos povos e de vários grupos

sociais. Mas as festas não podem ser compreendidas como repetição no sentido de reprodução de atos das sociedades e gerações anteriores. Verifica-se que cada sociedade desenvolve suas festas como um ato que emerge de suas necessidades e que se realizam, a cada momento, com funções específicas. Por isso, estão sempre em transformação. Nota-se que as festas se mantem combinando no mesmo momento o rito, o tempo profano no espaço do sagrado, alimentando o imaginário coletivo e assegurando a coesão da sociedade. Festejar é desse modo, rito e superação do rito, de sua origem. O rito é ordem prescrita, mas é também produção e transformação e, por conseguinte, um resultado de uma criação coletiva do homem a cada momento.

Neste sentido a festa pode ser entendida como uma manifestação coletiva presente nos costumes de vários povos. É nelas que acontecem as manifestações culturais que podem ser transmitidas de geração a geração ou transformada, adaptada de acordo com o interesse de cada grupo social. Eliade, (1992, p. 2), em relação às festas enfatiza que

[...] assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições [...].

Sendo assim as festas passam por inúmeras transformações, estas podem ser decorrentes de processos sociais, econômicos ou culturais, se adaptando de acordo com a evolução de uma sociedade ou de culturas diferentes. Ainda em relação às festas, Guaurinello, (2001), aponta que se podem propor inúmeras interpretações sobre festas, mas ressalta que pode ser denominada como um ato coletivo, em que se implica uma estrutura social de produção. É preparada e planejada de acordo com regras, as quais são elaboradas no interior da vida cotidiana. Durante o acontecimento festivo acontece o envolvimento da sociedade, na qual os participantes ocupam lugares distintos e específicos. Acontece em torno de um foco entre o real e o imaginário, um anseio ou em torno de uma satisfação coletiva. Pode gerar produtos materiais ou significados, ou a produção de uma identidade. Carneiro (2005, p. 17) ressalta que

[...] celebrações religiosas e festas tradicionais se completam significativamente, ora se distanciando, ora se aproximando, porém com práticas que, no ideário e nos costumes populares, precisam ser mantidas e, portanto celebradas, festejadas ou comemoradas, para que a identidade cultural não se perca.

O Paraná é rico em diversidades culturais, sendo que a maior parte da população que colonizou Estado é composta por imigrantes que se estabeleceram na região devido à propaganda imigratória do governo brasileiro, cujo objetivo era povoar as terras conhecidas como improdutivas. Sendo assim muitos imigrantes de vários países se estabeleceram no território paranaense, os quais trouxeram consigo seus aspectos culturais de seus países de origem.

Algumas tradições trazidas pelos imigrantes que se estabeleceram no território paranaense são mantidas pelos seus descendentes. Geralmente são organizadas festas nas quais são apresentados os aspectos folclóricos das etnias, principalmente danças típicas e a gastronomia, que é degustada pelos integrantes da etnia assim como por pessoas que participam das festividades.

Porém, muitas das tradições que fizeram parte da vida dos imigrantes foram deixadas de lado no decorrer dos dias por vários motivos, mas ressalta-se que com o escopo de reavivar as tradições de seus antepassados muitos descendentes debruçam-se para recuperar aspectos culturais, como se os mesmos estivessem reinventando as tradições que fizeram parte da história de seus avós e bisavós.

Com o objetivo de reavivar as tradições muitos descendentes buscam retomar a cultura de seus antepassados, cultura essa que faz parte da memória de grande parte da população, mas que acabou se fragmentando por um período por falta de interesse das gerações posteriores a imigração, ou por imposições devido à campanha de nacionalização que proibia a expressão tanto da língua como da cultura que não fosse à imposta pelo governo brasileiro.

Porém de acordo com Flores (1995, p. 14) “toda festa só pode pertencer ao seu próprio tempo”, sendo assim, ao realizar uma festa que vise à cultura dos antepassados, torna-se impossível resgatar todos os aspectos culturais, deste modo à cultura é recriada e orientada por costumes tradicionais, onde os mesmos são orientados por outros significados e desempenham novas funções, em alguns casos o objetivo maior não é a retomada da cultura, e nem a busca da identidade, mas sim busca de valores financeiros. A respeito desta ideia, Flores, (1995, p. 17), sustenta que

Na verdade, para a montagem da festa, há um elaborado trabalho de bricolagem, a criação de algo novo a partir dos elementos pré-existentes. Ou seja, um trabalho de enquadramento de elementos

novos e velhos para compor um cenário, onde se destacam as tradições.

Neste sentido, muitos aspectos culturais acabam aderindo novos sentidos, por influência de novas culturas, novas tecnologias, ou até mesmo pessoas que não tenham contato com a cultura em destaque, mas mesmo assim buscam organizar as festas, sendo denominados como os fazedores de festa, os quais por não possuir uma ligação étnica, acabam empobrecendo o aspecto cultural. Assim sendo

A invenção e criação destas festas tem autoria. Elas não surgem através do tempo, de forma espontânea ou anônima, pelos acasos da dinâmica cultural, como de resto, são as outras coisas da sociedade. Os autores das festas são homens que exercem certa influência no seio da população ou no meio público, homens públicos, empresários com raízes locais, homens de cultura, educadores, etc. São sujeitos que encaram desafios, solucionam problemas, enfrentam opositores, animam os descrentes, e implantam o evento (FLORES, 1997, p. 51).

Analisando a citação acima, compreende-se que as festas mesmo com o objetivo cultural, sofrem influência de pessoas outras, alheias a cultura, como no caso da Festa das Nações no município de Mallet, objeto de estudo deste trabalho, que foi organizada por um homem público, o qual pode ser encarado como um fazedor de festa, sendo que o mesmo não possui ligação direta com as etnias representadas durante o evento, como será abordado no desenvolvimento do trabalho. Neste sentido pode-se dizer que as festas típicas quando organizadas por pessoas que não possuem ligação com determinadas etnias estão sujeitas a sofrer invenções, ou adaptações de acordo com as necessidades do momento. Tendo por base este pensamento

A palavra invenção, que era reservada para as descobertas tecnológicas, tais como telégrafo, o telefone, etc., ultimamente tem sido usada para descrever diversos fenômenos históricos, tais como a infância, a adolescência, a velhice, a maternidade, a subjetividade, a sexualidade, a identidade, a nacionalidade, a região, etc., tidas como criações culturais. São todas noções que se constituem em circunstâncias e contornos históricos bem circunscritos e com sujeitos sociais atuantes bem performizados (FLORES, 1997, p. 35).

Assim, a invenção ou reinvenção acontece quando as pessoas deixam de praticar algo durante um tempo determinado, como no caso dos integrantes das

etnias que compõem a população do município de Mallet, as quais aderiram à cultura do país adotado e deixaram de praticar a sua cultura, sendo assim, com a reinvenção da cultura acontece à inovação, a relação do passado, o qual é readaptado na memória das pessoas com o presente, criando-se uma nova maneira de praticar a cultura dos povos antepassados.

2.1 - A HISTÓRIA ESCRITA ATRAVÉS DA MEMÓRIA: UM LEVANTAMENTO DA CONVIVÊNCIA DOS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NAS FESTAS ANTERIORES A FESTA DAS NAÇÕES.

É através da memória que os historiadores buscam escrever a história do passado. A memória pode ser entendida como uma ponte que liga o passado com o presente, através da memória das pessoas que o passado é recriado, é trazido para o presente e torna-se possível realizar uma interpretação do vivido, escrever algo sobre o que aconteceu há tempos atrás, porém:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

Assim sendo, entende-se que a história é escrita através da memória, mas a memória não é o tempo vivido, mas é uma representação, é relacionada às lembranças e a imaginação do vivido. Na história oral onde a memória é a principal estratégia para reconstruir parte do passado, pode-se ter contato com o fato real ou imaginário, mas que desperta no ouvinte o desejo de vivenciar experiências de um passado que não retorna mais, somente está na memória das pessoas que reconstroem os fatos ocorridos para que os mesmos possam fazer parte da história de uma sociedade, por tudo a memória pode ser considerada uma história em construção.

Reconhecer o passado é também na dinâmica da História, construir conhecimento, defender o presente e resguardá-lo como matéria-

prima para o futuro, já que as relações temporais que articulam memória e história são fecundas e necessárias para a afirmação da condição humana. Os homens são agentes da História e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber (DELGADO, 2006, p. 56-57).

O ato de relembrar insere-se nas possibilidades do registro do passado, são elaboradas representações, afirmações, assim também como a construção de identidades. Através da memória também se constitui o fundamento dos processos identitários, que se referem ao passado histórico, voltado às invasões, culturas, comportamentos, hábitos de um indivíduo ou de uma sociedade. O ato de relembrar pode estar sendo construído de acordo com o interesse de cada depoente, muitas vezes informações podem ser criadas ou ocultadas, isso acontece principalmente quando está em jogo a preservação de uma identidade (DELGADO, 2006).

A memória está ligada aos laços afetivos e sociais de identidade, tendo como suporte um grupo social. É através de acontecimentos ligados aos grupos sociais ou grupos étnicos que a memória se faz presente, é repassada de geração para geração. No interior dos grupos étnicos, através da memória se reforça uma identidade, um pertencimento, como podemos nos referir aos descendentes de poloneses e ucranianos, os quais através da memória buscam manter uma identidade, construindo um elo entre a história passada e a memória das pessoas, cujo objetivo é preservar uma identidade étnica, a qual se faz presente principalmente nos aspectos culturais. É através da memória das pessoas que se constrói a história, relatos podem ser coletados, registrados, interpretados por historiadores e registrados posteriormente. Deste modo

O registro histórico por não ser afetivo, e, sim, operação intelectual, permite o distanciamento, a problematização, a crítica e a reflexão sobre a memória. A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se a repetição e a tradição, sacralizando o vivido do grupo social (FELIX, 2004, p. 20).

Levando em consideração que quando acontece a construção da história através da memória, a história é construída através do afloramento de lembranças e a construção de representações do passado, são lembranças de um tempo que já passou, em muitos casos perpassa um longo período de tempo, em que acontece outro modo de olhar, de pensar, de agir. Ainda pode ser construída de acordo com os interesses de cada depoente, levando em conta que normalmente está em jogo

uma identidade étnica. É papel do historiador então fazer um levantamento e a problematização do relato, para depois registrar as considerações que farão parte da história.

A memória geralmente está voltada ao desejo de continuidade e geralmente as pessoas buscam lembrar algo que foi importante, que marcou um grupo social. Tudo que não interessa pode ser apagado da lembrança das pessoas, deixado de ser relatado ou reconstruído de acordo com os interesses de cada depoente. “Estudar memória, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos” (FELIX, 2004, p. 42).

Neste sentido ressalta-se que a história construída a partir da memória pode ter um significado diferente da verdadeira história que aconteceu há um tempo, sendo que do momento que um fato acontece até o momento de ser exposto por um depoente através da sua memória passa um longo período de tempo, no qual acontecem modificações no jeito de pensar. As histórias que os depoentes reconstroem na atualidade através dos resquícios de sua memória podem estar condicionadas a diferentes significados, levando em conta que os depoentes somente interpretam o vivido, em alguns casos interpretam a história da memória do vivido, principalmente quando os depoentes através de suas memórias contam à história que já lhes foi repassada por seus pais ou avós, que contavam a história da memória dos seus antepassados.

Ao se referir à história dos imigrantes poloneses e ucranianos, seus descendentes e a fronteira étnica enfatizada pelos depoentes, pode-se dizer que esta pode ter sido uma construção dos imigrantes que foi repassada para seus descendentes e atualmente ela é rememorada através da memória dos antepassados. Um depoente pode estar contando a história através de suas lembranças, ou simplesmente adaptar aos seus interesses étnicos, para proteger a sua identidade frente a outros grupos.

A cultura dos eslavos (descendentes de poloneses e ucranianos) que se estabeleceram no município de Mallet, através da memória passou a novamente fazer parte da população com a organização da Festa das Nações, a qual foi realizada no município no decorrer do ano de 1993. Como ressaltado abaixo

As festas de maneira geral caracterizam-se pela repetição, pela sua particularidade em reunir a coletividade, pelo momento da exacerbação da vida social. Elas podem ser o lugar dos conflitos, das exclusões, de controle, disciplina, educação e reforma do povo, bem como de resistência a todos esses processos. Os antropólogos sociais que estudam festas, mitos e rituais, tem assimilado que esses eventos desempenham funções sociais (FLORES, 1997, p. 42).

Foram vários os motivos que levaram a população desde os primórdios a organizar festas, no entanto identifica-se na citação anterior que as festas podem também representar diversos significados, aproximar ou distanciar os povos, e principalmente se estes não fazem parte da mesma etnia ou são integrantes de diferentes grupos sociais.

Segundo Ramos (2006, p. 13) é nas festas que acontece a aproximação das etnias rivais, como se nelas as pessoas esquecessem as suas rivalidades e convivessem harmoniosamente.

[...], pois nas festas populares a fronteira étnica tende a se dilatar e até a desaparecer, visto que, nesses festejos, é extremamente difícil encontrar qualquer diferença entre a população que ali se reúne. É nessas festas que existe uma aproximação entre a população, pois são esquecidos todos os pré-conceitos e desavenças interétnicas [...].

Como arrola Ramos na citação anterior, em Prudentópolis onde também foram registrados conflitos étnicos por historiadores, entre os descendentes de poloneses e ucranianos, as diferenças desaparecem no momento das festividades, os descendentes mesmo tendo uma convivência conflituosa, se relacionam harmoniosamente no decorrer das festividades, como se elas tivessem uma magia pacificadora, nas quais as diferenças são esquecidas retornando somente após as festividades.

No município de Mallet, através dos relatos de descendentes de ambas as etnias (Paulo Choma, Gleise Terezinha Lopacinski, Irene Matioski) pessoas que participavam das festividades no período anterior a Festa das Nações, as fronteiras faziam-se presentes durante a realização das festas na comunidade. Identificou-se através dos relatos de descendentes de poloneses e ucranianos que não havia a participação dos poloneses nas festas ucranianas e nem de ucranianos em festas polonesas. Paulo Choma, descendente de famílias ucranianas que vieram da região da Galícia no período da imigração em seu relato em relação ao período que

compreende as décadas de 1950 até meados da Festa das Nações realizada em 1993, ressalta que naquele período não havia a convivência harmoniosa de ambas as etnias, sendo que nas festividades não havia colaboração de pessoas de outras etnias. Os poloneses não auxiliavam nas festas dos ucranianos e o mesmo acontecia nas festas organizadas pelos poloneses “um não ajudava o outro, não se misturavam, era festa só de ucraniano, festa só de polonês” (Paulo Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 07/04/2013).

É possível compreender que as festas proporcionam atos coletivos, e nelas acontece a socialização entre os grupos, porém em Mallet embasado em relatos de descendentes, se identificou que durante um longo período a socialização não acontecia ambas as etnias isolavam-se para realizar as suas comemorações. Em relação ao período compreendido, Irene Matioski, descendente de imigrantes poloneses concorda com o relato anterior, sobre a não participação de pessoas de outras etnias nas festividades realizadas: Dessa maneira a mesma expõe que

Os ucranianos nunca participavam da festa dos poloneses, às vezes os poloneses iam à festa dos ucranianos, mas eram poucos, porque não eram bem aceitos. Quando tinha a festa de São Pedro, padroeiro dos poloneses e do município de Mallet, os ucranianos não participavam, assim como poucos poloneses participavam da festa na Igreja ucraniana (Irene Matioski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 10/10/2013).

Como relatado acima, a descendente de poloneses alega que a sua etnia buscava a aproximação, sendo que alguns poloneses participavam das festas organizadas pelos ucranianos, mas não eram bem aceitos, talvez o povo ucraniano fosse mais rigoroso em relação ao povo polonês, sendo que como identificado nas bibliografias já citadas, os ucranianos carregavam em seus imaginários o ressentimento pelos mesmos, devido ao período em que os poloneses (conforme as bibliografias já citadas) apropriavam-se de parte do território ucraniano e mantinham os mesmos sob o regime de servidão. Outro questionamento é em relação às fontes orais, na qual se pode dizer que a visão em relação à outra etnia pode estar condicionada aos princípios étnicos do depoente, pois cada depoente pode valorizar a sua etnia em detrimento da outra. Ainda em relação à situação do povo ucraniano, Ramos (2006, p. 3) analisou que:

[...] numa tentativa de suportar a constante ação dos mecanismos de identificação, os ucranianos e seus descendentes, criavam suas próprias fronteiras, seus próprios mecanismos de identificação, com a finalidade de manter vivas suas crenças, anseios, ritos, causos, enfim, tudo que tinham como tradicional [...] essa resistência não acontecia de maneira totalmente consciente, como se esses grupos se unissem para discutir como manter a hegemonia ucraniana, mas era a partir de pequenas atitudes do dia-a-dia que se formulava essa fronteira que resistia a ação desses mecanismos de identificação impostos pelos ucranianos e seus descendentes.

Conforme a citação acima há a tentativa de identificação, com o objetivo de manter a hegemonia ucraniana, os próprios ucranianos criaram as suas fronteiras, de maneira inconsciente, pois muitos se basearam somente na memória de seus antepassados, nas histórias que eles podem ter criado para alimentar essa rivalidade na sociedade na qual se encontravam. Sendo assim, os mesmos se afastavam dos poloneses, não compartilhavam dos mesmos espaços, com o intuito de se diferenciar da etnia que havia os dominado durante um longo período, obrigando os mesmos à servidão e influenciaram em suas culturas.

Porém, se percebe que os poloneses, os quais se encontravam em Mallet não faziam parte do “grupo da nobreza polonesa” (FRANKÓ, 1981, p. 9) que (como identificado nas bibliografias) mantinham controle do território ucraniano, eram povos humildes que também saíram de seu país de origem devido motivos territoriais, econômicos e culturais, mas mesmo assim (como identificado nos relatos dos descendentes) eram vistos pelos ucranianos como seus inimigos e não aceitavam que os mesmos fizessem parte de suas festividades.

A falta de participação de uma etnia nas festividades da outra é também ressaltada pelo organizador da Festa das Nações, o senhor Odenir Antunes dos Santos, o qual informou que antes de organizar a festa era responsável por preparar a Festa do Motorista, na qual havia a benção dos veículos e era realizada anualmente na Igreja Sagrado Coração de Jesus. Por ser Igreja do rito ucraniano (as celebrações eram rezadas no rito ucraniano) havia pouca participação dos poloneses, os quais levavam seus veículos para serem abençoados na Festa de São Pedro. Odenir ressaltou que o intuito de realizar a Festa das Nações foi aproximar as duas etnias, porém também havia a preocupação dos organizadores, os quais temiam que não houvesse a participação da população devido à aversão existente entre ambas.

Como ressaltado pelos autores (CARNEIRO, 2005, ITANI, 2003) já citados que fazem uma abordagem sobre festas, é possível compreender que durante uma festa, seja religiosa ou cultural acontece a socialização das pessoas da comunidade e próximas dela. Porém essa socialização de pessoas deixa de ser um aspecto característico quando numa mesma comunidade vivem pessoas que alimentam em seus imaginários ressentimentos históricos que são passados de geração em geração. Após realizar uma análise das entrevistas coletadas com pessoas da comunidade foi possível identificar que no município de Mallet não era comum a socialização de pessoas de toda a comunidade. Como salientado pelos entrevistados, as fronteiras étnicas que foram moldadas no território europeu e alimentadas durante as gerações se faziam presentes no decorrer dos eventos.

No entanto, a fronteira que foi apontada nas entrevistas pode ter sido alimentada pelos entrevistados para dar continuidade à história do passado que foi registrada no período anterior a imigração e repassada pelos antepassados. Por outro lado, os descendentes de poloneses apontam que a fronteira não era tão sólida, havia o interesse de aproximação, sendo assim, duas hipóteses podem ser levantadas em relação às fronteiras, sendo que elas podem estar presentes no imaginário das pessoas e as mesmas as alimentam com o objetivo de se manterem distanciados das pessoas que a historiografia indica como sendo os responsáveis pelos problemas enfrentados no território ucraniano. Assim como os descendentes de poloneses podem estar negando a fronteira para desmistificar os escritos que apontam a superioridade polonesa diante dos ucranianos.

Nos escritos que enfatizam o período imigratório (HORBATIUK, 1989, FRANKÓ, 1981) as fronteiras étnicas são afirmadas frequentemente, mas ambos os autores descendiam da etnia ucraniana e deste modo os escritos podem ser verídicos, no período as fronteiras se faziam presentes entre os imigrantes, ou moldados de acordo com o interesse dos mesmos, assim como os relatos dos descendentes de ambas as etnias podem ter sido reformulados através das lembranças do período e adaptados conforme o interesse de cada um. Para tanto, se fará um levantamento de relatos mais recentes para verificar a existência das fronteiras étnicas a partir da realização da Festa das Nações, evento que contou com a participação de ambas as etnias.

2.2 - ALGUNS ASPECTOS DA FESTA DAS NAÇÕES

Muitos aspectos culturais que fizeram parte da vida dos imigrantes foram deixados de serem praticados por vários motivos, mas ressalta-se que com o objetivo de reavivar traços da cultura de seus antepassados muitos descendentes de poloneses e ucranianos, assim como pessoas ligadas por parentesco aos descendentes, mesmo no caso do organizador da Festa das Nações (o qual não descendia de nenhuma etnia participante da festa) debruçaram-se para implantar novamente alguns aspectos culturais que tinham sido deixados de serem praticados, por um período.

De acordo com o organizador, Odenir Antunes dos Santos, a Festa das Nações foi o primeiro grande evento que teve a participação de poloneses e ucranianos efetivado no município de Mallet. “A realização da festa teve como principal objetivo unir as etnias polonesa e ucraniana entre as quais existia um atrito no município devido às divergências criadas ainda em terras europeias” o que permaneceu em Rio Claro do Sul (Odenir Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 26/05/2013).

Neste sentido a Festa das Nações pode ser entendida como um evento em que houve a reinvenção de alguns aspectos culturais dos poloneses e ucranianos, como as danças folclóricas, os trajes e a culinária típica, que durante anos, principalmente por causa do nacionalismo de Getúlio Vargas, não vinham sendo praticadas e foram reinventadas para serem apresentadas no decorrer da festa.

Como já exposto, a Festa das Nações foi organizada somente em 1993, portanto neste trabalho dissertativo o objetivo principal não é realizar um estudo do evento, mas analisar as fronteiras étnicas, embasado principalmente em fontes orais, levando em consideração a falta de registros escritos sobre esse acontecimento. Neste sentido será feita uma breve abordagem da Festa das Nações, através das fontes orais, levando em consideração o depoimento do organizador da festa, o qual salientou que o principal objetivo da realização do evento era aproximar as etnias polonesa e ucraniana, que segundo ele tinham uma convivência não muito harmoniosa. Foi necessário realizar entrevistas com os participantes do evento para recuperar algumas informações sobre a Festa das Nações, mesmo tendo a consciência de que as informações que foram repassadas durante as entrevistas são somente uma interpretação do vivenciado, muitos

detalhes são fragmentados, outros podem ter sido adaptados, mas é preciso fazer uma análise dos mesmos para investigar se as fronteiras étnicas se fizeram presentes durante o evento.

Ao se referir à Festa das Nações apareceram dificuldades por falta de registros, sendo que os únicos documentos encontrados são as fotografias que foram tiradas no decorrer da festa. Porém, nem todas são possíveis de análise, sendo que é necessário conhecer o contexto para que as imagens sejam contextualizadas e interpretadas. Como não há registros escritos sobre o evento foi preciso partir para as fontes orais, o que é um novo problema, levando em consideração que as pessoas tecem interpretações diferentes sobre um mesmo acontecimento, sendo assim foram vários os relatos, porém com uma visão diferente tornando mais difícil a interpretação das fontes para chegar a um resultado preciso.

A Festa das Nações foi realizada no dia 12 de setembro de 1993, no pavilhão da Igreja São Pedro, padroeiro do município de Mallet. Teve a participação de quatro etnias diferentes, sendo poloneses, ucranianos (que fazem parte do estudo) e os italianos e alemães que se encontravam em pequena proporção no município. Como identificado nos relatos, principalmente do organizador da Festa das Nações, para a organização da mesma foram cerca de 6 meses, quando surgiu a ideia não havia representações culturais no município, sendo necessário organizar pessoas, buscar meios, principalmente professor de danças típicas para que fosse possível formar os grupos folclóricos que realizaram as suas primeiras apresentações no decorrer da festa.

Como as etnias que participaram das festividades eram de origem católica, no dia anterior a festa, na noite de sábado foi rezada uma missa, na qual teve a presença de grande parte da comunidade. No domingo era dia de oferecer as comidas típicas, as quais foram preparadas pelas etnias participantes e degustadas pela população que se fazia presente no evento. Para representar os grupos presentes foi realizado um desfile com as bandeiras das etnias. Para os entrevistados que se faziam presentes teve um acontecimento simbólico, a execução do hino, momento de maior emoção entre os descendentes de poloneses e ucranianos, pois com o início do período de nacionalização que aconteceu durante o governo de Getúlio Vargas, até a Festa das Nações jamais o Hino de seus países de origem havia sido tocado.

Como as principais fontes são os relatos dos participantes do evento, através de análise dos mesmos foi possível identificar que durante a Festa das Nações foram servidas comidas típicas das etnias presentes, como: batata, repolho azedo, carne suína, pirogue, golonke, jimne nohe, pirogue, barst (cujo significado encontra-se no glossário ao final da dissertação), entre outros. Cada etnia era responsável por preparar seu prato típico, comidas estas que conquistaram inúmeras pessoas e atualmente fazem parte dos eventos realizados pelos grupos folclóricos e são degustadas por pessoas de diversos lugares que se dirigem até Mallet para apreciar as apresentações dos grupos folclóricos e saborear a comida típica servida durante os eventos. Ainda foram organizadas barracas com artesanatos típicos das etnias participantes a fim de possibilitar a apresentação da cultura das mesmas (Guiselia Wronski Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

A Festa das Nações pode ser entendida como uma festividade na qual aconteceu o encontro de diferentes etnias, nas quais as mesmas geralmente organizam manifestações culturais que trazem um pouco da história do passado, cultura esta que foi trazida pelos imigrantes e geralmente deixada de lado principalmente por causa do nacionalismo em que foram proibidas todas as manifestações que não fizessem parte da cultura imposta pelo regime nacionalista.

César Loyola Flenik, prefeito do município durante a realização do evento, ressaltou que o período do nacionalismo de Getúlio Vargas prejudicou seriamente a propagação da cultura eslava no município de Mallet, ele enfatizou que no governo de Vargas o objetivo era nacionalizar a cultura, sendo assim o estado interferiu nas comunidades em que predominava a cultura imigrante, perseguindo as comunidades e implantando a cultura nacional que deveria ser seguida pelas pessoas (César Loyola Flenik, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 16/03/2014).

No período nacionalista de Getúlio Vargas o governo visava à nacionalização da língua e da cultura, pois com a política de imigração para o Brasil, houve a entrada de muitos imigrantes, os quais após se instalar em terras brasileiras objetivavam manter os seus aspectos culturais, construindo igrejas e escolas nas quais ensinavam para as crianças o idioma de seus países de origem. Guiselia Wronski de Almeida, descendente de pais imigrantes e professora aposentada, explicou que no período havia a proliferação de diversas culturas devido à campanha imigratória, a qual foi responsável pela vinda de inúmeras pessoas que

se estabeleceram no país. Como havia o risco de se formarem pequenas comunidades com culturas e idiomas diferentes o governo investiu na unificação cultural, proibindo o uso do idioma estrangeiro e obrigando as pessoas a utilizar o idioma do país adotado (Guiselia Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/2014).

Em várias regiões brasileiras os imigrantes precisaram se adaptar as regras do governo nacionalista. Durante o período compreendido entre as décadas de 1930 a 1950 houve um retrocesso na cultura dos descendentes de poloneses e ucranianos, devido aos prefeitos da época ser ligados ao nacionalismo de Vargas e optarem em impor no município as regras estabelecidas pelo governo. Sendo assim, os livros escritos em idiomas que não fossem o português foram apreendidos e queimados, escolas que ensinavam o idioma estrangeiro foram fechadas e toda documentação do período foi incinerada, fato que dificulta reescrever a história na atualidade, pois não se encontra nenhuma documentação além das lembranças reconstruídas dos descendentes de imigrantes (César Loyola Flenik, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 16/03/2014).

Conforme relatos, os eslavos em Mallet foram duramente atingidos pelo Estado Novo, e as pessoas deixaram de lado os aspectos culturais trazidos de seus países de origem para adotar a cultura imposta com medo da repressão do governo. Mesmo com o término do período ditatorial os aspectos culturais deixaram de ser praticados devido à presença de prefeitos poloneses e ucranianos que visavam beneficiar somente a cultura de sua etnia, deixando outra etnia à margem. Muito se perdeu, pois durante um longo período não havia manifestações culturais no município. Mas há pessoas que defendem que o nacionalismo de Getúlio Vargas de alguma forma foi benéfico para o fortalecimento da cultura eslava no município.

Tereza Prsybyszewski é descendente da etnia ucraniana, participa efetivamente da comunidade de descendentes ucranianos. A mesma se dedica a cultura através do preparo de pratos típicos para as festividades e também assa korovais para os casamentos de descendentes de ucranianos. Com vasta experiência na área cultural, em relação ao governo de Getúlio Vargas, a mesma sustenta que o nacionalismo acabou reforçando a cultura eslava, sendo que as pessoas por um longo período, após praticar a cultura do país adotado sentiram falta de sua cultura. Deste modo acabaram se voltando para a retomada dos aspectos do passado “porque as pessoas sentiam falta do que participavam antes, era uma vida

perdida no momento, quando as pessoas te tiram alguma coisa você quer correr atrás para recuperar, então eu acho que isso reforçou a cultura, o tempo perdido” (Tereza Prsybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczececen em 10/02/14).

Neste sentido, é possível compreender que a depoente se refere ao Estado Novo como algo benéfico para a cultura, os quais após o longo período sem poder praticá-la podem retomar com mais garra, tentando recriar alguns aspectos culturais, mas salienta-se que como a cultura não é estática, geralmente ocorre modificações e a cultura que a depoente se refere não é mais a dos imigrantes que para cá chegaram, mas somente uma adaptação dos resquícios presentes na lembrança das pessoas. Flores (1995, p. 26), aponta que

[...] a memória que não pode expressar-se publicamente, não significa que, na sua clandestinidade, ela não seja rememorada e revivenciada, transmitida de uma geração a outra. A memória silenciada, subterrânea, pode, portanto numa irrupção de sentimentos acumulados ao longo do tempo, encontrar o momento propício para vir à luz do dia e da esfera pública.

O silêncio cultural imposto às pessoas durante o nacionalismo de Vargas pode ter influenciado na vontade do povo em retomar o que fazia parte da história do município, fazendo com que as pessoas se organizassem em torno de algo que possibilitaria o retorno dos aspectos culturais do passado, como no caso a Festa das Nações, na qual aconteceu à busca da cultura dos imigrantes que haviam se estabelecido na região no término do século XIX e início do século XX. Porém, como já ressaltado, a cultura que está na memória das pessoas é uma lembrança do passado, em muitos casos é uma lembrança do que os antepassados comentavam. Sendo assim, além da modificação que a cultura tem através do tempo, neste caso ainda aconteceu à adaptação com os resquícios da lembrança do passado, então não se pode dizer que a cultura que é praticada no período é semelhante à cultura dos imigrantes, mas sim uma noção da cultura imigrante.

Considerando a posição do organizador da festa, Odenir Antunes dos Santos, que não faz parte da etnia participante da Festa das Nações, era jornalista da prefeitura municipal de Mallet, e no decorrer da solenidade explicou que a Festa das Nações foi o primeiro grande evento realizado no município de Mallet. Ele alegou que a realização da mesma teve como principal objetivo unir as etnias

polonesa e ucraniana, as quais viviam em relação de rivalidade no município devido às divergências, de acordo com os depoentes e alguns autores, sendo esses desacordos criados ainda em terras europeias, e que permaneceram após a vinda dos mesmos para a região.

Sobre o ressentimento histórico no qual o distanciamento étnico entre os eslavos justifica-se, Poutignat (1998, p. 165) evidencia que “A memória histórica sobre a qual um grupo baseia sua identidade presente pode nutrir-se de lembranças de um passado prestigioso ou ser apenas a de dominação e do sofrimento compartilhados”. No caso dos poloneses e ucranianos, a memória histórica não está ligada ao passado prestigioso, mas pelo sofrimento causado pela dominação que ambos se depararam inclusive os ucranianos, que carregam o ressentimento em sua memória devido ao período em que os poloneses se encontravam em situações superiores, fazendo dos ucranianos os seus servos. Sendo assim, o distanciamento é nutrido por lembranças às quais são passadas de geração para geração, motivo do distanciamento que se inseriu entre ambas as etnias, como é possível encontrar nas bibliografias do período imigratório.

Em relação às fronteiras étnicas foi perguntado aos depoentes se os mesmos concordavam com a ideia de Odenir Antunes dos Santos, que a festa foi organizada com o objetivo de aproximar as etnias polonesa e ucraniana que viviam em desarmonia no município. Identificou-se que há pessoas que concordam com a colocação do organizador “Eu concordo sim, a gente via nas festas (festas de igreja) que havia uma rivalidade, embora que não seja de toda uma comunidade, mas uma grande parte a gente vê que ainda fica segurando aquilo que não pode participar que não pode assistir, acho que era por isso” (Tereza Przybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14).

A mesma ideia é apresentada por outra depoente, que enfatiza que o distanciamento entre as etnias existia, mas que permaneceu mesmo após a tentativa de aproximação “Concordo, existia a desarmonia, e existe ainda hoje, parece que um tem como se fosse inveja do outro, sabe tipo atrito, se um faz o outro quer fazer” (Roseli Hlusko Harmatiuk, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/02/14).

Nos depoimentos anteriores, ambas concordam com a ideia do organizador da festa, alegando que a fronteira se fazia presente e que ainda permanece entre as etnias, principalmente entre os grupos folclóricos. Porém há pessoas que acham que

a festa não foi realizada com o objetivo de aproximar etnias, mas por razões culturais, com o objetivo de reaver a cultura, trazer de volta alguns aspectos do passado que se faziam presente na comunidade e foram aniquilados por razões históricas, como relatadas a seguir.

Acredito que a criação dessa festa foi para ressaltar e mexer talvez com essa questão da descendência e da riqueza das descendências, porque o Brasil é um país multicultural. Eu acho que a intenção foi fazer um evento com que mexesse com todo esse conhecimento, essa vontade de ver, de ser, de agir, em nome daquilo que é importante na nossa história, que é a imigração polonesa e ucraniana (Guiselia de Almeida Wronski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 04/02/14).

Conforme a entrevistada, o objetivo de realizar a festa não vem de encontro com a afirmação do organizador, pois a mesma apontou em seus relatos que havia, e ainda há distanciamentos entre a etnia polonesa e ucraniana, mas que a organização da festa teve objetivos culturais, se tratando de um município onde a maior parte da população é descendente de ambas as etnias. Nesse sentido, Itani (2003, p. 14), ressalta que “festejar passa a integrar também as práticas coletivas de resistência, como parte da história e memória de certos povos e de vários grupos sociais”. Ao realizar uma festa com objetivos culturais, visa-se, portanto, retomar parte da memória dos povos imigrantes que trouxeram consigo a cultura de seus países. Voltar ao passado e tentar reaver a cultura passa a ser uma resistência da comunidade que objetiva recuperar resquícios da memória e da história de seus antepassados.

Lucas Antunes dos Santos, filho do organizador da festa e coreógrafo do grupo folclórico polonês Mazury, em parte discordou da afirmativa do organizador. Ele alegou que realmente havia o distanciamento entre as duas etnias, mas que o maior objetivo era de mostrar a diversidade cultural que existia com o intuito de unir essas diferentes culturas e investir em algo que fosse útil para o crescimento cultural em Mallet.

Conforme o prefeito da época, como administrador ele já havia pensado em realizar algo que mexesse com a cultura do município.

Era meu segundo mandato, eu já tinha anteriormente pensado em mexer, movimentar com o folclore, que era um absurdo em Mallet, um lugar onde na época 45% dos descendentes era descendente de

poloneses e 45% era descendentes de ucranianos, não tinha nada em Mallet que identificasse o município, daí conversando com algumas pessoas a gente resolveu fazer a Festa das Nações. A ideia de realizar a festa partiu de Odenir Antunes, ele morou 20 anos em São Bento do Sul, e lá já tinha a festa, a qual promoveu o comércio, a cultura e o folclore local (César Loyola Flenik, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 16/03/14).

Foram diferentes opiniões apontadas em relação à organização da Festa das Nações, enquanto para o organizador o objetivo foi tentar aproximar as etnias que na opinião dele estavam distanciadas, para os demais foi algo natural objetivando acima de tudo tentar abordar a cultura.

Como narrado por Cesar Loyola Flenik, a população do município no período era quase em sua maioria composta de eslavos (poloneses e ucranianos), então era fundamental desenvolver no município uma festividade que identificasse a região com a população que ali habitava. Sendo assim:

O lugar (re)cria cultura, e ele o faz a partir de um cotidiano vivido, de modo distinto, mas, coletivamente, por todos. Este cotidiano é um reflexo das condições de cada lugar e tem suas raízes fincadas no trabalho em todas as modalidades. O lugar da comunidade que vive e interage cria uma identidade, fortalecem-se os processos de autonomia, de desejos, projetos, necessidades, sonhos e utopias éticas que fluem, ressignificando em cada época e em cada um (CONZEN, 1992, p. 12).

Talvez fosse pela busca de uma identidade para o município de Mallet, que houve o interesse em buscar investir numa festividade com características diferentes das festas tradicionais (festas realizadas nas igrejas nas quais não aconteciam manifestações culturais dos descendentes de imigrantes) que aconteciam na região.

Após fazer uma análise dos depoimentos acima, identificam-se diferentes hipóteses para a realização da Festa das Nações. Enquanto duas depoentes ressaltam o objetivo de unir as etnias com o intuito de aproximação, outros alegaram que a festa não foi organizada com objetivo de aproximar as etnias, mas sim abordar temas culturais.

Os coreógrafos dos grupos folclóricos alegaram que na opinião deles a festa foi organizada com objetivos culturais, os mesmos talvez por serem mais jovens e possuírem um grau mais elevado de estudo, se referem às fronteiras como algo natural entre os grupos, alegando que num período anterior as fronteiras eram mais rígidas, como foi lhes repassado por seus antepassados, mas que com o passar dos

anos houve um afrouxamento e que no período da Festa das Nações elas já não se faziam tão presentes. Neste sentido percebe-se que as opiniões divergem, dentro da mesma etnia foram apresentadas diferentes visões, porém elas assemelham-se de acordo com o nível de idade dos depoentes.

2.3 - ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS MAZURY E SPOMEN

Conforme os organizadores, muitas dificuldades foram encontradas para a organização do evento, sendo que não havia estrutura física e nem cultural. Como o objetivo era apresentar algo cultural, houve a mobilização em formar grupos folclóricos, a fim de demonstrar os passos das danças que eram praticadas em seus países de origem, assim como o traje que era usado na apresentação das mesmas. Segundo a organizadora do grupo folclórico polonês, as dificuldades foram imensas.

Quando surgiu a proposta de nós participarmos da Festa das Nações, eu cogitei a ideia de montar o grupo folclórico. Eu resolvi falar com o prefeito, o qual me desafiou alegando que se eu montasse o grupo ele dava o traje, na verdade ninguém acreditou na ideia de criar o grupo. Diante do desafio eu montei o grupo folclórico, foi colocado um aviso na rádio convidando os dançarinos, que eles me procurassem. Alguns filhos e filhas de poloneses que gostavam da cultura e que tinham um sangue mais forte polonês colocaram os filhos para começar esse grupo (Maria Margarete Grden Szinvelski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/14).

Como ressaltado pela responsável por organizar o grupo folclórico polonês, havia vários desafios a serem superados, pois não havia conhecimento dos passos da dança, sendo que não era mais praticada pelos descendentes de imigrantes no município. Sendo assim foi necessário convidar à população que se interessasse e de acordo com a mesma, somente os que eram realmente ligados às culturas se interessaram em participar dos ensaios e investir na cultura polonesa.

O Grupo Folclórico Mazury foi fundado em 1993 com o auxílio de Maria Margarete Grden Szinvelski. No início o grupo era chamado de Grupo Folclórico de Mallet, recebendo posteriormente o atual nome Mazury, nome escolhido por Guiséia Wronski de Almeida em homenagem aos imigrantes poloneses que vieram para o Brasil e eram da Região da Masúria (em polonês Mazury), Região Nordeste da Polônia formado por lagos e florestas. Desde a sua formação o Grupo Folclórico Mazury trabalha com o objetivo de preservar as tradições polonesas e os elementos

característicos que enriquecem a cultura no Estado do Paraná, especialmente no município de Mallet.

Em 21 anos, o Grupo Mazury já realizou apresentações nacionais e internacionais, é reconhecido pelo seu trabalho e tornou-se um dos principais grupos de dança polonesa no Brasil. Em 2008 recebeu na Argentina o primeiro título de destaque internacional quando participou do III Concurso de danças folclóricas em Puerto Iguazu. Em julho do mesmo ano foi escolhido para abrir XIV Festival Mundial de Grupos Folclóricos Poloneses na cidade de Rzeszów na Polônia e realizou uma série de apresentações em quatro cidades polonesas, entre elas a capital Varsóvia.

Participou de todas as edições do Festival Infantil e Juvenil realizado pelo Consulado Polonês em Curitiba e é o segundo grupo em número de troféus na competição. Em abril de 2011, recebeu o Prêmio Destaque no Festival de Danças no Mercosul. O Grupo Mazury conta com cerca de 70 dançarinos e tem um acervo de 360 trajes que juntos reúnem mais de 1500 acessórios de 19 regiões diferentes da Polônia, além de contar com coreografias e arranjos musicais desenvolvidos especialmente para o grupo.

Além das tradicionais viagens de apresentações, o Grupo Mazury organiza todos os anos viagens de intercâmbio cultural para assistir apresentações de outros grupos folclóricos como forma de incentivar os integrantes.

IMAGEM 01: Integrantes do grupo folclórico polonês na abertura da Festa das Nações.



Fonte/acervo: Odenir Antunes dos Santos.

Assim como os poloneses, os ucranianos igualmente enfrentaram dificuldades para que o grupo folclórico fosse formado para o evento. Como ressalta Waldinéia Vandrovieski, participante do grupo folclórico ucraniano, o grupo foi formado a partir dos integrantes do grupo de jovens que já existia na comunidade sob a coordenação do Padre Daniel Koslinski que gerenciava a Igreja Sagrado Coração de Jesus e com incentivo do governo municipal no período.

A gente tinha o grupo de jovens que era a Congregação Mariana, e daí o padre Samuel Koslinski da Igreja ucraniana após receber o convite para participar da Festa das Nações, chamou o grupo de jovens para formar o grupo folclórico, então ele foi um grande incentivador do Spomen. Então a gente foi atrás de coreógrafos, a gente não tinha coreógrafo, a gente não tinha condições de pagar, então no início quem veio ensaiar foi o pessoal de Rio Azul, o grupo Dunai, eles vieram e ensaiaram para a Festa das Nações. Foi o padre Samuel que levou a gente para Curitiba e ajudou a gente a comprar os tecidos para confeccionar os trajes da festa (Waldinéia Vandrovieski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 29/01/14).

Como abordado na citação acima, percebe-se que havia grandes desafios para a organização dos grupos folclóricos, sendo que era necessário obter uma grande quantia de dinheiro para que fosse possível comprar os tecidos para a confecção dos trajes, assim como pagar o coreógrafo responsável por ensaiar os grupos.

O Grupo Folclórico Spomen foi uma denominação do padre Samuel, o qual durante a década de 1990 foi o diretor do grupo de jovens da paróquia. O nome Spomen em ucraniano significa reminiscência, recordação e foi escolhido em homenagem as memórias que os imigrantes trouxeram de seus países de origem.

O primeiro show do grupo ocorreu em setembro de 1993 durante a Festa das Nações. Neste evento cerca de 20 jovens apresentaram duas danças folclóricas: Sucidka e Dzhohun. No ano de 1997 foi criado o grupo de dança infantil, composto por 30 crianças de 3 a 12 anos de idade.

Ao longo de duas décadas de existência, Spomen tem se destacado em performances em várias cidades dos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. O Spomen é visto como o responsável pela preservação do folclore ucraniano em geral, não só da dança. O grupo realiza

periodicamente em jantares típicos, algumas oficinas de cultura ucraniana, filmes e aulas técnicas de artesanato.

Atualmente o Grupo Folclórico Spomen, tem cerca de 80 dançarinos divididos em três categorias: adulta (15 – 25 anos), adolescente (11 – 15 anos) e crianças (3 – 10 anos de idade). Spomen tem um repertório de cerca de 30 danças, representando as regiões da Ucrânia: Poltavschnyna, Hutsulschnyna, Bukovyna, Zakarpattia, Volyn ', e Polisia Halychnyna (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

O grupo é apoiado financeiramente por meio de eventos e colaborações da comunidade. Além disso, o grupo recebe um auxílio financeiro anual da prefeitura municipal de Mallet, em geral este apoio financeiro é usado para a manutenção e confecção de trajes. As razões que levam as pessoas a se juntar ao grupo são as mais diversas. A maioria das pessoas participa porque são descendentes de ucranianos. Os bailarinos que não tem descendência ucraniana tendem a procurar o grupo porque gostam das danças ou admiram a dança folclórica ucraniana.

Durante o período que os dançarinos ficam no grupo, eles são incentivados a participar das atividades nos eventos locais da Igreja, das celebrações e outros eventos entre a comunidade dos descendentes de ucranianos no Brasil. Além disso, os dançarinos participam de atividades que incluem a aprendizagem de língua e técnicas do artesanato ucraniano.

IMAGEM 02: Grupo folclórico ucraniano na apresentação da Festa das Nações.



Fonte/acervo: Odenir Antunes dos Santos.

Para a sua formação, conforme os integrantes entrevistados, os grupos contaram com a ajuda financeira da prefeitura municipal de Mallet, mas como o traje era complexo, com muitos detalhes, o dinheiro, em alguns casos, tornava-se insuficiente, sendo adaptado de acordo com as possibilidades.

2.4 - AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE AS CULTURAS POLONESA E UCRANIANA

Durante muitos anos os poloneses e ucranianos praticavam aspectos culturais semelhantes devido serem países próximos e conviverem num mesmo espaço físico, principalmente no período em que os poloneses haviam estabelecido domínios na Ucrânia e incentivado os ucranianos a aderir à cultura polonesa. Quando os ucranianos vieram para a região de Rio Claro do Sul, atual Distrito de Mallet foi destinado às proximidades onde já estavam estabelecidos os imigrantes poloneses. Porém, ambas as etnias buscavam a diferenciação visando reforçar a identidade étnica, estabelecendo critérios possíveis de diferenciação. Como ressalta Tereza, as culturas são semelhantes, porém acontece um esforço para se diferenciar da outra, talvez para manter a identidade da etnia.

A cultura polonesa e ucraniana é mais ou menos parecida, idêntica não é, tem alguns detalhes diferentes, como, por exemplo, na comida, no preparo, dá uma diferença entre uma cultura e outra. Em partes as danças são parecidas, única coisa diferente entre os folclores é o vestuário, as roupas são modificadas para não serem iguais da polonesa (Tereza Prszbyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 10/02/14).

Ao analisar os relatos é possível perceber que existia a vontade de se diferenciar, talvez por causa da rivalidade que permanecia e ainda permanece entre as etnias, como alegam alguns depoentes, ou por motivos identitários com o objetivo de cada etnia manter a sua própria identidade sem ser confundida com a outra. Em relação à identidade étnica Poutignat (1998, p. 40), discute que;

A identidade étnica constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem dentro de uma mesma espécie é indispensável da repulsa diante daqueles que são entendidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas ao contrário, a comunicação das

diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas.

Nas apresentações organizadas pelos descendentes de imigrantes, pode-se dizer que houve o objetivo de restabelecer aspectos culturais do passado para que as tradições que fizeram parte da vida dos avós e bisavós, e que está presente na memória de algumas pessoas voltem a fazer parte da comunidade.

Para a comunidade malletense a apresentação dos grupos folclóricos foi um acontecimento marcante, pois era um momento de presenciar os traços culturais, que mesmo adaptados às mudanças que ocorreram trazem muitas lembranças do passado. Tereza Prsybyszewski ressaltou que a dança folclórica tem um significado especial para a etnia ucraniana.

A dança folclórica tem um significado muito importante, porque através da dança os dançarinos transmitem alegria, a agilidade, daí desenvolve também mentalidade. Eu acho que quando a gente se depara com um espetáculo de dança ucraniana, Para quem dá valor mexe muito com a gente, e assim que gente sabe que os ucranianos sempre foram muito cuidadosos e preservadores, eles foram indo em frente mesmo com as dificuldades e foram dançando (Tereza Prsybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14).

A dança folclórica é de extrema importância para a etnia ucraniana porque é um momento de socialização, confraternização, não somente para o folclore, mas também para a sociedade que participa das festividades. A dança folclórica é uma forma de identificação, assim como os gaúchos possuem suas danças, suas músicas, os ucranianos têm a sua. Hoje o folclore é o principal aspecto de preservação da identidade, sendo que apesar da socialização, de levar o folclore para outras regiões, outros países, é um meio de manter a identidade da etnia assim como atribuir uma identidade para a região, para o município (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Em relação à identidade, Castells (2002) ressaltou que ela pode ser entendida, como a fonte de significado e experiência de um povo, sendo que não se tem conhecimento de nenhuma sociedade que não tenha culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro não seja estabelecida, associada à necessidade de ser reconhecida. A identidade de um povo é construída socialmente, e organiza-se em torno de um conjunto de valores, com código específico de

autoidentificação, principalmente quando em uma sociedade apresenta-se a multiculturalidade. Oliveira (2006, p. 35) enfatiza que:

Será nas sociedades multiculturais que a questão da identidade étnica e de seu reconhecimento vai se tornar ainda mais crítica. Em tais sociedades, a dimensão da identidade étnica, relacionada com a da cultura tende a gerar crises individuais e coletivas.

Com o objetivo de manter a identidade polonesa e a identidade ucraniana, os grupos folclóricos investem na cultura como um meio de identificação, porém como são culturas próximas, ainda surge à necessidade de diferenciação para que não aconteçam comparações entre diferentes grupos étnicos. Poutignat (1998, p. 129), discorre que:

O que deriva do domínio da etnicidade não são as diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos de diferenciação entre grupos.

Na perspectiva de se identificar dentro de uma sociedade com diferentes grupos étnicos, acontece o fortalecimento do mesmo, em busca da diferenciação, como nos grupos folclóricos de Mallet, os quais buscam criar modelos de trajes exclusivos para que não haja semelhanças e adaptar os passos criando ritmos diferentes dos originais.

[...] a identidade étnica agrupa, agrega, unifica, malgrado a diferença dos ecossistemas e, com eles, a presença de alguma variação cultural interna a etnia. Esse ajuntamento, assim, revela uma dinâmica nas relações sociais que aponta para o fortalecimento de elos étnicos, identitários, de forma a assegurar mecanismos autodefensivos em situações de conflito interétnico (OLIVEIRA, 2006, p. 38).

Deste modo, os grupos étnicos remodelam e adaptam essas práticas e conhecimentos de acordo com o objetivo de transformação ou manutenção das identidades. Assim como os ucranianos preservam e orgulham-se das danças do folclore, os poloneses também alegam que o folclore é importante para manter a identidade e a cultura da etnia mais forte. Mesmo com a modernidade trazendo inúmeras alternativas para as pessoas, o folclore em Mallet, é visto como algo muito importante no município.

Lucas Antunes dos Santos expõe que as danças folclóricas apresentadas pelos grupos são uma das formas mais completas de representar os aspectos da cultura polonesa, na dança folclórica os trajes utilizados são típicos de cada região, assim como carregam uma série de informações, a forma de como são confeccionados, assim como o material utilizado, que é adaptado de acordo com as características de cada região. Durante a apresentação das danças, uma série de características é abordada, inclusive a língua e as lendas, sendo que todas as danças partem de lendas que nasceram em determinadas regiões que são representadas, crenças, datas específicas que as mesmas foram criadas, reunindo todos esses fatores, passando a ser uma das formas mais completas de representação da cultura polonesa, da cultura do país de origem dos imigrantes (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Em outro depoimento é ressaltada a importância do folclore polonês para manter a cultura no momento, assim como para o futuro, sendo que os descendentes que fazem parte dos grupos folclóricos passam a ter mais conhecimentos sobre a história do país dos seus antepassados, aprendem a cantar as canções polonesas, valorizar os seus antepassados, assim como são incentivados a preservar principalmente a língua da etnia e a trocar informações com grupos de cidades próximas durante as apresentações que acontecem nos festivais. Segundo Guiselia “os jovens da atualidade não se inserem nos grupos folclóricos eles não terão incentivos de manter a cultura da etnia, já que na atualidade há outros meios, principalmente a internet que acaba desviando o jovem para outros caminhos” (Guisélia Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Ao participar do grupo folclórico ou mesmo das apresentações, as pessoas se deparam com a história, aspecto importante para que busquem manter a cultura como forma de se identificar nas terras brasileiras. Ainda em relação à importância dos grupos folclóricos para a cultura, Lucas Antunes dos Santos aponta os grupos folclóricos como sendo os principais mantenedores da cultura no município, assim como também levam a cultura malletense para outras regiões, sendo que frequentemente acontecem apresentações em lugares distantes, inclusive em outros países, como na Polônia.

O grupo folclórico tem dois papéis, primeiro é divulgar o folclore polonês, a cultura, e segundo é ensinar, porque as pessoas que participam do grupo elas aprendem e ao mesmo tempo divulgam o trabalho delas, ou seja, repassam para os demais, então eu diria que os grupos folclóricos hoje são os principais representantes. O forte da cultura polonesa hoje seriam os grupos folclóricos (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 04/02/14).

Identifica-se que um dos principais objetivos da festa era a apresentação da dança folclórica, sendo que é uma tradição que era praticada nos países de origem, e nas terras malletenses foi retomada, tendo como intuito praticar os aspectos culturais das etnias. Atualmente, conforme o depoimento acima, os grupos folclóricos são vistos como os mantenedores da cultura, sendo que os jovens que participam dos mesmos acabam a divulgando para as pessoas da família assim como outras que vivem nas suas proximidades, incentivando novos integrantes e propiciando a continuidade das apresentações culturais. Flores (1999, p. 36), em relação à cultura que se expressa através da dança e de trajes típicos ressalta que:

[...] ao invés do conceito de folclore do século XIX, para designar uma cultura de museu, uma cultura do passado, como algo extinto, hoje há um novo folclorismo que é ativo, que se exerce. Tem um caráter político, porque redefine atividades étnicas. Tem um caráter de arte, porque muito militantes pelo folclore tem um gosto artístico simplesmente. Tem um caráter econômico, porque são perpassados pela lógica do mercado ao se transformarem em cultura espetáculo.

Assim se percebe que a dança folclórica voltada à cultura polonesa e ucraniana para a Festa das Nações, não é originária dos países de origem. Se passaram muitos anos da vinda dos imigrantes para a região, e como a cultura não é estática, mas se modifica através do tempo ocorreram várias mudanças. Portanto, o folclore foi adaptado de acordo com as necessidades do momento, permanecendo o aspecto cultural, porém de maneira modificada, em alguns casos adotando novos traços, mas mesmo adaptado acaba despertando o sentimento do passado.

Nos dias atuais os grupos folclóricos não visam somente à cultura, sendo que as apresentações que acontecem no município são somente uma atração diante do objetivo econômico, visto que geralmente as apresentações são acompanhadas de venda de bebidas, de almoços ou jantares típicos. Nesta perspectiva, o objetivo dos grupos deixa de ser cultural para ser um evento com fins lucrativos. Ressalta-se que para a Festa das Nações era necessário formar os grupos folclóricos a fim de

apresentar a cultura das etnias, hoje não basta ter os grupos folclóricos concretizados, é necessário organizar promoções a fim de arrecadar fundos para realizar as apresentações culturais dos grupos em outros municípios, em alguns casos em outros países.

2.5 - HINO DAS ETNIAS PARTICIPANTES: UM MOMENTO DE EMOÇÃO ENTRE OS DESCENDENTES

Conforme os entrevistados, o Hino Nacional foi um momento de grande emoção cantado por pessoas mais idosas, sendo que durante um longo período, principalmente durante a fase de nacionalização de Getúlio Vargas, não era permitido à execução do Hino que não fosse o Hino Nacional Brasileiro. Porém houve a participação de pessoas que tinham conhecimento do mesmo, o qual provavelmente foi repassado por seus pais, os quais eram imigrantes.

IMAGEM 03: Descendentes cantando o hino durante a Festa das Nações



Fonte/acervo: Odenir Antunes dos Santos.

Segundo descendentes, o momento do Hino de cada etnia foi um dos momentos mais emocionantes da festa, sendo que as pessoas mais idosas que

eram privadas de suas manifestações culturais puderam ouvir e se sentir mais próximos da sua identidade.

[...] a gente via no rosto, e mesmo pra mim, eu sempre me emociono quando eu ouço cantar, eu acho muito bonito, a gente via no rosto, principalmente das pessoas mais antigas, que elas se emocionaram ouvindo o hino, parece que eles voltam ao passado (Maria Anízia Koslinski, entrevista concedida Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Como ressaltado pela entrevistada, foi um momento muito importante, no qual as pessoas se emocionaram, sendo que em terras desconhecidas manter os aspectos que lembrasse a Pátria era de grande relevância. Em relação ao momento de execução do Hino, César Loyola Flenik, afirmou que:

A emoção era muito grande, tinham umas senhoras que estavam chorando, bonito aquilo né, não tinha nenhum imigrante vivo, mas o que vieram eles conheciam, então as aulas eram dadas em polonês e as crianças cantavam, depois do nacionalismo não cantaram mais, então nem as letras não lembravam mais, você via que aquilo parecia à primeira comunhão, muito bonito, são essas coisas que precisam ser resgatadas né.

Como ressaltado pelo depoente, no período anterior ao nacionalismo de Getúlio Vargas, as crianças cantavam seus Hinos na escola, com a nacionalização houve a proibição, fazendo com que os mesmos deixassem de praticar o patriotismo de suas etnias e aderissem o Hino Nacional Brasileiro, em uma festa que o objetivo era resgatar a cultura e não fazia sentido executar o Hino da terra adotada, precisando assim recorrer ao passado para aprender, ou reaprender a letra do mesmo.

Os aspectos que lembrasse o passado foram retomados pelos descendentes de imigrantes baseados nas lembranças dos descendentes para que a população se identificasse com o evento, levando em consideração que a maior parte da população atual é proveniente da etnia polonesa e ucraniana. O passado ganha vida, principalmente no imaginário da população mais ligada a cultura, embora uma nova vida com outras formas, outras estéticas, outros anseios dão sentido a uma sociedade, que busca vivenciar novamente as imagens que fizeram parte da vida das pessoas que residiam num determinado espaço, mesmo que seja somente uma representação.

Na Festa das Nações, além das apresentações culturais dos grupos folclóricos, e do Hino das etnias participantes, outro aspecto importante de representação das etnias foi à alimentação. A alimentação também faz parte da cultura imigrante, porém também sofre as modificações e as adaptações, proporcionadas pelo incremento de novos ingredientes, novas formas de preparo ou ainda adaptadas de acordo com as necessidades do momento. Para o preparo dos alimentos típicos servidos durante o evento foram utilizadas receitas que foram trazidas pelos imigrantes que chegaram para Mallet no início da imigração, foram passadas de geração em geração e fizeram parte do cardápio que foi servido para os participantes do evento. Os alimentos são parte integrante da cultura de um determinado povo, mas também pode ser visto como um meio de identificação, ou até como um meio de estabelecer fronteiras entre determinadas etnias.

[...] a identidade étnica também tem seu espaço nos sistemas alimentares. Envolve a caracterização e as funções da comida étnica, principalmente entre imigrantes. Entre imigrantes a comida étnica pode tornar-se espaço relacionado ao imaginário, à delimitação de fronteiras étnicas, base de conflitos, negociações ou fonte de estereótipos e estigmas (MENEZES e CARNEIRO, 1997, p. 21).

A alimentação também se torna um aspecto diferenciador, os imigrantes trouxeram seus pratos típicos e na atualidade eles estão sendo readaptados pelos descendentes, mas identificou-se que os pratos da culinária polonesa e ucraniana se apresentam idênticos, levando em consideração a convivência de ambas as etnias em terras europeias. No entanto os descendentes buscam fazer uma distinção dos mesmos, modificando alguns ingredientes, modos de fazer ou simplesmente no nome, cujo objetivo é se diferenciar da outra etnia. Ramos (2006, p. 56) ressalta que

[...] percebemos diferentes reações decorrentes de atividades cotidianas nem sempre tão distintas, como é o caso das representações coletivas de descendentes de ucranianos e poloneses, que muitas vezes compartilham dos mesmos símbolos, mas que são representados de maneira diferente. Visto isso, temos que perceber seus valores, seus mecanismos de identificação e seus sentimentos de pertencimento, temos que dar atenção aos aspectos que dizem respeito à diversidade cultural, étnica e de valores, buscando não somente revelar os mecanismos que a regulam, mas também afirmam como a existência desses mecanismos dá significado à vida de diferentes grupos sociais.

Como apontado na citação são dois grupos com características semelhantes, mas a todo o momento buscam a diferenciação como meio de identificação num determinado espaço. Em relação à assimilação da cultura polonesa e ucraniana, sendo por meio da dança, roupas ou gastronomia, Andreiv Choma alega que acontece frequentemente, pois,

É uma assimilação o tempo todo, eu acho uma graça quando alguém vem discutir comigo que isso aqui é só de ucraniano ou só de polonês, o pirogue é só de polonês, não tem como, quando eles moravam na Europa nem eles sabiam se eles eram ucranianos ou poloneses, eles se identificavam principalmente pela igreja que frequentavam, porque fronteira é uma coisa que eles não tinham ideia do que fosse se identificavam pela língua, pelo idioma que falavam, então é difícil de dizer, lá já estava miscigenada, a cultura polonesa é influenciada pela ucraniana o tempo inteiro (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

O período em que os poloneses haviam se apoderado do território ucraniano, pode ter influenciado na assimilação da cultura, de acordo com bibliografias do período imigratório, os ucranianos tiveram que aderir a cultura do país que havia se estabelecido em seu território. É possível, então, que a cultura polonesa fosse assimilada pelos ucranianos e posteriormente defendida por eles como se fosse sua. Mas como abordam os depoentes, eles não tinham conhecimento de fronteira, como o território polonês e ucraniano era alvo de invasões de outros países, principalmente a Rússia, a cultura que os mesmos defendem pode ter sido assimilada da Rússia, sendo que os mesmos durante um longo período não tinham um país, uma cultura, somente mantinham o que lhes era passado pelos seus descendentes. Portanto, não há como defender se era dos poloneses, dos ucranianos, ou dos países invasores, porque ainda na Europa aconteceu a assimilação da mesma.

Em relação ao significado de cada prato Andreiv Choma enfatiza que o pirogue possui semelhança, mas é atribuído como sendo da culinária ucraniana.

Perohe ou vareneke, na região da Galícia tanto, na região central na Ucrânia é conhecido como vareneke no sentido de cozinhar. Mas os imigrantes chegam aqui e aí como perohe é muito próximo de perohe polonês passaram a chamar de vareneke, por causa disso acho uma palavra exclusiva ucraniana.

Como os poloneses e ucranianos vieram de regiões próximas, entende-se que a culinária é vista como um fator de identidade do grupo, mas que possui muitas semelhanças, em alguns casos diferenciando-se somente no nome atribuído ao prato preparado ou a maneira de preparar o mesmo. As formas de preparo dos alimentos dos poloneses e ucranianos são idênticas, o que diferencia são somente alguns ingredientes, em alguns casos somente são usados alguns temperos diferentes cujo objetivo é distinguir o prato e usar como meio de identificação do grupo.

Sobre a semelhança entre a cultura polonesa e ucraniana, Lucas Antunes dos Santos atribui aos fatos históricos, alegando que através deles se dá a própria evolução histórica, sendo que a Polônia e a Ucrânia são países vizinhos e, portanto possuem traços históricos característicos devido às invasões que aconteciam em seus países, principalmente durante o período em que os poloneses haviam se apoderado de parte do território ucraniano.

Polônia e Ucrânia são dois países que possuem traços característicos, pois onde acontecem invasões é obvio que vai ter uma influência, e até pela proximidade entre os dois países, e isso é obvio que vai ter uma influência, e eu diria que até o compartilhamento dessas informações dessas tradições. Hoje se encontra entre as etnias traços da cultura polonesa na cultura ucraniana e vice versa, vários elementos da cultura que são idênticos, uma série de fatores que seriam influenciados geograficamente (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Assim como, a dança possui passos semelhantes, a gastronomia polonesa e ucraniana também possuem traços idênticos, mas são diferenciadas no imaginário de cada etnia como um meio diferenciador, sendo que o objetivo dos mesmos era manter um distanciamento e cada etnia manter a sua própria identidade. Segundo Schneider (2002, p. 24), em relação alimentação

[...] a tradição e inovação fazem-se presentes por consumirmos alimentos processados, ou seja, culturalizados. Dentro de uma sociedade um determinado alimento é preparado respeitando-se conhecimentos culinários, hábitos, religião, saúde e mesmo condições geográficas e econômicas. Alguns desses aspectos podem ter sido herdados de outras gerações ou mesmo introduzidos. O importante é saber que esses alimentos estão carregados de experiências, de significações, que transmitem uma sensação de pertencer a um determinado grupo.

Porém, como a culinária faz parte da cultura ela está ligada as tradições de um grupo, ela pode sofrer modificações com o passar do tempo, o passado frequentemente sofre interferências do presente. Como ressalta Poutignat (1998, p. 11) em relação à dinamicidade cultural

[...] a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinárias, etc.), transmitidas da mesma forma de geração para geração na história do grupo, ela gera provocações e reações entre esse grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir.

Em relação à alimentação, os depoentes afirmaram que os pratos culinários são um dos principais aspectos da cultura eslava, porém com o passar do tempo sofreram algumas modificações devido a agentes externos, como novos ingredientes ou o objetivo de diferenciar o prato da etnia contrária, sendo que se identificam diversas semelhanças no preparo dos pratos típicos, mas mesmo assim eles são preparados de forma a manter os traços originários com o objetivo de manter parte da cultura que fora trazida pelos imigrantes. Tereza Prsybyszewski afirma que a culinária está sendo mantida, mas sofreu algumas adaptações necessárias como, por exemplo, o kutiá, prato servido na ceia natalina dos descendentes ucranianos que anteriormente era feita somente com açúcar e mel, mas com a introdução de novos ingredientes no comércio, os ingredientes foram substituídos por produtos mais sofisticados como o leite condensado e as uvas passas, mas que mesmo com a modificação não perdeu o significado atribuído ao prato e é visto como um dos principais meios de identificação da cultura ucraniana.

Ao analisar as práticas gastronômicas, o historiador interpreta o presente em relação ao passado enfatizando a dinâmica cultural das sociedades. Esse processo pode ser entendido como sendo uma forma de reconhecer, assim como reconstruir identidades culturais (COSTANERO, 2013, p. 98).

IMAGEM 04: Pessoas que trabalharam no preparo de alimentos durante a Festa das Nações.



Fonte/acervo: Odenir Antunes dos Santos.

Na Festa das Nações, a alimentação foi preparada pela própria comunidade, principalmente pessoas ligadas à igreja, ou mães de dançarinos que trabalharam para possibilitar que a festa fosse realizada.

Conforme os entrevistados, no dia da festa não havia separação quanto à alimentação, sendo que as comidas das etnias participantes eram servidas para todos os presentes no evento. “Não havia separação, porque era uma espécie de Buffet, você se servia do que você quisesse, então não havia essa separação que vou comer só esse prato ou outro, pessoas experimentavam, e qual as agradava eles se serviam” (Guiselia de Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 04/02/14).

Como havia a participação do público as pessoas visavam degustar de pratos diferentes, muitas talvez para provar o sabor, outras não possuíam conhecimento das fronteiras entre as etnias ou para fazer futuras comparações, já que o histórico entre as etnias aponta a suposta superioridade de uma etnia frente à outra. “A curiosidade talvez tenha motivado o consumo de diferentes pratos, cada um tinha a curiosidade de conhecer, saber como era o gosto da comida, então muita

gente comprava de todas as etnias” (Tereza Prsybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14).

Mesmo sendo a modernidade um aspecto modificador da cultura, os descendentes alegam que a culinária tende a se manter durante longo período entre os integrantes da etnia, mantendo a identidade dos grupos étnicos. Andreiv Choma

A culinária é uma coisa que vai se manter por muitos anos, porque é comida, faz parte do dia a dia, algumas coisas como o korovai que se popularizou que deixou de ser uma cultura exclusivamente ucraniana e passou a ser uma cultura malletense, eu acho que vai se manter, mas não vai se manter por muito tempo e logo ele vai voltar a ser ucraniano (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Sendo assim, a culinária por fazer parte do dia-a-dia da comunidade, também se torna um aspecto identificador, sendo que há muitas pessoas de outras comunidades que se dirigem até o município para degustar a culinária eslava que é servida frequentemente, inclusive nas festividades comuns, como as organizadas pelos grupos folclóricos, mesmo tendo as suas características modificadas, a culinária foi apontada pelos descendentes como um aspecto identificador, em que cada etnia visa utilizar algo para modificar a fim de diferenciar.

2.6 - SOCIALIZAÇÃO DAS ETNIAS DURANTE A FESTA DAS NAÇÕES

Como abordado anteriormente, o organizador da Festa das Nações apontou que o evento foi organizado com o objetivo de aproximar as etnias polonesa e ucraniana que se distanciavam uma da outra durante as festividades organizadas no município. Porém, a Festa das Nações foi um evento onde a participação das diferentes etnias tornava-se necessária, devido à festa contar com as etnias polonesa e ucraniana, e também com as etnias italiana e alemã que faziam parte da população malletense, porém em pequena proporção. Mas como já colocado, conforme os depoentes não aconteciam participações de poloneses em festividades de ucranianos, assim como, os ucranianos não participavam das festividades polonesas. Como se relacionaram então às pessoas de ambas as etnias no decorrer da Festa das Nações? Assim alguns depoentes relatam que as pessoas se relacionaram muito bem durante o evento, a festa foi uma maravilha, tranquila,

inclusive houve a divisão da cozinha para o preparo dos alimentos, sendo assim, o organizador da festa pode ter atingido o objetivo proposto por ele, talvez o espírito de festividade fizesse com que as pessoas deixassem de lado o ressentimento histórico e visassem o sucesso do evento.

Ainda há os que acham que no dia a hostilidade foi camuflada, devido à participação de pessoas que não faziam parte da comunidade, e porque o objetivo das etnias era mostrar o que cada uma tinha de melhor, uma hostilidade camuflada, onde o espírito de competição não estava visível, mas estava no imaginário dos participantes, os quais objetivavam se concentrar no preparo de seus alimentos, na organização de sua dança para tentar superar a etnia oposta. Em relação a essa ideia “acho que naquele dia eles se uniram, a rivalidade não estava visível, porque eles estavam lá para mostrar o talento deles” (Maria Anizia Koslinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Outros alegam que foi um momento em que as pessoas estavam totalmente voltadas ao trabalho e a busca do sucesso de suas etnias, não tendo tempo para pensar em intrigas voltadas ao passado histórico, sendo que, como era uma festa que envolvia as diferentes etnias, era preciso da união das pessoas.

A gente não teve muito tempo para observar porque a gente estava trabalhando, só que o entrosamento entre as pessoas que estavam trabalhando até que foi bom, porque a gente participou da festa e a festa foi na Igreja São Pedro, então a gente ocupou o espaço físico deles (poloneses). Então eu acho que havia um entrosamento bom, porque para organizar era necessário se unir, e o seu Odenir (organizador da Festa das Nações) era uma pessoa muito criativa e ele fazia se unir, sem perceber a gente conversava e eu acho que houve uma união entre os poloneses e ucranianos (Tereza Prsybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14).

A depoente comentou que a relação entre as pessoas que trabalharam no preparo dos alimentos foi tranquila, naturalmente acontecia de conversarem umas com as outras, porém em nenhum momento a depoente Tereza e nem a depoente Anizia afirmam que a convivência foi totalmente agradável, frequentemente elas usam o termo “eu acho”, fato que denota um bom entrosamento, mas talvez não uma boa aceitação em relação às pessoas de etnias opostas.

A organizadora do grupo folclórico polonês, Maria Margarete Grden Szinvelski, comentou que havia o espírito de competição entre as pessoas, inclusive

entre os integrantes dos grupos folclóricos os quais objetivavam se superar diante do grupo rival, porém alega que este comportamento é natural onde acontecem apresentações de grupos distintos:

Cada etnia se preocupou em fazer sua parte, então não teve tempo para intriga, eu não lembro nenhum episódio de intriga entre as etnias. Tinha o objetivo de um querer fazer melhor que o outro, isso é normal numa festividade, sempre um quer fazer melhor que o outro para dizer, minha etnia é melhor, minha etnia é mais bonita (Maria Margarete Grden Szinvelski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 07/04/14).

A depoente ressaltou que não lembra nenhuma anormalidade no decorrer do evento, mas deixa claro que havia, mesmo sendo no imaginário o espírito de competição, os integrantes de cada etnia buscavam se superar, principalmente na apresentação das danças folclóricas para atrair a atenção do público presente e reforçar a importância de sua etnia diante da outra.

Se no preparo dos alimentos havia certo entrosamento entre as senhoras que prepararam os pratos, na visão de Waldinéia Vandroveski, isso não aconteceu entre outros setores, pois não havia intrigas visíveis, mas também não houve a cooperação e o relacionamento não foi muito amigável

[...] eu não me lembro de ter ocorrido alguma desavença, nada, eu só lembro assim, que era polonês no seu canto e ucraniano no seu canto, assim, separado, não teve envolvimento mesmo, cada um no seu cantinho, cada um envolvido com as suas coisas (Waldinéia Vandroveski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 29/01/14)

Fica claro que realmente não havia envolvimento direto entre as etnias, pois cada uma se preocupava em preparar a sua apresentação e demonstrar a sua cultura para as pessoas que se faziam presentes no evento. Porém percebe-se que há visões diferentes em relação ao comportamento dos descendentes de poloneses e ucranianos nas festividades, enquanto alguns alegaram que o entrosamento foi maravilhoso, outros deixam algumas dúvidas, se realmente a convivência foi harmoniosa, ou se a passividade foi devido ao isolamento das etnias, ou ainda foi algo camuflado pela presença de outros grupos durante a realização do evento.

Andreiv Choma alegou que devido a sua pouca idade no decorrer do evento não estava preocupado em analisar a convivência de ambas as etnias, mas

ênfatiou que em outros eventos posteriores a Festa das Nações em que ambos os grupos folclóricos se faziam presentes, a convivência não foi pacífica.

“No decorrer da festa não lembro, agora tomar por base demais eventos que os dois grupos estiveram juntos, dá pra dizer que foi semi-desastroso, quase desastroso”, (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14). Isto denota que realmente em ambas as etnias havia pessoas que acharam que o comportamento foi pacífico, assim como houve depoentes que não concordam com essa hipótese, pois alegaram que o evento foi importante, mas não influenciou na aproximação das duas etnias.

Em relação à convivência dos mesmos durante a realização da festa, Odenir Antunes dos Santos defendeu que tudo aconteceu de maneira tranquila, “a festa foi algo marcante naquela época, e serviu para unir, para mostrar que não havia mais rivalidade”. No entanto, é possível questionar o seu posicionamento, sendo que o mesmo acaba se contradizendo em seu relato, alegando que durante o evento aconteceram algumas anormalidades, “no dia da festa quando estava sendo executado o Hino da Ucrânia a filmagem foi cortada, isso prova a hipótese de que não gostavam dos ucranianos” (Odenir Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valeria Antoczecen em 26/05/13).

É possível identificar diferentes posicionamentos entre participantes de ambas às etnias, portanto questiona-se como o organizador da Festa das Nações que não pertence à etnia polonesa e ucraniana, pode ter duas visões diferentes, primeiro alegando que a festa realmente atingiu o seu objetivo e uniu as etnias, e posteriormente falar que uma etnia não gostava da outra porque durante o evento, possivelmente os poloneses, deixaram de registrar o momento da execução do Hino da Ucrânia.

Odenir Antunes dos Santos apontou que o objetivo de realizar a festa foi promover a reaproximação dos poloneses e ucranianos que ainda se distanciavam uns dos outros, mas também teve seu lado cultural, onde foram realizadas diversas manifestações, o que contribuiu para o sucesso da festa, como comentado pelos depoentes.

Durante a entrevista Andreiv alegou que a Festa das Nações foi importante para dar visibilidade para a cultura das pessoas no município, as apresentações dos grupos folclóricos durante o evento foram fundamentais para que as pessoas passassem a valorizar a cultura das etnias, sendo que durante um longo período as

peças sentiam vergonha de assumir que eram descendentes de poloneses ou de ucranianos, levando em consideração que no período eram vistos como pessoas que falavam errado, “ devido não pronunciar o som dos “rr”, pessoas que viviam no interior e trabalhavam na lavoura. Deste modo eles visavam esconder o pertencimento a determinada etnia”. A partir da Festa das Nações, após um reconhecimento maior da importância e da beleza da cultura de ambas as etnias as pessoas passaram a valorizar mais, enxergar um pouco mais a fundo a cultura. Sendo assim, a Festa das Nações pode ser considerada como um ponto inicial para a valorização da cultura eslava (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Identificar-se como descendente de ucraniano ou polonês no período anterior a Festa das Nações era algo vergonhoso para as pessoas, principalmente para os mais jovens, e a partir da festa deixou-se de lado a vergonha e passou-se a se referir à cultura como algo importante para a etnia. Essa vergonha apontada por Andreiv talvez não fosse devido à dificuldade de pronúncia, mas devido ao medo que as pessoas tinham de se utilizar inclusive da língua devido às normas impostas pelo regime autoritário de Getúlio Vargas, como apontado por Guisélia, a qual enfatizou que o autoritarismo imposto pelo governo interferiu no funcionamento das escolas que lecionavam em polonês, assim como no uso da língua polonesa, os poloneses acabaram perdendo um pouco da sua identidade, “passaram a ter vergonha de se pronunciar publicamente em polonês e com isso muitas pessoas deixaram uma fase importante de sua vida sem valorizar a sua etnia e a sua cultura, fato que interferiu de maneira negativa na cultura das etnias” (Guisélia Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Neste sentido, a festa além de incentivar a cultura no município, foi um momento de liberdade, como ressaltado pela depoente as pessoas temiam uma repressão, talvez não mais por parte do governo, mas pela própria comunidade, pelos mais jovens que achavam estranho se comunicar usando uma linguagem diferente, uma linguagem que fora proibida durante um período. Sendo assim

Percebe-se entre as pessoas este desejo em curso, um processo de retomada das origens. Constatamos uma nova sensibilidade em relação à cultura, em relação às experiências anteriores. O que uma geração anterior considerava “brega”, antiquado e ultrapassado, a geração atual valoriza: a cultura e a experiência de seus avós (FLORES, 1997, p. 34).

Com o objetivo de reavivar a história do passado, durante a festa foi o momento que aconteceu novamente a reaproximação das pessoas que faziam parte da etnia polonesa e ucraniana com a sua cultura e aquele momento impulsionou uma atração pela busca de um passado que se fez presente na comunidade.

A repressão durante o regime e a vergonha de utilizar a língua pelos mais jovens (como ressaltado pelos depoentes) não foi um problema somente na comunidade polonesa e ucraniana de Mallet, mas esteve presente em outras localidades onde também havia imigrantes de outras origens como os descendentes de alemães que viviam em Santa Catarina e igualmente foram prejudicados pelo regime nacionalista como ressaltado por Flores,

Como resultado do processo de nacionalização, as expressões públicas de germanidade foram abafadas. Deixou-se de falar a língua alemã em público; diminuíram as atividades das sociedades e clubes recreativos; a educação passou a ser feita na língua portuguesa; em certos meios passou-se a ser uma vergonha ser de origem alemã. Pelo menos por uma geração, a memória dos antepassados, ou seja, os aspectos que teciam a germanidade foram silenciados (FLORES, 1997, p. 45).

A colônia alemã em Santa Catarina também sentiu a força do regime autoritário, onde durante uma geração a cultura ficou abafada devido o medo ou a vergonha de voltar a praticar a cultura germânica. Porém foi a partir da Oktoberfest, realizada na comunidade que os traços culturais foram retomados, como aconteceu no município de Mallet, que conforme os depoentes, com a Festa das Nações passou-se a dar maior visibilidade para a cultura no município, sendo um passo inicial, como alegou César Loyola Flenik em seu depoimento.

Foi muito importante, foi o passo inicial, porque não havia nada, não tinha um traje típico em Mallet, se organizaram, a festa foi bonita, nós não fizemos mais depois por causa de alguns problemas, o pessoal não quis mais participar, mas ficou faltando, de lá pra cá se você observar houve um grande desenvolvimento dos grupos folclóricos, Mazury, Spomen, e se houver um incentivo isso vai continuar. Foi muito importante, porque antes não se conhecia Mallet, Mallet era conhecida como terra dos polacos, mas era um termo pejorativo, como se ali existissem somente vagabundos e bêbados. Essas culturas precisam ser trazidas, mas eu acho que a cultura polonesa e ucraniana foi muito bem resgatada.

A realização da Festa das Nações teve sua importância segundo depoentes, para a retomada daquilo que não estava sendo praticado, mas que fazia parte da história da comunidade. Há outros que alegam que a partir da realização da mesma passou-se a dar maior visibilidade para a cultura do município, como comentou Lucas Antunes dos Santos, o qual alegou que durante a festa talvez não tenha acontecido a retomada cultural, mas a partir dela se teve maior incentivo para buscá-lo.

Eu não sei se a festa foi importante pra resgatar a cultura, ela foi com o tempo de preparo muito curto, talvez ela foi importante pra incentivar esse resgate, porque a partir daquilo passou a se dar mais atenção para essa linha cultural, porque até então existiam manifestações folclóricas, mas elas não eram compartilhadas, não eram apresentadas, alguma coisa eles conheciam, então a partir daquilo ela deu aquele impulso inicial, não foi na Festa das Nações em que tudo ocorreu, mas foi a partir da Festa das Nações em que as coisas foram ocorrendo (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 04/02/14).

Nesta perspectiva, como corroboram os depoentes foi a partir da Festa das Nações que passaram a acontecer atividades culturais com mais frequência no município, deste modo à festa pode ser vista como um fator importante para que a cultura fosse retomada, mas, mesmo tendo participação maciça da população, a festa não teve novas edições, para tanto se fará uma análise sobre o referido acontecimento para buscar responder as possíveis causas da não realização da festa, já que os depoentes alegam que foi a partir da mesma que se teve um incentivo cultural maior, assim como analisar a identidade dos grupos folclóricos polonês e ucraniano, sendo que há indícios da participação de descendentes de outras etnias no interior de ambos na atualidade.

3 O ENIGMA DA FESTA DAS NAÇÕES. QUAL FOI O MOTIVO DE SER ORGANIZADA SOMENTE UMA VEZ?

Uma festa que tem a participação do público e que contribui para a visibilidade da cultura do município deve ser mantida para que a mesma possa assumir um destaque e tornar-se algo histórico na comunidade. Porém, a Festa das Nações, segundo os participantes entrevistados, foi um evento marcante para a cultura do município, mas que também sofreu um retrocesso: ele teve uma única edição, e para a não continuidade da festa há várias hipóteses a serem analisadas.

Alguns atribuem a não continuidade do evento a fatores políticos, outros alegam que o evento não teve continuidade devido à falta de comprometimento das pessoas que estavam organizando a mesma ou até por parte das pessoas das etnias participantes. Há os que alegam que a festa não teve continuidade por motivos políticos, falta de apoio financeiro do poder público municipal. Guisélia de Almeida Wronski atribui fatores distintos, que podem ter contribuído para a não realização de novas edições da festa:

Eu acredito que primeiro motivo ou a causa seria a mudança da administração no município, essa questão ou por questões financeiras porque fazer uma festa não é fácil, outro ponto também que na nossa região o que é forte o CTG (local onde acontecem rodeios), e municípios pequenos não podem fazer várias festas durante o ano porque isso requer gastos, correria e poucas pessoas de repente se envolvem num trabalho desses voluntariamente, e precisa muita gente nesses eventos de boa vontade para fazer o evento acontecer de certa forma bem e positivamente (Guisélia de Almeida Wronski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 04/02/14).

No depoimento acima fica visível o apontamento de fatores políticos, estes podem ser uma das causas, mas em relação à troca de administração, salienta-se que não ocorreu, pois era apenas o primeiro ano que o prefeito estava no poder, permanecendo por mais três anos. Quanto ao CTG, salienta-se que existem outras festividades no município, porém são festividades que priorizam as apresentações campeiras. Pode-se dizer que mesmo acontecendo anualmente não influenciou na Festa das Nações, sendo que as festividades são organizadas pela diretoria, que não possui nenhuma ligação com as etnias polonesa e ucraniana. A falta de

comprometimento da população, assim como falta de recursos financeiros, é também um dos aspectos apontados para a não continuidade da Festa das Nações.

Em outro depoimento outros apontamentos são levantados, Andreiv Choma ressaltou que se a festa fosse realizada no último ano de mandato do prefeito, a sua continuidade poderia ter sido atribuída às mudanças de poder, mas como a festa aconteceu no primeiro ano de mandato a não realização de novas edições pode estar condicionada a falta de interesse e falta de investimentos do poder público. Outro fator que é apontado vem a ser a falta de incentivo religioso e organizacional, “quem organizou o grupo folclórico ucraniano foi o padre e o grupo folclórico polonês não teve o apoio da igreja, portanto faltou liderança” (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

A falta de organização das pessoas também é abordada por Lucas Antunes dos Santos, mas o mesmo também comentou sobre a falta de apoio político, ressaltou que seria fundamental para uma festa que envolve pessoas de toda comunidade.

[...] acredito que seja um problema mais político. Pra você fazer uma Festa das Nações, ou seja, qualquer outra festa, um evento mais bem sucedido, é preciso ter trabalho, e daí você precisa contar com uma equipe grande, primeiro você precisa ter pessoas que se dediquem a isso, pessoas também que estão por dentro do assunto, e você também precisa ter uma boa vontade política para que seja feito, eu acho que tudo isso ocorreu, menos a vontade política nesses últimos vinte anos, então eu acho que ela só não foi feita por causa do desinteresse daqueles que talvez poderiam organizar uma festa (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

O depoente relatou que faltou apoio político para que a festa fosse realizada posteriormente, o mesmo apontou que a população estava envolvida com a cultura, mas sem o interesse do poder municipal a festa não foi realizada. Ressalta-se que na Festa das Nações o principal objetivo é expor a cultura, sendo assim é preciso que haja o interesse das pessoas que estão envolvidas nos grupos folclóricos.

Em relação à falta de apoio político, Maria Anizia Koslinski alegou que precisava um pouco mais de incentivo na parte cultural do município “Eu acho que eles não tinham apoio do prefeito, da secretaria da cultura e do turismo que deveria dar apoio, mas eles não dão, mas se o povo gritasse eles iam se empenhar” (Maria Anizia Koslinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

As pessoas ligadas à cultura julgam o grupo político do município como sendo responsável pela não continuidade da Festa das Nações, inclusive o organizador da festa, Odenir Antunes dos Santos alegou que não houve incentivo por parte do poder municipal, principalmente pelo fato de os prefeitos não pertencerem às etnias polonesa e ucraniana “Ou outros prefeitos não eram de origem polonesa e ucraniana e não incentivaram a festa”. Porém como já destacado, o prefeito da primeira Festa das Nações permaneceu por mais três anos no poder, e o próximo que assumiu o poder público era proveniente de uma família tradicional ucraniana, deste modo a meu ver este argumento se torna inválido diante das controvérsias. O prefeito que ajudou a organizar a festa em 1993, explicou que não houve interesse por parte da comunidade:

Desinteresse da comunidade, e principalmente falta de quem organizasse, e Mallet é difícil, precisa investir um dinheirão muito grande, mas a primeira Festa das Nações juntou muita gente, venderam muito, a prefeitura custeou muita coisa e deu toda renda para os grupos, mas eles acharam que faturaram pouco e se desanimaram, mas foi um almoço que serviram pra duas mil e poucas pessoas, e o lucro não foi aquilo que eles esperavam, então uma festa cultural a gente não pode pensar em lucro. Mas eu acho que isso ali pode ser revisto, acho que é viável (César Loyola Flenik, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 16/03/14).

Enquanto as pessoas que faziam parte de algum modo da Festa das Nações alegam que faltou incentivo por parte do governo, o prefeito do período explicou que a prefeitura deu todo apoio necessário para que a festa se desenvolvesse bem. O mesmo salientou que muitas pessoas participaram o que traria perspectivas para novas festas, porém houve desinteresse por parte das próprias etnias, que talvez não administrasse de forma eficaz o dinheiro, sendo este aplicado pela prefeitura e não obtendo o lucro esperado. Sobre a questão financeira Odenir Antunes dos Santos, ressaltou sobre o problema ocorrido durante a festa, na qual, provavelmente ocorreram desvios financeiros, fato que influenciou no desinteresse em realizar novas edições “Quando chegou o dia do acerto, não foi o que o pessoal estava esperando, o movimento deu muito mais que o dinheiro, houve o desvio e o pessoal não queria mais” (Odenir Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 16/03/14).

Porém, como era uma festa cujo objetivo foi unir as etnias e dar apoio para a cultura do município, entende-se que a festa teria que ser organizada por descendentes das etnias participantes.

Mesmo sendo organizada por pessoas alheias às etnias participantes o principal objetivo seria dar visibilidade para a cultura, mas se identificou que houve interesses econômicos, pois a simples insatisfação das etnias em relação ao lucro da festa apagou na sociedade a vontade de manter e ampliar os aspectos culturais, a festa pode ser entendida não como um evento cultural, mas uma mercadoria, onde se objetivava somente a venda de produtos típicos, assim como o lucro, assunto abordado por Flores (1995, p. 22), “[...] a festa é uma mercadoria, uma festa que manifesta a cultura como obra de arte, como representação do passado [...] festa-espetáculo-mercadoria”.

Neste sentido, a festa que teve como palco o espaço da Igreja São Pedro, e como plateia a população municipal e regional, foi encarada como mercadoria e por não gerar lucro, não pode ser continuada, a cultura foi talvez vista pelos próprios integrantes como algo que não valia a pena ser mantida.

Dentre as hipóteses apontadas, existe também a ideia da falta de liderança, como abordado por Maria Margarete, a qual afirma que era necessária a união entre as etnias, e não o isolamento das mesmas. Ela ainda ressaltou que a festa teria que ser organizada por pessoas das etnias participantes, Odenir por não fazer parte de nenhuma etnia e por não visualizar lucros com a realização da mesma pode ter perdido o incentivo e desistido diante da impossibilidade de apoio das pessoas ligadas às etnias. “Se as etnias resolvessem realizar a festa teria mais pessoas para correr atrás, para buscar trazer algo a mais e chamar a atenção da população, mas como era uma única pessoa que estava envolvida com a organização e não teve manifestação de outras, a festa não teve continuidade” (Maria Margarete Grden Szinvelski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/14).

A ideia da depoente vem ao encontro à estratégia dos fazedores de festa, onde o objetivo deixava de ser cultural, sendo que quando se trata de cultura é necessário que haja um engajamento da comunidade, na qual as pessoas se dediquem o máximo para levar adiante o chamado retorno da cultura. Mas como a festa não foi organizada por descendentes, a mesma salienta que não teve continuidade porque, para o organizador, ela pode ter sido somente mais uma festa, sem características culturais, portanto desnecessária a sua continuidade, neste

sentido a festa não vingou porque foi organizada por pessoas que não tinham ligação com as etnias envolvidas.

Como ressalta Flores (1997, p. 31), na realização de uma festa cultural, é necessário que se faça presente um espírito de comunidade:

Da mesma forma que a cultura, a festa é um obra em movimento. Como num romance, ou num poema, há um trabalho de recriação de elementos constitutivos da vida cotidiana, difusos entre o que é visível palpável e o que é imaginário, criado de imagens, representações, sonhos, histórias, tradições “tradições inventadas”, espírito de comunidade, de passado comum.

Para que uma festa com fins culturais tenha continuidade é necessário que haja o engajamento da sociedade, que a busca pelas tradições seja algo prioritário, que incentive a comunidade a reavivar a cultura dos seus antepassados, como meio de identificação de uma sociedade, mas não somente como um meio lucrativo.

Após fazer uma análise das entrevistas é possível identificar diferentes hipóteses para a não continuação do evento. Parte dos entrevistados apontou a falta de apoio da administração municipal, alegando que o prefeito não proporcionou incentivos para que novas festas fossem organizadas. Alegaram ainda que não houve continuação pelo fato da troca de prefeito e que os próximos prefeitos não pertenciam a nenhuma etnia. Neste aspecto pode-se ressaltar que não houve mudança de prefeito nos três anos consecutivos após a realização do evento e que o próximo prefeito era de família tradicional de descendentes de ucranianos, sendo assim a hipótese inválida, lançada por alguns depoentes.

No posicionamento do prefeito que administrava o município no período, o mesmo alegou que todo o apoio necessário foi fornecido pela prefeitura, mas que o apoio financeiro não foi suficiente para os envolvidos no evento. Ele ressaltou que era preciso um engajamento maior por parte das etnias e que não houve essa organização para que novas festas fossem realizadas. Ainda como identificado, as pessoas que faziam parte da organização da festa não descendiam de nenhuma etnia representada, não tendo talvez uma preocupação cultural e sim financeira, já que como ressaltado pelo organizador, pode ter acontecido o desvio financeiro e não teve a lucratividade esperada. Nesse sentido era necessário não somente o apoio financeiro como abordado pelos entrevistados, mas um esforço maior das pessoas que compunham as etnias.

Atualmente, como nos anos anteriores, os grupos folclóricos organizam eventos separadamente, nos quais acontecem às apresentações culturais e a venda de alimentos típicos, neste sentido evidencia-se que o apoio político e financeiro não se apresenta como o principal fator, tendo em vista que cada grupo consegue organizar a sua festa separadamente, sem a ajuda financeira da prefeitura.

O desvio financeiro apontado por Odenir Antunes dos Santos pode ter contribuído para o fracasso da festa, sendo que não aconteceu o retorno financeiro que as etnias almejavam, deste modo não houve mais a vontade de realizar o evento novamente. Porém, como os depoentes apontaram, a Festa das Nações era vista como um marco para a cultura, neste sentido o interesse econômico não poderia ser visto como um fator principal.

Para entender os motivos da não realização da Festa das Nações nos anos seguintes e fazer uma análise mais acurada a respeito da convivência entre as etnias para entender a existência das fronteiras como abordado por alguns depoentes, objetivou-se ir além da Festa das Nações para analisar a convivência das etnias, principalmente dos grupos folclóricos, os quais foram formados para a festa, e vistos como maiores propagadores da cultura eslava.

3.1 – RELACIONAMENTO DOS INTEGRANTES DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS, MAZURY E SPOMEN APÓS A FESTA DAS NAÇÕES.

Para tentar compreender a convivência da população dentro de uma sociedade, não basta abordar um único evento, é necessário ir além e analisar a sociedade no decorrer dos dias, durante um período mais longo. Para tanto, o objetivo foi entrevistar pessoas, como os coreógrafos dos grupos folclóricos, assim como as pessoas que possuem algum tipo de ligação com os mesmos para analisar a possível aproximação ou o distanciamento das etnias polonesa e ucraniana no município de Mallet, no período posterior ao evento que foi apontado pelo organizador como algo que iria aproximar as etnias. Há pessoas que alegam que a Festa das Nações serviu para aproximar as etnias, sendo que ambas passaram a conviver de maneira mais agradável no decorrer dos dias, enquanto outras apontaram que após o evento, com a formação dos grupos folclóricos, o distanciamento se tornou ainda mais expressivo diante da vontade de superação de cada grupo folclórico.

Para o prefeito do período o objetivo do organizador foi atingido, porque a partir da Festa das Nações aconteceu a aproximação e as pessoas passaram a se relacionar de uma maneira agradável, inclusive jovens de outras etnias que dançam em ambos os grupos folclóricos. No decorrer dos anos, com mais informações entre os jovens a barreira ficou muito mais flexível, porém ainda existem os que são influenciados pelos pais e buscam manter aquele radicalismo que era repassado pelos mais velhos, os jovens quando saem e se juntam com os demais não visam mais estar afastados (César Loyola Flenik, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 16/03/14).

O depoente acredita que houve uma aproximação, as pessoas passaram a se relacionar de forma mais agradável que anteriormente, no qual o distanciamento entre as etnias era radical. Os descendentes de poloneses, assim como os descendentes de ucranianos, se recusavam em frequentar o mesmo ambiente, fazendo uma seleção a partir da linguagem para que poloneses ou ucranianos não se fizessem presentes no mesmo ambiente. Ramos (2006, p. 36) alega que:

Com a formação de um grupo heterogêneo, o homem sentiu a necessidade, não de maneira totalmente consciente, de criar mecanismos para a manutenção de suas fronteiras étnicas, aceitando os que compartilhavam sua cultura e seus costumes e rejeitando os indivíduos que não se enquadravam em seu modelo social.

A linguagem, deste modo, fazia parte de um processo de seleção para analisar quais pessoas eram dignas de participar do ambiente festivo e quais não eram bem vistas pelo fato de pertencerem à etnia contrária e, portanto excluídas do meio, neste sentido

[...] a manipulação dos limites étnicos pode remeter a uma relação de forças entre diferentes componentes de um grupo étnico. De modo geral, importa reconhecer que qualquer que seja o grupo considerado, a questão do saber o que significa ser membro do grupo nunca se torna objeto de consenso, e que as definições de pertença estão sempre sujeitas a constatação a redefinição por parte dos segmentos diferentes do grupo. O fato de decidir quem é membro da comunidade e quem deve ser excluído (POUTIGNAT, 1998, p. 159).

As pessoas que não faziam parte da etnia em questão eram então excluídas do grupo, pois a presença das mesmas no mesmo meio social em que se

encontravam pessoas de certa etnia talvez fosse vista como uma ameaça para a integridade étnica do grupo.

Segundo César Loyola Flenik, a religião contribuiu para a aproximação parcial das etnias, no início do século XX quando os padres europeus chegaram ao município, os mesmos influenciavam o distanciamento entre as etnias. Com o passar do tempo e a presença de padres com mentalidade diferente em relação ao distanciamento de ambas as etnias, pode ter influenciado a maneira de se relacionar com o próximo.

Já no depoimento de Waldinéia Vandrovieski percebe-se o oposto, pois a mesma ressaltou que não houve aproximação principalmente em relação aos grupos folclóricos, mas sim aconteceu um distanciamento ainda maior, haja vista que “não teve aproximação nenhuma, depois que terminou a festa continuou cada um no seu canto, eu senti isso como dançarina do grupo Spomen”, acontecendo deste modo um isolamento das pessoas, principalmente dos grupos (Waldinéia Vandrovieski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 29/01/14).

Esta aproximação almejada pelo organizador da festa não aconteceu e dificilmente acontecerá entre os membros de diferentes etnias na opinião de Maria Anizia Koslinski, porque este distanciamento já faz parte da história, e dificilmente as pessoas mudam de opinião de uma hora para outra. A aproximação:

Não aconteceu durante a festa, até hoje acho que não aconteceu, não acontece e não vai acontecer, em minha opinião. Eu acho que isso vem de sangue e as pessoas mesmo sendo de origem polonesa ou ucraniana, cada um puxa para seu lado e acha que está certo, na verdade é uma coisa só, um povo só, mas eles acham que há uma desavença entre eles, é como eu já comentei é sempre ciúme, a rivalidade, um quer ser mais que o outro (Maria Anizia Koslinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Para as pessoas com mais idade, os ressentimentos históricos dificilmente são superados, são repassados de pai para filho, e não basta uma festa, uma socialização para que aconteça a aproximação em uma comunidade, na qual durante tantos anos a convivência dos mesmos não se dava de maneira pacífica. Como relatado acima, “é um povo só”, muitos viviam sob o julgo do mesmo Império, como no caso dos russos que dominaram tanto poloneses, como ucranianos, e obrigaram os mesmos a se adaptar a cultura russa. Mas quando aqui chegaram (conforme bibliografias consultadas) à vontade de se diferenciar e lutar pela sua

identidade fez renascer uma fronteira étnica. Como abordado por Buchmann (1999, p. 27), o processo de dominação sobre um povo influencia na sua identidade

[...] o processo de dominação de um povo sobre o outro, além da dominação concreta - a política e econômica - destrói também seu mundo simbólico, cujos significados são imprescindíveis para que os indivíduos, ao identificarem-se positivamente com o real, adquiram, sem grandes dificuldades, a consciência histórica do seu próprio futuro, ações que o construam e comportamentos que o solidifiquem.

Com o intuito de reafirmar a identidade e uma posição diante do outro, “eles acham que há uma desavença entre eles”, essa desavença está presente no imaginário das pessoas e faz com que os mesmos permaneçam desunidos. Mesmo em um território onde o distanciamento não se faz mais necessário, ainda atualmente os grupos folclóricos se consideram adversários, principalmente quando acontecem apresentações de ambos em um mesmo evento. “É como se existisse entre eles uma espécie de rixa que pode ser ligada talvez ao passado histórico ou talvez um espírito competitivo” (Guisélia Wronski de Almeida, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

A depoente apontou que principalmente entre os grupos folclóricos ainda existe o espírito de competição, provavelmente baseado no passado histórico. Mas, se a Festa das Nações foi organizada para unir ambas as etnias, porque havia a rivalidade posteriormente, seria aversão ao grupo ou espírito competitivo?

Roseli Hlusko Harmatiuk comentou que “em minha opinião não houve aproximação, houve um distanciamento, e existe até hoje, cada um na sua, ucraniano com ucraniano, e polonês com polonês, até quando tem a Festa do Kiwi⁷, sempre tem esse atrito um quer se apresentar antes e outro” (Roseli Hlusko Hartiuk, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/02/14).

Sobre essa rivalidade entre os grupos na Festa do Kiwi, Andreiv Choma, o qual participou dançando em ambos os grupos folclóricos declarou que:

⁷A Festa do Kiwi é uma festa regional, acontece anualmente no município de Mallet. Iniciou no ano de 1997 e continuou nos anos posteriores, reunindo pessoas de diversos Estados. Na Festa do Kiwi acontecem apresentações culturais, comercialização de frutos, principalmente kiwi e seus derivados, outras mercadorias como: roupas, calçados, automóveis e principalmente de máquinas agrícolas, sendo que a Festa do Kiwi é um evento que não possui ligação com nenhuma etnia do município, mas envolve diretamente os produtores rurais, os quais comercializam seus produtos com os visitantes que apreciam o evento.

Na primeira Festa do Kiwi que aconteceu em 1997, eu dancei nos dois grupos, porque eu adorava o folclore, e minha mãe era admiradora da cultura polonesa, e todos os meus amigos da escola dançavam no Mazury. Na festa o grupo Spomen dançou de manhã e a tarde quando cheguei para dançar no grupo polonês, e tinha um pão no camarim completamente comido, tipo arrancado, e uma menina olhou para aquilo e disse que isso era coisa do grupo ucraniano, “eles fizeram isso para acabar com nossa apresentação”, e ela esqueceu que eu também tinha dançado no grupo ucraniano (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

Eram pequenos atos que aconteciam no decorrer dos dias e que acabam distanciando ainda mais as pessoas, eram somente apresentações, mas talvez vistas por eles como uma vitória ser melhor do que a outra etnia, ou até mesmo se apresentar ao público antes que a outra. Essas pequenas atitudes que visam exaltar a sua etnia e minimizar a outra podem ser considerados como uma forma de resistência para manter a identidade étnica

As restrições sobre o comportamento de um indivíduo que derivam de sua identidade étnica tendem então a ser absolutas e, nas sociedades poliétnicas, bastante compreensivas; e as convenções morais e sociais que a compõem tornam-se cada vez mais resistentes a mudanças por estarem ligadas entre si de forma estereotipada como característica de uma identidade singular (BARTH, 1998, p. 198).

Essas situações comportamentais com o objetivo de identificação e de superação diante do grupo adverso são também ressaltadas por Maria Margarete. Segundo ela, quando aconteciam às festas onde ambas as etnias dançavam frequentemente aconteciam discussões em relação ao horário, ambos os grupos queriam se apresentar primeiro alegando que o público era melhor nas primeiras apresentações, e isso gerava um atrito entre ambos.

Quando aconteciam as festas, as duas etnias dançavam, claro que havia bate boca, porque colocavam o polonês para dançar no melhor horário, porque colocavam o ucraniano no pior horário, mas não era proposital, às vezes coincidia que tinha mais ou menos público. Então depois nós fazíamos assim, uma dança polonesa e outra ucraniana, e assim por diante. Essa comissão da festa sempre levou os dois e procurou não criar atritos e sempre harmonizar, mas o exibicionismo sempre existia, quando um ia dançar fora, vinha se vangloriando para o outro (Maria Margarete Grdem Szinvelski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 07/04/14).

As tentativas de aproximar as etnias nem sempre eram alcançadas, aconteciam situações novas que oportunizavam novos desentendimentos, inclusive discutindo o melhor horário de apresentação do grupo, horário em que houvesse mais pessoas para aplaudir as apresentações. Aconteceram modificações por parte da comissão na alternância de apresentações para que nenhum grupo fosse prejudicado e surtisse situações de conflito entre ambos, já que a presença dos dois era vista como uma tentativa de aproximação. Mas é possível questionar sobre o horário que haveria mais pessoas para assistir, talvez o número reduzido de pessoas não fosse devido ao horário, mas sim, relacionado ao grupo que procederia a apresentação, sendo que talvez as pessoas que faziam parte da plateia se dispersassem quando da apresentação da etnia oposta.

Em relação à concorrência entre os grupos, Lucas Antunes dos Santos comentou que durante o período que trabalha como coreógrafo do grupo polonês percebeu que a falta de harmonia entre os grupos existia, talvez com o objetivo de fazer um trabalho melhor para se superar diante do outro e que existe até hoje, porém a concorrência nos dias atuais pode estar atribuída não mais aos ressentimentos históricos, mas pode estar condicionada a uma competição, considerada até uma competição sadia que faz com que os integrantes dos grupos busquem se esforçar cada vez mais para dar o melhor de si com o intuito de ser melhor que o outro grupo da cidade. Segundo Lucas, essa competição é controlada pelos coordenadores dos grupos, mas sempre quando acontece que um grupo faz algo diferente o outro busca correr atrás para fazer ainda melhor, sendo assim, talvez se não existisse essa competição grupal não existiria mais os dois grupos folclóricos com tanta força na cidade (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

A concorrência apontada pelo depoente é vista como positiva, com o objetivo de superação os grupos tende a fazer um trabalho melhor, proporcionando assim o crescimento de ambos, mas para a cultura do município talvez não seja propício, pois os dois tendem a fazer apresentações em outras regiões, entretanto não se visa fazer uma festividade conjunta no município.

Quando acontecem as festividades no município são sempre separadas, reforçando no imaginário dos mesmos a ideia de superioridade diante do outro. Defender a identidade étnica pode ser positivo para o crescimento do grupo, mas pode aumentar ainda mais o distanciamento entre as etnias, até entre as pessoas

que não fazem parte de cada uma delas. Se as apresentações fossem realizadas por ambos os grupos no mesmo evento, contaria com a presença de pessoas de ambas as etnias, auxiliando no contato entre elas, mas como são realizadas separadamente não proporciona o encontro, tornando o distanciamento ainda mais frequente.

O coreógrafo do grupo ucraniano comentou que, na visão dele, acontece o distanciamento, mas há uma política de boa vizinhança entre os dois grupos, porque ambos visam pelo respeito, tendo como intuito o sucesso deles. Na opinião do mesmo, existe sim o distanciamento entre os grupos, em que cada um tenta se diferenciar nos trajes, nas apresentações, isso acaba enriquecendo ainda mais cada um dos grupos, “a rivalidade que se inseriu dentre os grupos após a Festa das Nações, tornou-se saudável, porque é uma competição que está somente na vontade de querer ser o melhor”, sendo assim pode-se dizer que aconteceu o distanciamento, porém um distanciamento camuflado, onde os grupos mascaram uma boa convivência (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

A competitividade entre os grupos novamente é apontada como algo normal e positivo para crescimento cultural de ambos os grupos, mas se não existisse a rivalidade histórica talvez essa competição não existisse, sendo que na Festa das Nações participaram os grupos folclóricos italianos e alemães, porém os mesmos não continuaram as suas atividades, ao contrário destes, os grupos de ucranianos e poloneses deram continuidade, talvez com o objetivo de não fracassar diante do outro, sempre tentando fazer melhor para se superar e reforçar a sua identidade.

[...] tanto cultura quanto identidade, enquanto dimensões da realidade intercultural são relevantes. É por isso que o papel da cultura não se esgota em sua função diacrítica, enquanto marcadora de identidades nas relações interétnicas. A variável cultural no seio das relações identitárias não pode, assim, deixar de ser considerada, especialmente quando nela estiverem expressos os valores tanto quanto os horizontes nativos de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato interétnico e intercultural (OLIVEIRA, 2006, p. 35).

Com o objetivo de reforçar a sua identidade diante da outra, buscando a superação, os depoentes apontaram que logo após a Festa das Nações pessoas

que pertenciam à outra etnia se inseriam dentro do grupo oposto com o objetivo de levar informações para outro grupo, fato que aumentou a competição entre eles:

Pelo que eu lembro, não houve aproximação, muito pelo contrário, havia sim na chegada até intriga, os dançarinos saíam de um grupo e iam para o outro, ficavam um tempo lá e vinham. Nas apresentações se infiltravam para saber o que estava sendo feito de novo. Era esse negócio, cada um queria fazer o segredo para fazer o show, tinha alguns dançarinos que se desentendiam, os dançarinos dentro do grupo, ou de outro grupo, tanto que tinha uma norma, se saísse do polonês depois não tinha como voltar. Com o tempo nós fizemos um acordo entre os dois grupos se saísse do grupo polonês para ir para o ucraniano, não voltava mais para o polonês, e se saísse do ucraniano, os ucranianos também não aceitavam, porque eles ficavam pulando de galho em galho, e isso não era bom (Maria Margarete Grden Szinvelski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 07/04/14).

Essa aproximação pode ser entendida como camuflada, pois as pessoas se inseriam no grupo de que não fazia parte, porém como apontado não era uma aproximação sadia, eles buscavam levar as novidades implantadas por outro grupo para não ficar em desvantagem nas apresentações futuras. Sobre regras implantadas, Andreiv Choma, ressalta que elas eram necessárias devido à mudança frequente dos integrantes, isso se tornava negativo para a unicidade do grupo, que acaba se desestruturando após a saída do integrante:

Durante um período tinha que se criar algumas regras porque acontecia muito de um dançarino arrumar encrenca dentro do grupo ucraniano por motivo qualquer e sair de lá e dançar no grupo polonês, ah não está bom ali eu vou pra lá, e o mesmo acontecia com os poloneses, então se criou uma regra que não está escrita mas que existe. Quando você sai de um grupo folclórico você precisa esperar um ano para entrar em outro grupo, é um acordo entre os dois grupos, mas eu lembro que eu dancei nos dois grupos (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

O tempo estabelecido era necessário para que não houvesse a troca frequente, mas mesmo que o integrante não fizesse parte do grupo durante o período estabelecido, até então fazia parte do grupo oposto tinha possibilidades de repassar as informações adquiridas, mas com menos frequência que anteriormente.

Em relação à convivência dos grupos Andreiv declarou ainda que, a situação em que os mesmos vivem torna-se um tanto desagradável

[...] eu confesso que não é agradável para nenhum dos dois grupos por exemplo dividir o ônibus numa viagem, muitos já tiveram problemas por causa de ônibus, na verdade um não prejudica o outro mas não existe uma aproximação, é uma política da boa vizinhança na verdade, dizer que os dois grupos vivem bem, que se agradam, que se adoram, que caminham de mãos dadas, na verdade eles vivem numa competição saudável os dois e tudo é por causa daquela história (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

Neste relato fica evidente a questão histórica “é tudo por causa daquela história”, por mais que os grupos se esforcem para manter a “boa vizinhança”, está presente no imaginário dos mesmos a rivalidade histórica, a qual se iniciou em terras europeias e foi passada de geração em geração. Houve a intenção de se reinventar os aspectos culturais, mas junto houve também a reinvenção da rivalidade, que se tornou uma rivalidade diferente, adaptada, assim como a cultura.

Neste sentido, com o escopo de se diferenciar da etnia contrária, os aspectos culturais são reforçados, em alguns casos reinventados para que não haja possibilidades de assimilação das etnias por parte da sociedade. Segundo Odenir Antunes dos Santos, o objetivo era reinventar a cultura para reaproximar as etnias, mas alguns depoentes alegam que o objetivo não foi atingido, após a Festa das Nações o distanciamento se ampliou, nasceu uma rivalidade que até então não existia, que é a rivalidade dos grupos folclóricos, mesmo sendo considerada sadia não deixa de ser rivalidade, é uma rivalidade construída. Conforme os depoentes, o que antes estava presente em grande parte no imaginário das pessoas, hoje é uma realidade no interior dos grupos folclóricos e entre as pessoas que são ligadas aos mesmos como apreciadores.

Tanto ucranianos como poloneses pertencem aos eslavos, quando ainda se encontravam na Europa praticavam culturas semelhantes devido a situações históricas ligadas às invasões de territórios. Quando chegaram ao Brasil buscaram reconstruir seu território anexando nele as suas culturas, porém foram incentivados a deixar de lado a cultura polonesa e ucraniana e todos adotaram a cultura imposta pelo governo brasileiro, fazendo parte da mesma durante muitos anos. Porém, a Festa das Nações a qual fora organizada com o objetivo de aproximar as etnias que eram então vistas como rivais, conforme os depoentes acabaram reacendendo ainda mais o intuito de se diferenciar da outra.

Como enfatiza Poutignat (1998, p. 154), “No decorrer do tempo às fronteiras étnicas podem manter-se, reforçar-se, apagar-se ou desaparecer. Elas podem

tornar-se mais flexíveis ou mais rígidas”, porém como exposto, pelos depoentes, após a Festa das Nações, em Mallet a fronteira tornou-se mais rígida, a semelhança de vestuário já é motivo para intrigas, então os mesmos visam criar trajés diferentes para não correr o risco de ser confundido com os outros.

A diferenciação encontra-se inclusive nos relacionamentos, no início, quando os mesmos se estabeleceram no município aconteciam problemas quando jovens de ambas as etnias se aproximavam, pois, os pais não permitiam que o casamento acontecesse. Atualmente acontece dos próprios jovens se distanciarem de pessoas de outras etnias, não precisando nem da interferência dos pais. Segundo Andreiv Choma “na realidade, não tem casos de dançarinos de o grupo Spomen ter namorada no Grupo Mazury, ou alguém do Mazury ter namorada no Grupo Spomen”, percebe-se que este ressentimento histórico foi retomado e permanece no imaginário das pessoas, ainda nos dias atuais, quando alguns alegam que o distanciamento não existe mais (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

Porém, este distanciamento abordado por Andreiv não acontece em toda a sociedade, e atualmente acontecem relacionamentos afetivos entre descendentes de poloneses e ucranianos. O fato de jovens de ambos os grupos folclóricos evitar os relacionamentos entre si pode estar ligado ao passado histórico, cujo objetivo é manter as fronteiras étnicas, mas também pode ser um distanciamento normal, já que os mesmos buscam um distanciamento devido serem dois grupos que podem ser considerados como concorrentes no objetivo de buscar maior reconhecimento cultural.

É possível constatar após análise dos relatos, que o distanciamento ainda se faz presente entre parte da população pertencente às etnias polonesa e ucraniana, em muitos casos de maneira camuflada, sem deixar que a sociedade perceba. Conforme as pessoas ligadas aos grupos folclóricos, no interior dos mesmos existe o distanciamento em maior proporção que anteriormente, porque antes não havia um motivo evidente para que uma etnia visasse se diferenciar da outra, acontecia em grande parte na questão matrimonial onde o objetivo era manter a etnia isolada da outra sem que houvesse misturas.

Na atualidade há o objetivo de superação e isto está presente nos maiores mantenedores da cultura eslava como apontado pelos depoentes, que são os grupos folclóricos, porém é a partir deles que o distanciamento vem se proliferando

devido ao espírito competitivo, mas certamente não seria tão simbólico se não fosse entre as etnias consideradas rivais. Como abordado por Poutignat (1998, p. 153), não são as mudanças culturais que ocorrem com determinados grupos étnicos que mantem a sua existência, mas sim as fronteiras que se formam entre eles

São as fronteiras e não o conteúdo cultural interno que definem o grupo étnico e permitem que se dê conta de sua persistência. Estabelecer sua distintividade significa para um grupo étnico, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e o outro, a partir de um número limitado de traços culturais.

Observou-se conforme relatos que em Mallet acontece o distanciamento entre os dois grupos folclóricos, onde não é comum acontecer namoros entre componentes de ambos os grupos, acontece à diferenciação devido ao traje utilizado e a vontade de superação de um grupo diante do outro, no entanto foi possível levantar nas entrevistas que no interior da cada grupo há presença de pessoas que não fazem parte da etnia do grupo, são pessoas voltadas a outras etnias, inclusive descendentes de poloneses dentro do grupo ucraniano e descendentes de ucranianos dentro do grupo polonês. Far-se-á uma análise da identidade dos grupos, como já levantado nas entrevistas acontece o distanciamento entre ambos com objetivo de superação cultural, mas como um grupo que defende a sua identidade étnica pode ser composto por pessoas de outras etnias?

3.2 - GRUPOS FOLCLÓRICOS E A BUSCA PELA IDENTIDADE ÉTNICA.

A identidade étnica pode ser entendida como um fenômeno manipulável, construído, pode se constituir em oposição ao outro e a partir do contato com outros grupos que possuem traços culturais semelhantes. É possível identificar um grupo étnico de acordo com as suas manifestações culturais, porém como a cultura é mutante, as linguagens simbólicas sofrem alterações com o passar do tempo e com a aproximação com outros grupos Inter étnicos.

As pessoas buscam permanentemente as suas referências e também seus laços identificadores para que possam se identificar em um determinado meio em que vivem. Essa busca pela identidade geralmente está ligada a um período histórico, através das lembranças, da memória das pessoas que buscam reconstituir a história em busca de uma identidade. Dessa forma, “a construção de identidades é

também uma dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a formação das diferenças situam o ser humano em relação aos grupos sociais que os cercam” (DELGADO, 2006, p. 51). É no sentido de buscar a reconstrução e o reconhecimento das identidades que as pessoas se debruçam sobre o passado com o objetivo de buscar marcas temporais que se constituem nas referências das lembranças (DELGADO, 2006).

A constituição da identidade de um indivíduo histórico torna-se um processo, o qual se desenvolve no cotidiano a partir das ações e das representações concretas de cada ser humano e que pode ser chamado de história de vida, a qual ultrapassa o espaço de nascimento e morte de cada homem, sendo que cada ser humano ao nascer traz um pouco da história da humanidade, mas que modifica a partir do momento que passa a conviver em sociedade e estabelecer laços adquiridos com a convivência com outras pessoas que possuem laços culturais diferentes. Neste caso, a identidade pode ser vista como um processo que se caracteriza através das diferenças marcantes na personalidade e na especificidade de cada pessoa que se denomina indivíduo (BUCHMANN, 1999).

A identidade de cada um é formada socialmente, através da interação dos indivíduos com os diferentes grupos. Quando acontece a inserção de um indivíduo em grupo oposto a sua identidade, geralmente o mesmo irá aderir traços culturais de outro grupo, fato que faz com que o mesmo construa outra identidade adaptada de acordo com o meio que o influenciou.

Como pode ser identificado nos grupos folclóricos Mazury e Spomen, o objetivo dos mesmos é manter a identidade étnica a partir dos traços culturais, porém identificou-se que dentro dos próprios grupos que buscam se identificar como pertencente a uma determinada etnia há componentes que não são provenientes da mesma etnia do grupo, porém dentro do mesmo buscam adaptar-se a identidade étnica grupal.

Verificou-se que há pessoas ligadas aos grupos folclóricos que são defensores da participação de pessoas de diferentes etnias dentro dos grupos folclóricos, ressaltando que é interessante que aconteça a mistura de pessoas dentro do grupo, porque essas pessoas que não são pertencentes à etnia buscam aprender a cultivar os aspectos das etnias adotadas, inclusive o histórico, a manutenção dos costumes e estes com o objetivo de permanecer no interior do grupo são incentivados a divulgar a cultura da etnia do grupo adotado para outras

peessoas, para as pessoas da família, os amigos e estes também acabam se interessando pela cultura da etnia “torna-se interessante que um grupo folclórico não seja formado por pessoas de uma mesma etnia, mas que outras etnias se insiram e busquem fortalecer a identidade étnica grupal” (Guisélia de Almeida Wronski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Em relação à ideia apresentada entende-se que há o objetivo dos grupos de chamar pessoas para que possam fazer parte da etnia, fazer com que mais pessoas participem da cultura polonesa ou a ucraniana, para que adotem uma nova identidade, mas em relação à identidade do grupo, qual o objetivo de manter a cultura se os componentes não precisam mais fazer parte da etnia? Basta adotar, aprender a gostar, a defender a “sua” etnia? Cozen (2013, p. 5) enfatiza que

A identidade cultural é formada e transformada no interior das representações, sendo composta também de símbolos; é um discurso, um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos. Sentidos com os quais podemos nos identificar, construir nossas identidades.

Alguns depoentes salientaram que a presença de pessoas que não fazem parte da etnia auxilia na preservação da cultura, sendo que aprendem no grupo e levam para as pessoas de sua família, fortalecendo deste modo à cultura e a identidade da etnia, mesmo que seja uma identidade adaptada como ressaltou Lucas, coreógrafo do grupo folclórico Mazury, que não vê nenhum problema na inserção de pessoas que não fazem parte da etnia, alegando que o grupo folclórico, além de preservar alguns aspectos culturais dos imigrantes, tem o papel de ensiná-los a outras pessoas que posteriormente serão as propagadoras da cultura.

Às vezes aparecem pessoas no grupo que não tem a descendência polonesa, mas elas têm algum interesse em aprender, e essas pessoas são bem vindas, alias o grupo não oferece nenhuma restrição, não é um regulamento, não existe de que para ser integrante do grupo é necessário que seja descendente de polônês. Agora, a questão é que às vezes nós temos talvez pessoas de outras etnias que se interessam talvez mais pela cultura ucraniana do que os próprios descendentes, isto também acontece, então o objetivo do grupo é preservar as tradições e ao mesmo tempo ensinar, e para que seja feito isso você precisa apenas de que existam pessoas que tenham esse interesse e isso não importa a descendência (Lucas Antunes dos Santos, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14).

Neste sentido, não importa se a pessoa tem a descendência ucraniana ou a descendência polonesa, é necessário aprender a respeitar e divulgar a cultura da etnia dentro da própria sociedade para outras pessoas que não possuem conhecimento ou até mesmo interesse em preservar. Como apontado por Lucas, em muitos casos as pessoas que pertencem à etnia não se interessam em preservar, sendo assim as pessoas que são de culturas diferentes, mas que possuem interesse em trabalhar em prol do grupo acaba contribuindo para aumentar a relevância do grupo folclórico dentro da sociedade. Se ela aderir à identidade ucraniana, ela deixa de ser diferente e é recebida como se fizesse parte da etnia, aprende a ser ucraniano, o mesmo acontece com os poloneses. Deste modo

A identidade coletiva (e assim também a identidade coletiva de cada um) é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que interagem e os que não (POUTIGNAT, 1998, p. 11).

Identifica-se que o distanciamento apontado pelos depoentes que acontece na comunidade não é em relação às pessoas físicas e sim a etnia a que elas pertencem: para fazer parte de um grupo oposto e ser aceito no interior do mesmo não é necessário pertencer à etnia do grupo, mas sim transformar a sua identidade, adotando a identidade do grupo escolhido. Como abordado por Andreiv Choma, muitos acabam adotando a identidade da etnia contrária e se tornam mais seguidores do que os nascidos na etnia:

[...] é engraçada essa identidade que eles têm no grupo, porque eles entram no grupo e vestem a camisa de tal maneira de serem ucranianos que eles não se importam de ter o sobrenome ucraniano ou não, de ter o sangue ucraniano ou não ter o sangue ucraniano, raros os ucranianos que fazem parte do grupo e que não levaram os aspectos culturais para a vida deles. Eu acho que o grupo influencia mais a identidade deles do que eles na identidade do grupo (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Então, talvez aconteça a rejeição no imaginário do grupo, mas fazer um polonês abandonar a sua etnia e aderir à identidade da etnia ucraniana torna-se gratificante para o grupo ou mesmo ao contrário. Neste sentido, se tem a ideia que a

etnia aderida é a melhor e que as pessoas deixam de cultivar a sua para adotar a cultura de outra, mas é passível de questionamento, pois o fato de participar do grupo não torna obrigatoriamente uma pessoa ucraniana, ela pode estar participando das manifestações culturais e se identificar como ucraniana naquele momento, mas não necessariamente no decorrer dos dias quando está longe dos palcos.

Deste modo, pode-se dizer que a pessoa que participa de um grupo folclórico sem pertencer à etnia do mesmo não influencia na identidade do grupo, porque naquele momento ela mascara uma identidade, com comportamentos idênticos das pessoas que são originárias da etnia, mas torna-se difícil afirmar que o grupo influencia na identidade da pessoa, fora dos palcos ela pode não adotar a identidade que ela havia incorporado no momento da apresentação em público. Porém o coreógrafo do Grupo Folclórico Spomen afirma que

[...] a maior parte deles saem ucranianos de tirar o chapéu, sabe esse ucranianismo dos não ucranianos, que são mais ucranianos que muitos ucranianos, eles se interessam demais. Por exemplo, o grupo vai para o festival de dança ucraniana, eles conhecem mais 25 grupos e eles querem saber disso tudo, dessa riqueza cultural, então eu sempre cito o exemplo que tem muito dançarinos que não tem o sobrenome ucraniano, às vezes somente é só uma pessoa na família que é ucraniana, mas essas pessoas são tão ucranianas que só falta falar em ucraniano, só não falam porque ninguém ensinou. Tem outros que cantam ucraniano, dançam, fazem pessanka e não tem nada relacionada à cultura ucraniana (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Conforme o depoente, muitos acabam aderindo uma nova identidade, mas talvez não seja só pelo gosto de pertencer à outra etnia, mas por curiosidade, ou até mesmo por interesse em conhecer algo diferente, que os faz talvez não aderir uma nova identidade, mas participar de atividades diferenciadas como simples diversão quando não há outras oportunidades disponíveis. Então, é possível de questionamento o fato de uma pessoa pertencente à etnia simplesmente abandonar a sua identidade e aderir totalmente à identidade do grupo que se inserir, ela pode modificar parte de seus traços, mas não deixar de pertencer à etnia polonesa e adotar a etnia ucraniana, sendo que se pode somente aderir a alguns traços culturais diferentes, mas não abandonar totalmente para pertencer a outra pelo simples fato de praticar a cultura de outra etnia.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções em que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (COZEN, 2013, p. 15).

Portanto, no decorrer dos dias o indivíduo pode pertencer a uma determinada etnia, porém quando se insere no grupo folclórico adota outra identidade, a identidade do grupo no qual realiza as atividades culturais, mas essa identidade torna-se momentânea. O interesse de participar dos grupos folclóricos devido a motivos, talvez não culturais é abordado por Tereza Prsybyszewski, em seu posicionamento a mesma ressalta que algumas pessoas se inserem no grupo devido às festas, viagens que os grupos realizam para diferentes regiões, neste caso a escolha não é por amor a cultura, mas por interesse. Muitos jovens por não ter possibilidades de participar de atividades recreativas e conhecer novos lugares, acabam se inserindo nos grupos, mas adotam uma identidade camuflada, na qual o objetivo talvez não seja representar o grupo, mas participar de algo que lhe seja agradável para o momento.

[...] é um incentivo que cai na cabeça de outra etnia, eles falam como eles fazem para sair, para viajar, e as pessoas de outra etnia se interessam e acabam gostando e se entrosam nesse grupo. Eu da minha parte acho que se a pessoa gosta e faz bem feito o que assumiu, e é apoiado pelos pais, pelo restante do grupo, eu acho muito importante de acolher pessoas de outras etnias, o grupo não perde a identidade porque a gente vê que tem vários, as vezes até grupos até fora daqui e que também existe essa cultura, eu acho importante, porque a gente vê que o entrosamento entre os ucranianos poloneses e vice versa, muito bonito, que dançam, então eu acho que há entrosamento entre as pessoas, porque se não tivesse o grupo seria um grupo isolado. Eu acho que há um distanciamento entre os grupos folclóricos pelo que as pessoas falam, eu acho que há esse distanciamento, mas o que é acolhido no grupo é bem recebido, ele não tem no sangue daquela cultura ucraniana, mas ele cria, e participa e faz bem feito então é um componente muito importante para o grupo folclórico, não importa, não precisa ser descendente de sangue, mas ele pode criar a descendência, muito importante isso (Tereza Prsybyszewski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14).

Neste caso a depoente comentou que se torna positivo a presença de pessoas de outras etnias, que acontece o entrosamento entre eles, porém aponta a existência de distanciamento entre os grupos. Sendo assim, a presença de pessoas de outras etnias não deve ser vista como entrosamento entre as pessoas, sendo que

se torna um entrosamento mascarado. Porém a descendência é natural não se pode criar descendência somente participando de um grupo, pode adaptar a identidade, mas mudar de sangue, ou de descendência como relatado não há possibilidades.

Mas outros alegam que a presença de pessoas de etnias diferentes é necessária, sendo que não há o interesse de pessoas da mesma etnia em participar dos grupos folclóricos, sendo assim, acontece à influência e o que era diferente torna-se um fator fundamental para a continuidade das atividades culturais do grupo, como relatou a depoente que considera que o grupo acaba perdendo parte da sua identidade ao permitir que pessoas de outras etnias frequentem um determinado grupo, mas que essa estratégia torna-se necessária quando não há o interesse de pessoas da etnia em participar da cultura. Então, para que o grupo não caia em decadência é preciso deixar o imaginário de lado, tornar as fronteiras étnicas mais flexíveis buscar mantê-lo, mesmo que este seja um pouco modificado devido à influência de pessoas que não sejam pertencentes ao mesmo. (Maria Anizia Koslinski, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

Na tentativa de manter o grupo funcionando, acontece a abertura para a participação de pessoas que não fazem parte da mesma etnia, porém tentar manter a identidade do grupo sem mesclar poderia comprometer a continuidade do mesmo, sendo assim, não importa que sejam pessoas alheias a seus costumes, mas é necessário que estejam dispostas a trabalhar para aderir a cultura e se tornar um membro adaptado, inventando a sua própria identidade em benefício do grupo adotado. Porém o fato de integrantes de outras etnias participarem da etnia oposta não quer dizer que significa a aproximação das etnias. Barth (1998, p. 188), ressalta que as fronteiras entre os grupos podem continuar independente do fluxo de pessoas

[...] as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vida.

Mesmo acontecendo à incorporação de indivíduos de diferentes etnias, Andreiv, coreógrafo do grupo ucraniano, comentou sobre a importância da existência de um grupo folclórico somente com pessoas da etnia ucraniana, mas ressaltou que

há dificuldades devido ao desinteresse entre as próprias pessoas da etnia. Os integrantes que não são originários da etnia ucraniana são aceitos no grupo pela necessidade de manter o grupo, mas os mesmos precisam aprender todos os traços culturais, não somente a dança, mas principalmente a língua. Após aprender a se comunicar e os passos da dança a pessoa acaba se acostumando e trabalhando pelo sucesso do grupo. (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14).

Sendo assim, entende-se que a vontade de manter a etnia intacta sem mesclar com a outra, como defendido pelos imigrantes já não é tão importante para as pessoas, pois o importante é manter o grupo funcionando. Deste modo, não importa se as pessoas possuem ou não o sangue ucraniano ou o sangue polonês, o importante é levar a imagem do grupo folclórico, na apresentação as pessoas acabam aderindo à identidade, não é possível identificar a descendência da pessoa. Porém, a permanência do indivíduo de outra etnia dentro do grupo somente é permitida se o mesmo se adaptar às regras impostas, assumindo a identidade do grupo adotado:

[...] os inovadores podem optar por enfatizar um nível de identidade entre os vários fornecidos pela organização social tradicional. Tribo, casta, grupo linguístico, região ou Estado, todos tem traços que os tornam uma identidade étnica primariamente adequada para a referência do grupo, e o resultado final irá depender do modo como os outros podem ser conduzidos e acatar tais identidades (POUTIGNAT, 1998, p. 221).

Assim sendo, se “trabalhar pelo grupo”, torna-se um integrante como os demais, porém, é possível mascarar uma identidade, mas a vontade de preservar não é a mesma, sendo assim após algum tempo essas pessoas que adotam a identidade podem mudar de opinião e abandonar a etnia adotada, sem um ideal de manter a cultura.

Neste sentido a cultura acaba aderindo uma nova imagem, é uma cultura adaptada, com uma identidade adaptada. Andreiv Choma se refere à região de Mallet, como sendo uma comunidade inventada, devido às adaptações que aconteceram no período em que não era possível mantê-la. Pelo motivo de tentar se afastar da etnia rival, frequentemente acontecem modificações como já abordadas, e devido à presença de pessoas no interior do grupo que não são ligadas a etnia. Na

Ucrânia existem as regiões etnográficas ucranianas, cada região possui os seus traços culturais, as suas danças típicas, o seu traje de acordo com as necessidades de adaptação. No município de Mallet não é diferente, no interior do grupo folclórico aconteceram às adaptações de cantigas, passos, trajes, etc. Em alguns casos para deixar a dança mais atraente, em outros é para se diferenciar do grupo polonês que tinha algo de semelhante. Mallet é uma comunidade diferente que preserva as tradições, porém tradições adaptadas que foram reconstruídas de acordo com as lembranças, através de imagens e de outros vestígios que possibilitaram que alguns aspectos do passado fossem recriados e hoje representam a cultura ucraniana no município de Mallet. Se comparar a dança de Mallet, de Prudentópolis, de Irati, e de Curitiba, por exemplo, em todos os lugares a dança se apresenta com aspectos diferentes, a tradição do korovai da Colônia Cinco é diferente da tradição do korovai no centro da cidade de Mallet. “Provavelmente as pessoas saíram de regiões diferentes quando imigraram da Ucrânia para cá, trouxeram traços culturais diferentes e com o passar do tempo foram adaptando fazendo com que Mallet seja um mosaico cultural, onde cada comunidade pratica a cultura de maneira diferente” (Andreiv Choma, entrevista concedida a Inês Valéria Antoczeczen em 30/01/14).

A cultura está em constante mudança, sendo assim, quando houve o interesse em reinventar a cultura eslava no município de Mallet já começaram as adaptações devido ao tempo em que a mesma não havia sido praticada. Mas, devido à vontade de se diferenciar da etnia contrária como já abordado, houve diversas adaptações, isso mexe com a originalidade e com a vontade de buscar retomar os aspectos do passado, assim sendo cada comunidade adapta a sua cultura conforme as necessidades e interesses, não importando se a mesma perde os traços originais que foram trazidos pelos seus antepassados no período da imigração. Neste sentido Flores (1997, p. 77) diz que:

O discurso afirma que a preservação do patrimônio histórico contribui para a preservação ou para o reforço de uma identidade cultural, ou para a preservação histórica. No entanto, nem identidade, nem memória coletiva, nem preservação da tradição, nas sociedades modernas e contemporâneas, têm autonomia ou natureza própria. A especificidade destes processos conflui para questões bem localizadas historicamente. Falar de preservações de bens culturais, qualquer que seja o sentido da expressão, pressupõe sempre um desejo de atividade cultural. No entanto, as identidades sempre transitórias, são politicamente mantidas e se transformam socialmente, a identidade pode ser esquecida, abandonada, perdida,

ou inventada. Sendo assim, o processo de criação de identidade é um processo de criação de imagem, dentro dos propósitos que se abrem em sua própria contemporaneidade.

Deste modo foi possível identificar nos relatos de ambas as etnias, que os grupos folclóricos são vistos como os pilares que sustentam a cultura no município, as pessoas que integram os grupos não são todas componentes da mesma etnia, isso implica na transformação da cultura, talvez na identidade do grupo, onde não se visa mais manter a cultura ucraniana que fora trazida pelos antepassados, mas manter uma cultura que identifique os poloneses, que identifique os ucranianos.

Com o passar dos anos e a influência da sociedade moderna a cultura tende a se modificar, e com isso a identidade tanto individual como coletiva também sofre modificações. Sendo assim identifica-se que não há mais o mesmo comprometimento e isso reflete numa cultura elitizada, cultura adaptada, deste modo não se pode falar de seguidores da cultura eslava, mas em fazedores da cultura eslava, levando em consideração que a cultura é mutante, e frequentemente ocorrem modificações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizada análise bibliográfica a respeito do tema trabalhado e principalmente das fontes orais, algumas considerações a cerca da problemática do trabalho podem ser apresentadas.

Primeiramente percebe-se que os imigrantes poloneses e ucranianos que vieram para Rio Claro do Sul (atual distrito de Mallet), tinham como principal objetivo fugir dos problemas territoriais, econômicos, sociais e culturais que vinham enfrentando em seus países de origem, devido ao longo período de invasões históricas que haviam sido submetidos.

Os poloneses durante o período em que tiveram seu território ocupado pela Rússia, Prússia e Áustria, além de viverem em situação de miséria, eram influenciados a deixar de lado sua cultura e assimilar a cultura dos invasores. O mesmo aconteceu com os ucranianos que como os poloneses tiveram suas terras ocupadas e enfrentavam a desproporção, devido às invasões causadas por vários países, inclusive pelos poloneses que se apoderaram de seu território durante o século XVI, ocuparam grande parte das terras e impuseram a sua cultura ao povo ucraniano.

A situação econômica, política e social em que se encontravam na Europa eram precárias, assim ambas as etnias com o intuito de buscar melhores condições de vida, acreditaram nos agentes das companhias de colonização a respeito das facilidades que encontrariam no Brasil. Com a esperança de conseguir novas terras para desenvolver as suas atividades agrícolas e recuperar a identidade cultural, os poloneses atravessaram o oceano e aportaram em terras brasileiras, estabelecendo-se na Colônia Rio Claro do Sul. O mesmo aconteceu com os ucranianos, que assim como os poloneses foram influenciados pelos agentes da campanha imigratória, e acreditavam conseguir grandes extensões de terras para formar a comunidade ucraniana.

Além disso, foi possível identificar nas referências bibliográficas a respeito do período imigratório que os poloneses e ucranianos imigrantes para região de Mallet eram povos que viviam sob a dominação de outros países, mas em terras brasileiras mantinham o objetivo de se superar uns frentes os outros. Os poloneses por terem se instalado alguns anos antes na região pretendiam manter a liderança no local. Da mesma forma, os ucranianos vieram com os mesmos objetivos dos

poloneses: recuperar a liberdade e conquistar novas terras. Ao se depararem com os poloneses já estabelecidos na região criaram aversão aos mesmos, pois em seus imaginários se viam novamente nas mãos dos poloneses, como havia acontecido no decorrer do século XVI. Com o intuito de se diferenciar e preservar a cultura que fazia parte da sua história estabeleceram novamente as fronteiras étnicas, as quais acabaram se perpetuando em seus imaginários, de modo que não conseguiram se libertar de seus esquemas de pensamento, mantendo-se afastados, optando em manter distinções quanto à língua, cultos religiosos, e principalmente na área cultural.

As duas etnias desenvolveram seus aspectos culturais durante quatro décadas, principalmente na área religiosa e educacional, as aulas nas escolas eram proferidas em língua ucraniana e polonesa, com o objetivo de manter a língua de seus países de origem. Porém com a Campanha de Nacionalização durante a Era Vargas, ambas as etnias foram influenciadas a adotar a cultura nacional, sendo obrigado a abandonar a cultura de seus países de origem, fato que levou a opressão da cultura, sendo deixada de lado durante um longo período.

Mesmo não acontecendo manifestações culturais após o nacionalismo de Getúlio Vargas, os poloneses e ucranianos continuaram mantendo-se afastados. Esse distanciamento acontecia de maneira inconsciente, apresentando-se mais expressivo entre as pessoas que possuíam menos conhecimento, pois ao serem questionadas não sabiam responder os motivos pelos quais se mantinham afastados da outra etnia, mas na atualidade esses descendentes alegam manter o que lhes foi repassado de geração para geração, mantendo esta rivalidade como meio de preservar a etnia intacta, sem se misturar com a rival, mesmo a cultura que era vista pelos mesmos como um meio de diferenciação não ser praticada durante um longo período, as fronteiras étnicas não deixaram de existir entre as etnias polonesa e ucraniana conforme o depoimento de alguns descendentes.

Porém ressalta-se que foi possível identificar que as fronteiras abordadas pelos descendentes é algo a ser estudado, talvez em pesquisas mais aprofundadas, levando em consideração que essas mesmas fronteiras que foram afirmadas por parte dos descendentes é vista de maneira flexível por outros descendentes entrevistados. O que foi possível perceber que a fronteira se encontra mais concretizada para as pessoas que possuem menos conhecimento, para os

depoentes que já possuem mais informações sobre a imigração, as fronteiras encontram-se mais flexíveis que no período imigratório.

Em relação às festividades, pode-se dizer que durante a realização das festas populares, lugares propícios para a socialização da população regional e local, não acontecia à participação de ambas as etnias. Conforme o relato de Odenir Antunes dos Santos, nas festas organizadas pela etnia polonesa não havia participação ucraniana, o mesmo acontecia quanto às festividades organizadas pelos ucranianos, quando os descendentes de poloneses insistiam em participar das festividades ucranianas não eram bem aceitos pelos mesmos.

Tendo como objetivo promover a socialização das etnias presentes no município, Odenir Antunes dos Santos ressaltou que no período que trabalhava como jornalista da prefeitura de Mallet, optou em organizar uma festividade que visasse aproximar as etnias polonesa e ucraniana, na qual também participaram os descendentes de italianos e alemães, presentes em menor número no município.

A Festa das Nações que aconteceu no dia 12 de setembro de 1993, foi vista como o primeiro grande evento que após a instalação dos eslavos na região, reuniu os mesmos no mesmo ambiente, que até então não acontecia no mesmo espaço social. Durante a festa foi apresentada a cultura das etnias presentes, como a dança folclórica, trajes típicos e comidas típicas.

Conforme alguns depoentes foi um momento em que aconteceu uma convivência harmoniosa entre as etnias, principalmente o entrosamento entre as pessoas que preparavam as comidas típicas. Outros alegaram que as fronteiras se faziam presentes, mas a hostilidade foi camuflada onde o espírito de competição estava presente no imaginário dos participantes, os quais objetivavam se concentrar no preparo de alimentos e na organização da dança para fazer o melhor e se superar diante da etnia rival.

Conforme as informações levantadas, a festa mobilizou grande parte da sociedade, foi um grande evento, mas que aconteceu uma única vez. Assim sendo ressalta-se que se torna difícil um posicionamento em relação a não continuidade da Festa das Nações, mas é possível apontar que a falta de comprometimento cultural e a formação de fronteiras entre os grupos folclórico polonês e ucraniano podem ter sido um dos principais motivos pelos quais não aconteceram novas edições.

Em primeiro lugar levanta-se o questionamento em relação ao organizador da Festa das Nações. Como era uma festa que ressaltava a cultura das etnias

participantes era fundamental que as pessoas envolvidas na organização fossem participantes das etnias que se faziam presentes, no entanto o organizador é de descendência índio-brasileira, não tendo ligação com a cultura das etnias participantes. Além disso, levantou-se a informação que houve desvios financeiros e o lucro esperado com a realização do evento não foi alcançado, fato que desestimulou a organização de novas festas.

Nesse sentido, a festa organizada com o objetivo de socialização e apresentação dos aspectos culturais pode ser interpretada como uma mercadoria cultural, onde objetivavam somente o lucro, mas não houve interesses culturais. O comprometimento cultural seria necessário para que fossem realizadas novas edições, porém após o evento com a formação dos grupos folclóricos visava-se a superação do grupo folclórico polonês e do grupo folclórico ucraniano, de acordo com os depoentes acontecendo um isolamento maior entre essas etnias.

Deste modo a Festa das Nações não pode ser vista como um marco para a reinvenção da cultura polonesa e ucraniana no município como alegaram alguns depoentes, mas foi para a realização da mesma que foram formados os grupos folclóricos, os quais procuram manter alguns aspectos culturais de seus antepassados, buscando se sobressair diante do outro grupo, talvez não por ser de etnia contrária, mas num objetivo de competição grupal, não sendo atraente para os mesmos organizar uma festa que vise a socialização.

Sendo assim, ao se analisar a identidade de um grupo de pessoas é preciso retornar ao passado e compará-lo com o presente. Em Mallet, principalmente no interior dos grupos folclóricos, não aconteceu apenas a formação de uma nova identidade, mas sim a adaptação e a transformação, organizadas em torno de um conjunto de valores que se encontram no imaginário das pessoas com código específico de auto identificação.

Conforme alguns depoimentos, no período da realização da Festa das Nações, a fronteira entre os grupos folclóricos ainda não se apresentava de maneira acentuada. A partir das primeiras apresentações a rivalidade e o objetivo de superação foram reafirmados, cada grupo visava estabelecer o seu padrão ideal para se diferenciar. Para tanto as pessoas que fazem parte do mesmo não precisam pertencer à etnia do grupo folclórico, mas é preciso defender a identidade do grupo.

Deste modo se unir em torno da realização da Festa das Nações não fazia sentido para os grupos folclóricos vistos como propagadores da cultura eslava.

Estes não buscam manter a identidade cultural de suas etnias, mas a identidade dos próprios grupos, através das apresentações de danças folclóricas, porém sendo estas realizadas separadamente.

Se unir em prol de uma cultura talvez não faça sentido para dois grupos de pessoas de diferentes etnias, no qual a superação é o principal fator que mantém a identidade polonesa e a identidade ucraniana, mesmo que modificada. Para que a Festa das Nações tivesse continuidade não era fundamental somente o apoio político como alegado por membros das etnias, mas sim a união dos dois grupos folclóricos, já que ambos são vistos como representantes da cultura eslava, que infelizmente em seus imaginários carregam a vontade de superação, talvez devido ao imaginário voltado as invasões históricas que aconteceram ainda no território europeu, ou ainda pode ser uma simples competição, cujo objetivo é manter a identidade grupal.

GLOSSÁRIO

Barst: sopa de repolho e beterraba.

Glonke: charutinho de repolho e quirera de tatarca.

Jimne nohe: geleia de porco.

Korovai: pão doce com frutas cristalizadas, arredondado e decorado, servido durante a festa de casamento.

Kuthiá: prato natalino preparado com grão de trigo cozido com mel, semente de papoula e nozes.

Pêssanka: Ovos pintados com os quais as pessoas presenteiam outras.

Pirogue: pastel frito de requeijão.

Vareneke: pastel cozido de requeijão.

FONTES ORAIS

CHOMA, Andreiv. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14.

CHOMA, Paulo. Ucraniano. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen, em 07/04/13.

FLENIK, César Loyola. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 16/03/14.

HARMATIUK, Rozeli Natália. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/02/14.

KOSLINSKI, Maria Anizia. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 30/01/14.

LOPACINSKI, Gleise. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen, em 07/04/13.

MATIOSKI, Irene. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/10/13.

PRSYBYSZEWSKI, Tereza. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 10/02/14.

SANTOS, Lucas Antunes dos. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14.

SANTOS, Odenir Antunes dos. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 26/05/2013.

SZINVELSKI, Maria Margarete Grden. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 07/04/14.

VANDROVIESKI, Waldinéia. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 29/01/14.

WRONSKI, Guiséia de Almeida. Entrevista concedida a Inês Valéria Antoczecen em 04/02/14.

IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.

Andreiv Choma: 30 anos. Nasceu na cidade de Curitiba, descendente de ucranianos por parte dos pais e dos avós maternos e paternos. Reside em Mallet desde criança e ainda pequeno começou a participar como dançarino dos Grupos Folclóricos Mazury e Spomen. É formado em Direito e cursou mestrado voltado as danças ucranianas no Canadá. Participou como observador na Festa das Nações, devido sua pouca idade não participou como dançarino, sendo que no período não tinha grupo infanto-juvenil. Atualmente é coreógrafo do Grupo Folclórico Spomen e praticante da cultura ucraniana. Sua família ainda preserva as tradições natalinas, de Páscoa, alimentação e principalmente a língua ucraniana para se comunicar.

Paulo Choma: 73 anos. Nasceu no município de Mallet, morou na Colônia Seis, município de Mallet durante sua juventude, onde trabalhou como agricultor. Descendente da etnia ucraniana por parte dos pais e avós, os quais eram imigrantes provenientes da Ucrânia. Após seu casamento mudou-se para o centro da cidade onde reside até os dias atuais. Participou da Festa das Nações como observador, é praticante da cultura ucraniana e preserva as tradições dos imigrantes ucranianos. Durante suas entrevistas relatou sobre as fronteiras étnicas entre descendentes de poloneses e ucranianos no período anterior a Festa das Nações, contribuindo com relatos a partir da sua experiência, assim como através das lembranças que foram repassadas para o mesmo por seus pais e avós.

César Loyola Flenik: 68 anos. Nasceu em Ribeirão do Pinhal no Norte do Estado do Paraná. Descendente de poloneses por parte dos pais e avós, casado com Arilza Loyola Flenik a qual é descendente de ucranianos. Reside no município de Mallet a 58 anos, trabalhou como locutor de rádio da qual era proprietário e foi prefeito do município durante três mandatos (12 anos). Era prefeito municipal no período da realização da Festa das Nações e trabalhou de maneira efetiva auxiliando na organização, auxiliou com apoio financeiro para os grupos folclóricos e na compra dos produtos que foram utilizados no preparo dos alimentos típicos. Também auxiliou financeiramente na construção da estrutura física como: palco e barracas nas quais eram vendidos artesanatos. Atualmente é aposentado e ainda pratica a cultura polonesa e ucraniana principalmente na parte da alimentação.

Rozeli Hlusko Harmatiuk: 50 anos. Nasceu no município de Mallet. Descendente de pais e avós descendentes de imigrantes ucranianos. Residiu na Colônia Cinco, município de Mallet durante sua juventude onde desenvolvia o trabalho agrícola. Após o casamento mudou-se para o centro da cidade onde era proprietário de uma loja de produtos voltados a apicultura. Durante a Festa das Nações participou como observadora, assim como também auxiliou na organização do Grupo Folclórico Spomen, no qual seu filho e sua filha participaram como dançarinos durante vários anos. Atualmente auxilia o Grupo Folclórico Spomen principalmente na parte dos trajes típicos e também trabalha com pintura de pessankas. Preserva as tradições natalinas, de Páscoa e no preparo de comidas típicas durante os eventos realizados pelo grupo folclórico ucraniano.

Maria Anizia Koslinski: 57 anos. Nasceu na cidade de Mallet, local que reside até os dias atuais. Descendente de ucranianos por parte dos pais e avós. Seus avós maternos e paternos são imigrantes provenientes do Estado de Kiev da Ucrânia, é praticante da língua ucraniana. Participou da Festa das Nações como observadora. Sempre participou da cultura ucraniana na parte da culinária, onde auxilia no preparo dos alimentos típicos da cultura ucraniana servidos durante os eventos realizados pelo grupo folclórico ucraniano e também trabalha no preparo de korovai para os casamentos de descendentes de ucranianos.

Gleise Lopacinski: 72 anos. Nasceu em Mallet, local onde reside até o momento. Descendente de pais poloneses participou da Festa das Nações como observadora e auxiliou com o espaço físico para o treinamento do Grupo Folclórico Mazury, no período anterior a festa. É professora aposentada, participou efetivamente da cultura polonesa, desenhou a Bandeira de Mallet e é praticante da cultura polonesa principalmente na culinária. Atualmente é proprietária de Loja de eletrodomésticos e móveis. Nas entrevistas abordou de maneira significativa sobre as fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos no período anterior a Festa das Nações, expondo o que vivenciou nas festas, missas, escolas e na loja onde trabalha.

Irene Matioski: 85 anos. Nasceu no município de Mallet, onde reside até os dias atuais. Descendente da etnia polonesa por parte dos pais e avós, seus avós eram

provenientes da Polônia. Há 54 anos é proprietária do Supermercado Matioski. Participou da Festa das Nações como observadora, é praticante da cultura polonesa e preserva as tradições dos imigrantes poloneses. Durante suas entrevistas relatou sobre as fronteiras étnicas entre descendentes de poloneses e ucranianos no período anterior a Festa das Nações, principalmente no que se refere às festividades. Contribui com relatos a partir da sua experiência através da convivência com descendentes de poloneses e ucranianos que frequentaram seu estabelecimento no decorrer dos anos, assim como através das lembranças que foram repassadas para ela por seus pais e avós.

Tereza Prsybyszewski: 69 anos. Nasceu no Distrito de Dorizon, município de Mallet, atualmente reside no centro de Mallet. Descendente de imigrantes ucranianos, seus avós paternos e maternos eram originários da Ucrânia. Professora aposentada lecionou no Ensino Fundamental. Participou da Festa das Nações auxiliando no preparo dos alimentos típicos da cultura ucraniana servidos durante os eventos e posteriormente trabalhou e trabalha no preparo das comidas típicas durante a realização dos eventos organizados pela Paroquia Sagrado Coração de Jesus (Rito Ucraniano) e nos eventos organizados pelo Grupo Folclórico Spomen. Preserva as tradições natalinas, de Páscoa e no preparo de comidas típicas. Ainda produz korovais decorados para os casamentos de descendentes de ucranianos.

Lucas Antunes dos Santos: 29 anos. Nasceu na cidade de Ponta Grossa e reside no município de Mallet há 21 anos, descendente de poloneses por parte da mãe e dos avós maternos, filho do organizador da Festa das Nações. Com 10 anos de idade iniciou como dançarino do Grupo Folclórico Mazury no qual participa até a atualidade. É formado em Física, leciona na Rede Estadual de Ensino. Participou como observador na Festa das Nações, e atualmente é coreógrafo do Grupo Folclórico Mazury e praticante da cultura polonesa, principalmente na culinária e nas danças típicas.

Odenir Antunes dos Santos: 61 anos. Nasceu em Ponta Grossa e mudou-se para Mallet onde reside há 22 anos. Descendente de índios. Casou-se com Benigna Chimanski, natural de Mallet e descendente de poloneses por parte dos pais e avós. Trabalhou como radialista na Radio Clube de Mallet e como jornalista na Prefeitura

Municipal de Mallet. Foi o organizador das Festas do Motorista que eram realizadas na década de 1980 e foi o principal organizador da Festa das Nações. No dia da Festa trabalhou filmando e fotografando o evento. Na atualidade é praticante da cultura polonesa devido aos hábitos de sua esposa que é descendente de poloneses e trabalha de maneira efetiva na organização dos trajes do Grupo Folclórico Mazury.

Maria Margarete Grden Szinvelski: 55 anos. Nasceu em Rio Azul, e mudou-se para Mallet onde reside há 35 anos. Descendente de pais poloneses, seus avós paternos e maternos eram emigrantes da Polônia. Trabalha como extensionista municipal da EMATER. Foi responsável pela formação do Grupo Folclórico Mazury e participou da Festa das Nações de maneira direta, auxiliando nas apresentações do Grupo Folclórico Mazury, assim como na montagem das barracas que vendiam artesanatos da cultura polonesa. Atualmente não possui ligação direta com o Grupo Mazury, mas trabalha com artesanatos da cultura polonesa, organizando cursos principalmente para senhoras que residem na área rural. Através dos cursos oferecidos por intermédio da EMATER, vários produtos da cultura polonesa são confeccionados, os quais são comercializados no Chalé do Produtor na cidade de Mallet.

Waldinéia Vandrovieski: 38 anos. Nasceu em Mallet, local onde reside até o momento. Descendente de pais poloneses participou da Festa das Nações como dançarina do Grupo Folclórico Spomen. Apesar de ter descendência polonesa, participou do Grupo Folclórico Spomen porque no período fazia parte do Grupo de Jovens da Igreja Sagrado Coração de Jesus (Rito Ucrainiano), porém afirmou ter sofrido resistência das pessoas mais velhas. Atualmente faz parte da diretoria do Grupo Folclórico Mazury, no qual seu filho de 12 anos participa como dançarino. Além de participar como dançarina no decorrer do evento participou na organização dos trajes para a festa e trabalhou na montagem da barraca na qual eram vendidos os produtos da cultura ucraniana. Formada em História, leciona no Ensino Fundamental I e atualmente é Secretária de Educação no município de Mallet.

Guiselia de Almeida Wronski: 67 anos. Nasceu em Pinaré, Cruz Machado e, há 61 anos reside no centro do município de Mallet. Descendente de imigrantes poloneses

por parte dos pais maternos. Seus avós eram imigrantes originários da Polônia. Professora aposentada lecionou no Ensino Fundamental e Médio e trabalhou no curso de língua polonesa. Participou da Festa das Nações auxiliando na formação do Grupo Folclórico Mazury e foi a responsável por escolher o nome para o grupo. Atualmente trabalha auxiliando o Grupo Mazury com os trajes, no preparo dos alimentos típicos da cultura polonesa servidos nos eventos organizados pelo Grupo Folclórico Mazury. Frequentemente viaja para a Polônia, possui contatos diretos com o Consul da Polônia no Brasil, é autora de vários artigos sobre a cultura polonesa. Preserva as tradições natalinas, de Páscoa e no preparo de comidas típicas, artesanato e principalmente a língua, a qual busca ensinar para os integrantes do Grupo Folclórico Mazury.

REFERENCIAS.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**; tradução: Denise Bottmon. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana – 1895-1995**. Curitiba Aos Quatro Ventos, 1999.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In. POUTIGNAT, P & STREIFF- FENART, J. Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. Enciclopédia Einaudi (ed. Portuguesa, Imprensa Nacional) Casa da Moeda, 1985.

BEZI, Meri Lourdes. **Região: desafios e embates contemporâneos**. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=cache:Pv6ueTat5UJ:www.sei.ba.gov.br/imagens/publicacoes/sumario/sep/sumariosep67.pdf+regi%C3%A3o:desafios+e+embates+contemporâneos&h=pt> acessado em: 01-10-2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Trad. Org. e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectivas, 2004.

_____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUCHMANN, Elane Tomiich. **A Trajetória do Sol**. 2ª. Ed. Curitiba: Fundação Cultural. 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Paz e Terra. São Paulo, 2002.

CARDOSO, Roberto de Oliveira. **Caminhos da identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo, 2006.

CONZEN, Kathleen et al. **The invention of ethnicity: a perspective from the USA**. *Journal of American History*, Fall, 1992. (Tradução de Eunice Sueli Nodari).

COSTANERO, Eliane Crestiane Lupepsa. **Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, PR, 1936 – 1976**. Irati: Unicentro, 2013 (Dissertação de Mestrado em História).

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DEINA, Mario. **Colônia Rio Claro: esta terra tem história**. Curitiba, s/e. 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs; capitalismo e esquizofrenia. In: HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. (orgs). **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. (orgs). **O grande teatro público: Oktoberfest (A construção cultural de uma festa municipal)**. In. *Revista Catarinense de História*, Florianópolis: Editora Insular, 1995.

FLORIDO, Janice. **Brasil 500 Anos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

FRANKÓ, IVAN. **Para o Brasil**. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana. 1981.

GRENTESKI, Francile e SIEKLINSKI, Mario Aleixo. **Inventário Turístico**. Mallet: s/e. 2002.

GRYCZYNSKA, Monika. **O casarão da Serra: a saga dos imigrantes poloneses e seus descendentes no Paraná**. 21ª ed. Curitiba, Vicentina, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil**. Tradução de Mariano Kawka. Porto alegre, 2005.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

HANDELMAN, D. The organization of ethnicity. Ethnic Groups, v.1. In: POUTIGNAT, P & STREIFF- FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

HANEIKO, Valdomiro. **Uma centena de Luz**. Curitiba: Editora Kindra, 1985.

HOBBSAWM, Eric, **A invenção das tradições**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. 1ª. ed., Uniporto: Porto União, 1989.

IAROCHINSKI, Ulisses. **Saga dos Polacos**. 20ª. ed. Curitiba, s/e., 2000.

KOZLINSKI, Daniel e MURAN, Sidnei. **Centenário**. Mallet: Paróquia Sagrado Coração de Jesus, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, 10ª ed. Jorge Zahar, 1986.

MENEZES, U.B.; CARNEIRO, H. **A história da alimentação: balizas historiográficas**. Anais do Museu Paulista. São Paulo: 1997.

MORAIS F °, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília. D F: Senado Federal, 2002.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba : SEED, 2001.

NEVES, Margarida de Souza. História e memória : os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org). **Ler e escrever para contar – Documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

RIBEIRO, Erick Delgado. Identidades em movimento: questionamento acerca de construções de identidades culturais e étnicas em condições contextuais de deslocamentos. In: O'DWYER. Eliane Cantorino. **Processos identitários e a produção da identidade étnica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

PATTERSON, O. Context and Choice in Ethnic. Allegiance: a Theoretical Framework and Carribean Case Study. In: POUTIGNAT, P & STREIFF- FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

PATLAGEAN, Evelyne. **A História do Imaginário**. In: GOFF, Le A Nova história. São Paulo, 1994.

POTOTSKEY, Teodoro. **Carta aos imigrantes ucranianos nos EUA**. Publicada originalmente no jornal Svoboda, Nova York, 1897.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Ilhas cercadas por todos os lados: ucranianos, poloneses e brasileiros em Prudentópolis**. Disponível em: <http://unifacef.com.br/novo/publicacoes/Iforum/Textos%20EP/Odinei%20Fabiano.pdf> Acesso em 23/07/2013.

_____. **Ucranianos, poloneses e brasileiros: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/ PR**. 2006. 131 f. (Dissertação em História) – Usininos, São Leopoldo.

SANTOS, Lucas Antunes dos. **Guia Cultural**. Mallet, 2014.

SCHÖRNER, Ancelmo. **O arco-íris encoberto - Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas**. Joinville: Oficina Comunicações, 2000.

SCHNEIDER, C. R. **“Do cru ao assado”:** a festa do boi no rolete de Marechal Cândido Rondon. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e (RE) construção de identidades étnicas. In: Neto, Hélio Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs) **Cruzando Fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro, Renan, 2005.

SIMPSON, G. W. **Ucrânia: Um atlas da sua História e Geografia**. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1953.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. Compreenda a Trama. In: **Revoluciona**. Como se escreva a história e Foucault a História: UNB, 1998.

ANEXOS

FICHA DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA Nº.....DIA:.....IDADE:.....

NOME:.....ETNIA:.....

- 1 – Qual foi a sua participação na Festa das Nações?
- 2 – Qual foi o objetivo em realizar a festa?
- 3 – Em qual grupo folclórico participou?
- 4 – Como foi à formação dos grupos folclóricos?
- 5 – Por que os grupos foram formados para a festa e não antes?
- 6 – Quantos grupos participaram da Festa das Nações?
- 7 – A festa foi importante para resgatar a cultura polonesa e ucraniana no município ou não?
- 8 – De acordo com alguns relatos, a Festa das Nações foi organizada com o objetivo de aproximar as etnias polonesa e ucraniana que viviam em desarmonia. Em sua opinião, é verdadeira essa hipótese?
- 9 – Como foi o relacionamento das etnias polonesa e ucraniana no decorrer da festa?
- 10 – Como os grupos folclóricos passaram a se relacionar depois da Festa das Nações? Houve a esperada aproximação ou aconteceu o distanciamento entre eles?
- 11 – A Festa das Nações foi importante para o município? Por quê?
- 12 – Por que não foram realizadas novas edições da Festa das Nações?
- 13 – Quais foram às comidas típicas degustadas durante a Festa das Nações?
- 14 – Uma etnia degustava a comida da outra ou cada etnia degustava a sua?
- 15 – Por quem foram preparados os alimentos servidos durante o evento?
- 16 – Como você vê a convivência dos poloneses e ucranianos? Eles vivem em harmonia no município?
- 17 – Para você, como foi a Festa das Nações? Foi importante ou não? Por quê?
- 18 – Como se encontra a cultura polonesa e ucraniana nos dias atuais?
- 19 – Quais são as comidas típicas ucranianas e quais são as polonesas?
- 20 – o que faz parte da cultura polonesa e ucraniana?

21 – O que é cultura polonesa/ucraniana?

22 – A cultura polonesa assimila traços da cultura ucraniana? A cultura ucraniana assimila traços da cultura polonesa?

23 – Você sabe qual o significado da dança folclórica para a etnia? Para a cultura?

24 – Você mantém os costumes de seus antepassados? Quais?

25 – Você frequente a igreja de sua etnia?

26 – o que você ainda mantém da cultura de sua etnia?

27 – Em sua opinião, os descendentes de sua etnia ainda mantêm as tradições culturais? Quais?

28- Percebe-se que nos grupos folclóricos, polonês e ucraniano, há presença de pessoas que não fazem parte da etnia. Em sua opinião, isso não interfere na identidade do grupo?

Obrigada pela colaboração!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Inês Valéria Antoczecen

INFORMAÇÕES SOBRE O ENTREVISTADO

Data da entrevista:...../...../.....

1 – Nome completo:.....

2 – Idade:.....Data de nascimento:/...../.....

3- Profissão:.....

4 - Local de nascimento:.....

5 – Local de residência:.....

6 – Tempo de residência no município:.....

7 – A que etnia pertence:.....

8 – Estado civil:.....

9 – A que etnia pertence sua esposa/marido:.....

10- Local de nascimento dos pais:

a) Pai:.....b) Mãe:.....

11- Local de nascimento dos avós maternos:

a) Avô materno:b) Avó materna:.....

12- Local de nascimento dos avós paternos;

a) Avô paterno:.....b) Avó materna:.....

13 - Domina o idioma de sua etnia?

.....

14 – Nome completo do pai:

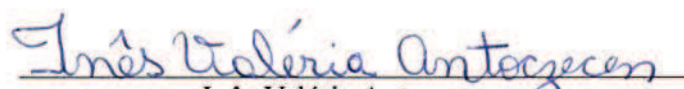
.....

15- Nome completo da mãe:

.....

- (X) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.
- () Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 23 de abril de 2015.


Inês Valéria Antoczecen